5
Metodologia

5.1
Constituição do universo de estudo

Comumente, a formação de coletividades pressupõe a realização em torno de um ideal. Na unidade em que realizei a intervenção por meio da imagem, a formação do grupo ocorreu em razão da distribuição de leite. O contingente de pessoas que se prontificou às atividades não se constituiu para atender aos objetivos deste estudo, ou seja, trata-se de uma grupalidade em funcionamento, da qual continuo participando. Cabe salientar que, em relação à reflexão das questões expressas durante aproximadamente duas décadas, foi necessário estabelecer um novo lugar de pertencimento para esta grupalidade, pois, além da prática de intervenção, passei a ocupar o lugar de investigador.

O grupo em estudo se compõe, em sua maior parte, de mães, na faixa dos 17 aos 35 anos (idade média de 25 anos), sem qualificação profissional, residentes nas favelas da Rocinha e de Vila Canoas, no bairro de São Conrado, Rio de Janeiro. A maior parte do grupo mora em casa própria; estas casas são denominadas de barracos, construídas de forma geminada, no morro, com precariedade de espaço, de grau de acabamento da construção e de serviços de água e esgoto; o nível de escolaridade médio do grupo gira em torno da 3ª série primária; o número médio de filhos é de três por família; a maior parte dos filhos em idade escolar estão matriculados na escola; o relacionamento conjugal destas mulheres com o mesmo parceiro, em média, é de quatro anos; a renda média de cada família é de dois salários mínimos. São, em sua maioria, donas de casa. Uma particularidade do relacionamento conjugal dos participantes do grupo é de união não legalizada, o que pode refletir um tipo de conscientização sobre as questões de responsabilidade das funções parentais, geralmente ficando para as mães o encargo do cuidado dos filhos.

Outra característica dos participantes do grupo, em sua maioria, é a expectativa de que a escolarização dos filhos possa reverter-se, futuramente, numa

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

melhoria de condições de vida: melhoria de suas habitações, aquisição de bens de consumo que os insiram na realidade difundida pela mídia; aumento das finanças através do trabalho, que possibilite o acesso a serviços de atendimento (saúde, educação e transporte), na qualidade de cunho privado. Por outro lado, para os adultos, há uma demanda imediata de trabalho, sem alusão à qualificação profissional, para uma mudança de vida também imediata. Predomina, neste sentido, a expectativa de respostas mais a curto prazo.

5.2
Dinâmica do Funcionamento

Foi explicitado ao grupo que algumas questões chamavam a atenção neste trabalho da Pastoral e que gostaria de procurar entendê-las, estudando-as com maior dedicação. As questões principais eram: a fila de espera sempre acima de cem pessoas; o desejo, por parte dos integrantes do grupo, de que o trabalho continuasse por mais tempo; vários ex-participantes que voltam a procurar a Pastoral, como ponto de referência diante de questões da vida em geral; pessoas que gostariam de continuar no grupo, mesmo sem receber o leite.

Coloquei que, ao fazer parte de um grupo de pesquisa, que estuda a construção do conhecimento através da imagem, gostaria de estudar o conhecimento que era produzido no grupo da Pastoral também utilizando imagem. Além das imagens que já usávamos através de vídeos, que complementam os temas sobre a psicologia do desenvolvimento, havíamos pensado em introduzir a imagem do próprio grupo, ou seja, as reuniões seriam gravadas e a discussão se daria a partir destas imagens. O estudo a ser realizado focalizaria o movimento do grupo (conversas, comportamentos e atitudes) a partir da introdução da imagem dele mesmo.

Todos os passos da introdução da câmera foram discutidos abertamente com o grupo, assim como eu o convidava sempre a participar da montagem da câmera e do processo de filmagem. Neste momento, evidenciaram-se duas funções: a construção da imagem pela filmagem e a coordenação do grupo, funções em relação às quais constatei não poderem ficar a cargo de uma mesma pessoa. Como não dispunha de um circuito fixo na produção de imagens, contei com a ajuda de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

um profissional voluntário[1], que se tornou integrante ativo da Pastoral, pois realizou semanalmente a filmagem do grupo. Até a última filmagem, nenhum membro do grupo se interessou em manusear a máquina durante a videogravação, mas eles se disponibilizavam a transportar a máquina desde a sala até o meu carro, e vice-versa[2].

As primeiras filmagens foram realizadas no modo de funcionamento de palestras. Primeiras, no plural, porque considero as filmagens iniciais, em função do aprendizado com a máquina, apenas encontros de ensaio. Foram produzidas, por exemplo, imagens muito escuras, imagens sem som, som sem imagem, imagens muito chuviscadas, ou muito claras, ou muito distantes, ou muito grandes. Enfim, o aprender a operar a máquina foi-se fazendo a cada reunião. Na medida em que esta imagem foi introduzida, para os participantes falarem a partir dela, a palestra foi desaparecendo e a reunião era iniciada com a imagem do próprio grupo. Geralmente, iniciava-se a reunião com a imagem da reunião da semana anterior.

Vários comentários, por parte do grupo, sobre a imagem em si, foram inicialmente colocados em função deste aprendizado com a máquina[3]. Também fizeram associações com as gravações das novelas, em que, às vezes, é necessário um dia inteiro de filmagem e refilmagem de uma cena, até chegarem à imagem mais perfeita. Surgiram, aqui, questões em relação à edição, à construção e à montagem das imagens veiculadas na televisão e no cinema.

Nota-se que, com a introdução da imagem, os participantes do grupo, de modo geral, procuram encontrar-se durante a exibição do vídeo. Neste momento, verifica-se uma maior atenção do grupo, com comentários com o vizinho sobre as imagens.

O grupo parece ficar mais alerta com a imagem, onde se podem observar risos e olhares atentos. Tinham muito interesse e achavam muita graça quando a imagem estava em velocidade, tanto para a frente quanto para trás, na rebobinagem da fita, ou quando se queria encontrar uma fala ou uma imagem específica no vídeo.

---

[1]Jean Marques, engenheiro aposentado.
[2]A câmera de gravação pertence ao patrimônio da PUC/RJ.
[3]A referência aos acontecimentos daquele espaço foi estendida para a compreensão do cotidiano, em termos de produção, através dos diversos usos da imagem.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Após a exibição do vídeo, precisava-se, na maior parte das vezes, solicitar comentários. Observou-se, portanto, uma grande inibição para falar ao microfone. Aos poucos, a questão do microfone virou tema de discussão e seu uso se deu mais tranqüilamente. O grupo chegou à conclusão de que ele inibe, mas, por outro lado, dá uma qualidade de som à imagem muito importante para o vídeo.

Verificou-se que houve comentários de um em relação ao outro, que, às vezes, eram carregados de conteúdos agressivos. Ao observar tal atitude, sempre perguntava à pessoa que recebeu o comentário como ouviu o que fulano de tal falou sobre ela(e). Quando surgia uma situação deste tipo, foi observado também que eram comentários feitos entre pessoas que tinham uma certa intimidade.

Notou-se que houve um desejo maior no grupo em expressar os seus problemas de cidadania, tais como: desemprego; falta de escola, falta de creche; a questão da necessidade de a mãe precisar ficar mais com os filhos, quando pequenos, *versus* a necessidade de ir ao trabalho; saneamento básico (lixo, esgoto), transporte escolar, violência, drogas; desobediência dos adolescentes em relação aos locais impróprios.

Após a reunião, sempre havia pessoas que vinham justificar-se, porque não falaram no grupo, mas que tinham adorado a reunião.

Houve algumas manifestações de lideranças no grupo na condução da sua própria dinâmica, na colocação de temas para discussão, assim como no interesse em me apresentar locais na comunidade (nas favelas Vila Canoas e Rocinha) para que este trabalho fosse também feito lá[4]. Houve interesse também em formar outros grupos de discussão, de formação profissional e criação de um bazar[5].

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

---

[4]Tive a oportunidade de conhecer (através da insistência de algumas pessoas do grupo), vários locais nas favelas da Rocinha e de Vila Canoas, que prestam serviço à comunidade e que estão abertos a novos trabalhos: Centro Espírita Maria de Nazaré; AMABE, local onde funciona um curso de inglês, um Laboratório de Análises Clínicas, aulas de artes marciais, dentre outras; espaço D. Uêga, onde há distribuição de enxovais para recém-nascidos, doados por um deputado; Escola Bento Rubião, onde funciona uma oficina de trabalhos manuais para deficientes físicos, sob a coordenação da FUNLAR; Escola Acadêmicos da Rocinha, onde se realizam encontros de pessoas da comunidade para assuntos diversos; Clube Umuarama, local onde se realizam várias atividades, principalmente voltadas para os jovens e crianças: reforço escolar, natação, futebol, artes marciais, dentre outros.

[5]Através da disponibilidade de três estagiárias, Aline Tatar, Aparecida Rodrigues e Sandra Marques, foi realizado, durante o período de um ano, sob minha orientação, uma oficina de bijuterias com um grupo de mulheres da Pastoral. Esta oficina se realizava com encontros semanais, onde as mulheres construíam a possibilidade de sua realização, o escoamento da produção e a possibilidade de autogestão. A oficina funcionou na quadra de tênis da Acadêmicos da Rocinha.

Observou-se que, apesar de o vídeo ser um elemento comum a todo início de cada reunião, não criou a condição de uma diretividade, isto é, não necessariamente os comentários, após a exibição do vídeo, diziam respeito aos assuntos nele focalizados.

Após a exposição do vídeo, quando não se observava nenhum comentário, era introduzida a seguinte pergunta: o que vocês têm a dizer hoje?

As intervenções no grupo eram no sentido de fazer com que os participantes dialogassem entre si, através das diferentes opiniões, dadas por eles mesmos. Procurava-se fazer ligações entre uma fala e outra, naquilo que têm em comum ou naquilo que se apresenta como diferença. Ao final de cada encontro, tentava-se fazer uma síntese do que foi colocado ali, ressaltando as falas deles mesmos, naquele dia, ou associando com falas de reuniões anteriores. Às vezes, também se faziam pontes associativas de seus assuntos com a teoria do desenvolvimento psicológico, com as reflexões da teoria crítica em relação à sociedade de consumo ou com algum conhecimento de outras disciplinas que estivessem ligadas ao tema em questão.

Constatou-se a importância de se fazer uma edição da fita gravada a cada reunião, de modo a selecionar os pontos onde as pessoas falaram ou onde houve alguma atitude que merecia ser comentada. A edição de uma fita, com duração no máximo de 10 min (dez minutos), possibilitaria um trabalho mais propício à proposta do tempo de que se dispunha com o grupo. O fato da não edição levaria o grupo a rever praticamente toda a reunião anterior, não sobrando tempo para discussão. E rebobinar a fita, até encontrar um ponto para discussão, dispersava bastante o grupo. Por ocasião de apresentações do trabalho em seminários e congressos, fizeram-se duas edições. A cada reunião, o pesquisador, previamente, selecionava as falas mais audíveis e usava o método de rebobinamento para projetá-las no momento da reunião do grupo. Às vezes, algum participante pedia para ver alguma imagem e, deste modo, ele também participava desta forma de edição das imagens. Após ter projetado algumas imagens por um tempo aproximado de dez minutos, suspendia-se o áudio e iniciavam-se os comentários. Quando ver as imagens sem o áudio desconcentrava o grupo, retiravam-se as imagens, muitas das vezes por indicação do próprio grupo. O recurso da suspensão do áudio, após os dez minutos de projeção, era tomado no sentido de

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

que todos os participantes pudessem ter acesso à sua imagem e à possibilidade de solicitar o áudio, caso fosse do seu desejo.

Acredita-se que o funcionamento desta coletividade, já caracterizada, reflete a dinâmica do funcionamento social mais amplo e com ela se articula, de modo que as preocupações e as inquietações, surgidas em decorrência do encontro grupal, se revelam teoricamente as mesmas que revestem o cotidiano ou o dia-a-dia com o qual ela se defronta. Sendo assim, gostaria de salientar que os participantes engajados nesta investigação não passaram e não estão incólumes aos acontecimentos que preenchem as páginas dos veículos de comunicação e são temas dos telejornais.

5.3
O Olhar-Vídeo

A imagem audiovisual tomada para analisar a escuta, a interlocução e a reflexão, desencadeadas pelas gravadas em vídeo dos sujeitos (mães, pais, avós e vizinhos), que participam dos encontros semanais da Pastoral, poderiam ser consideradas dentro do denominado paradigma ético-estético, que Guattari[6] usa no modelo terapêutico familiar. Neste, o coordenador do grupo se engaja, corre riscos, não hesita em considerar seus próprios fantasmas e em criar um clima paradoxal de autenticidade existencial, acrescido, entretanto, de uma liberdade de jogo e de simulacro. Nesta modalidade, a cena grupal implica uma múltipla superposição da enunciação: uma visão de si mesmo, enquanto encarnação concreta; um sujeito da enunciação, que duplica o sujeito do enunciado e a distribuição dos papéis; uma gestão coletiva do jogo; uma interlocução com os comentadores dos acontecimentos, e, enfim, um olhar-vídeo, que restitui, em *feedback*, o conjunto destes níveis superpostos.

O uso do vídeo se constituiu, nesta pesquisa, estratégia metodológica para a produção do conhecimento crítico dos participantes do grupo, assim como um recurso para a análise das narrativas produzidas no ato de escrever o texto. Trata-se de compreender a presença da câmera como um terceiro interlocutor que, necessariamente, favorece ou dificulta o surgimento de uma infinidade de

[6]GUATTARI, F. *Caosmose*, um novo paradigma estético, Rio de Janeiro: Ed. 34, 2000.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

comportamentos, expectativas e desejos, que são incorporados na forma pela qual o discurso vai sendo produzido naquele contexto específico.

A videogravação aponta para novas questões, na medida em que as possibilidades de anonimato do sujeito desaparecem. De qualquer maneira, o vídeo retira os sujeitos de um "estado de graça"[7], isto é, de não consciência. Querendo ou não, o sujeito participante da reunião de grupo com videogravação vai ser visto por ele mesmo e pelos demais participantes. Mesmo que ele não receba nenhum comentário verbal sobre si, de si mesmo ou de um outro do grupo, se terá deparado com seu próprio olhar sobre si mesmo. A imagem de si produz algo da ordem da falta, daquilo que não é, daquilo que pode vir-a-ser, da incompletude, da possibilidade de mudança, de aperfeiçoamento.

O discurso se manifesta referido a uma produção de linguagem compartilhada com pessoas e com um objeto específico, a câmera, que é vista, neste contexto, como mediadora das relações interpessoais. Deste modo, tanto o pesquisado como o pesquisador trabalham juntos sobre o tema que emerge e se desenvolve a partir da presença da câmera no grupo e das conseqüências de sua influência nas direções que o discurso vai tomando no desenrolar da pesquisa.

Qualquer instrumento técnico não substitui o pesquisador, pode-se dizer que o auxilia ou o amplia, em diferentes sentidos, pois, em última instância, neste modo de proceder, há uma "identidade entre sujeito e objeto"[8], ou seja, entre o pesquisador e o objeto de investigação. Em outras investigações, com o uso do vídeo, verifica-se uma outra direcionalidade no uso deste instrumental[9], isto é, tais investigadores utilizaram-se de procedimentos de observação em que a apreensão do observado é construída ativamente pelo observador (obviamente, baseado em seu referencial teórico, quando se trata de uma pesquisa científica). É o observador (pesquisador) quem determina as dimensões, os aspectos ou as partes do fenômeno a serem privilegiados na observação e, em última instância, constrói o próprio fenômeno, ao instituí-lo como foco de observação.

---

[7]Comentário do professor visitante Jochen Dietrich (Universidade de Coimbra) ao assistir às videogravações desta pesquisa, numa reunião do GIPS em 3/08/01 na PUC-Rio.

[8]DEMO, P. *Introdução à metodologia da ciência*. São Paulo: Atlas, 1987, p. 16.

[9]CARVALHO, A.M.A. e cols. "Registro em vídeo na pesquisa em psicologia: Reflexões a partir de relatos de experiência". *Psicologia: Teoria e pesquisa*, set./dez. 1996, vol. 12, nº 3, pp. 261-267.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Portanto, o uso do vídeo não resolve os dilemas epistemológicos fundamentais. Constitui-se em um recurso técnico e meio de intervenção, cujo modo de utilização independe dos procedimentos de recorte e análise de dados.

Na utilização do vídeo, nesta pesquisa, como meio de intervenção, tem-se a esclarecer que: a) a metodologia de trabalho tem de ser considerada como um processo em construção, em função das circunstâncias relativas ao encontro do pesquisador com o pesquisado; b) os dados a serem observados se caracterizam não em termos de um mero registro, mas sim apontam para a montagem de uma história de natureza subjetiva, e c) se considera a possibilidade de mudança a partir da introdução da imagem para o sujeito.

Além do mais, uma vantagem no uso da tecnologia de vídeo é dada pela sua característica de preservação do registro no tempo, pois se tem a possibilidade de retornar ao material, de forma a repensá-lo, elaborá-lo e reelaborá-lo. A preservação do registro permite ainda que diferentes leituras se possam dar por pesquisadores de outras orientações teóricas.

Dessen[10] também sinaliza a positividade do uso do vídeo em estudos sobre interações e relações sociais no contexto do desenvolvimento humano, ressaltando que: a cópia em vídeo serve como um ponto de referência estável durante o processo de avaliação e construção das categorias, no entanto, o exame das fitas vai envolver o sistema referencial do observador; a transcrição, através do vídeo, estimula a reflexão, porque possibilita, entre outras coisas, uma reconstrução ativa do material gravado; a utilização do vídeo possibilita verificar, com clareza, pistas abstraídas de posturas, expressões faciais, olhares, entre outros aspectos.

A câmera, como mediadora na construção da consciência do espaço social e subjetivo, pode ser utilizada como modalidade de intervenção nas práticas sociais, por ser desencadeadora de processos de trocas interpessoais, construídos pelo grupo e negociados a cada momento. É utilizada como instrumento que provoca discussão em grupo, tornando a experiência coletiva *de ver e de ser visto* tema fundamental da própria investigação. Deste modo, utiliza-se a videogravação como meio para se alcançar outra visibilidade do lugar do sujeito no mundo, seus desejos e intenções, incluindo a tomada de consciência de si, causada pelo impacto que a própria imagem e a imagem do outro provocam, quando abordadas

[10]DESSEN, M.A., Tecnologia de Vídeo: registro de interações socis e cálculos de fidedignidade em estudos observacionais. Psicologia: Teoria e Pesquisa vol II n.3, 1995.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

através desta mediação técnica. Em outras palavras, a imagem técnica permite que uma pessoa se veja sob diferentes ângulos, possibilitando uma visão diversificada da sua própria imagem e da imagem do outro. A visibilidade simultânea de si e do outro, mediada pela videogravação, favorece a ampliação da consciência alteritária da presença do sujeito no mundo e possibilita a ressignificação da construção subjetiva de cada um dos participantes do grupo.

Ao introduzir a câmera de vídeo nos encontros semanais com o grupo da Pastoral, esperava-se que esta intervenção propiciasse um determinado modo *de ver e de ser visto* entre as pessoas e que este olhar, mediado pelas lentes da câmera, permitisse uma compreensão de si e do outro totalmente singular, despertando a conscientização de si e do outro, trazendo à tona questões novas para aquele grupo específico.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

5.4
Método de análise

Esta pesquisa apresenta uma peculiaridade que deve ser destacada: a dimensão processual do encontro entre o pesquisador e o grupo, na produção do conhecimento. Trata-se, portanto, de uma produção de conhecimento que acontece em duas direções complementares. Por um lado, o conhecimento que o grupo vai construindo sobre si mesmo e as particularidades que se revelam a cada sujeito, de modo singular; por outro lado, o conhecimento que o pesquisador vai construindo sobre a própria intervenção, por meio da utilização do vídeo, analisando as conseqüências desencadeadas por este aparato técnico na dinâmica de funcionamento do grupo.

Podem-se demarcar os tempos e os espaços deste processo de interação em grupo, definindo o modo como se organiza a dinâmica deste encontro da seguinte maneira:

- momento/espaço (tempo/lugar social) do pesquisador, com suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o grupo;
- momento/espaço (tempo/lugar social) de cada membro do grupo, com suas intervenções e modos de aproximação e diálogo com o pesquisador, com os outros membros do grupo e consigo mesmo;

- lugar da câmera (tempo/espaço ocupado pela câmera), que interfere na dinâmica de funcionamento do grupo como um objeto que desencadeia sentimentos, atitudes e comportamentos.

Num primeiro momento, a câmera registra o encontro do grupo, suas imagens e narrativas. O tema surge no grupo e vai-se desenvolvendo a partir das intervenções da fala do pesquisador, dos membros do grupo e do movimento da câmera, no espaço em que acontece o encontro.

O grupo analisa as imagens gravadas e discute os sentimentos, as falas e as experiências afetivas e cognitivas que foram sendo produzidas a partir da experiência *de ver e de ser visto* na tela da TV.

Embora tudo isto aconteça a partir de uma experiência global de interatividade entre pessoas e um aparato técnico, a proposta é caracterizar detalhadamente esta experiência e construir categorias para uma análise mais apurada deste acontecimento. Portanto, dois momentos diferentes de análise podem ser definidos:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A) Análise dos temas que surgem da experiência do grupo no momento de intervenção da videogravação (forma e conteúdo do discurso)

Este momento da análise se refere à própria interação grupal e ao modo como se organiza o conteúdo das narrativas, a partir das diferentes posições sociais, marcadas nos gêneros discursivos, que o pesquisador e as pessoas assumem frente à câmera. Esta análise se refere, principalmente, aos temas que surgem e ao modo como estes temas se vão constituindo no discurso, ao longo da reunião. Portanto, o que está em pauta, neste momento da análise, é o conteúdo e os gêneros discursivos possíveis no contexto do encontro.

B) Análise das imagens gravadas

Esta análise se refere às imagens gravadas e ao que elas revelam para as pessoas do grupo, no momento em que se relacionam com as suas imagens na tela da TV. Em outros termos, o que se procura evidenciar é a tomada de consciência

de si e do outro, evidenciada pelos movimentos da câmera, como, por exemplo: tomadas em *close up*, detalhes, distanciamentos, imagens em câmera lenta, imagens em velocidade, entre outros. Enfim, a possibilidade de se ver, sob diferentes ângulos, na tela da TV, permite uma outra consciência sobre o lugar que ocupa o corpo no espaço, mas também o efeito do olhar do outro sobre cada sujeito. A câmera expande a dimensão exotópica do olhar do outro sobre mim, recriando tecnicamente situações impossíveis de serem registradas pelo olhar natural. A intenção é analisar o discurso, que se evidencia através das imagens gravadas, registrando os momentos reveladores da tomada de consciência do sujeito em relação a si mesmo e em relação às trocas intersubjetivas que se desenvolvem num determinado contexto social. Destacam-se, portanto, três momentos no processo de tomada de consciência do sujeito, que são revelados pela experiência de ver e analisar imagens gravadas no grupo:

- **OUTRO PARA MIM -** situações em que o meu discurso emite uma opinião sobre o outro, ou seja, o que eu revelo ao outro do que sei sobre ele a partir do meu ângulo de visão;
- **EU PARA O OUTRO -** situações em que o outro emite uma opinião, um discurso sobre a minha pessoa, revelando a mim o que sabe sobre a minha pessoa a partir do seu ângulo de visão;
- **EU PARA MIM MESMO** – transformações que se operam em mim a partir da experiência de refletir sobre o meu discurso e o discurso alheio. Este é o momento em que a tomada de consciência do sujeito sobre si mesmo e sobre o outro acontece mediada pelas imagens gravadas e põe em evidência uma dinâmica interativa que organiza a produção de conhecimento, levando em consideração a prática dialógica e a dimensão alteritária entre o eu e o outro.

Cabe destacar que, em todos os momentos da pesquisa-intervenção, o pesquisador é um sujeito que participa, junto com o grupo, da construção de sentidos sobre esta experiência comum. Isto significa que há uma negociação permanente de produção de linguagem entre o grupo e o pesquisador, mediada pela câmera. Portanto, o pesquisador assume duas posições necessariamente, uma vez que ele é o autor do processo de intervenção, mas, ao mesmo tempo, é também um sujeito que experimenta, com o grupo, um acontecimento novo,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

propiciando possibilidades de produção de conhecimento inusitadas, tanto para o grupo como para ele (pesquisador). Esta duplicidade de posições do pesquisador, é, portanto, produtiva, pois estimula a experiência simultânea do saber e do não-saber, criando espaço para que o discurso do outro se integre ao dele, revelando as possibilidades criativas e críticas do conhecimento construído na interação com o outro. A proposta do pesquisador é, portanto, construir um conhecimento dialógico e alteritário, ou seja, um conhecimento permanentemente compartilhado.

5.5
Mapeamento de análise

A partir da inserção do pesquisador no grupo de trabalho, obteve-se um rico material, tanto em termos da produção de imagens quanto da possibilidade de produção de discurso, a partir da retomada e da apresentação das imagens. Sendo assim, os apontamentos traçados nortear-se-ão nestas duas vertentes (imagem e discurso sobre a imagem), destacando-se o que foi possível apreender, em termos de escuta, seguindo a diretriz da análise discursiva do modelo proposto no item anterior.

O método de análise consiste na tomada do discurso dos participantes, a partir do momento em que são confrontados com suas imagens: cada participante é convocado a refletir sobre si mesmo, mediante o encontro com sua imagem. Posteriormente, esta produção discursiva tomará corpo, no sentido de circunscrever a realidade social do grupo, recortada para o estudo em pauta.

Aquilo que resulta da escuta e do efeito produzido pela imagem verte-se num procedimento para construir uma temática, na qual cada participante tem a oportunidade de analisar a sua inserção naquele contexto.

Todo o material foi analisado a partir da reflexão do próprio grupo e pelos indicadores teóricos, considerando fundamentalmente o momento do acontecer, no qual o sujeito é capturado por uma imagem.

Para análise do material, observou-se a tensão dialógica surgida no grupo a partir de um determinado tema, numa cena específica escolhida. A análise da cena foi feita em dois níveis. Considerou-se a totalidade do acontecimento, destacando as temáticas observadas e como um determinado tema escolhido se desenrolou

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

naquela cena. É uma análise intracena. Posteriormente, foram recortadas cenas consideradas importantes em diferentes reuniões, colocando-as em diálogo para observar em que pontos se cruzam. Este nível de análise é entrecenas.

A partir do momento em que se começou a realizar os encontros do grupo com suas próprias imagens, obteve-se um total de vinte reuniões videogravadas. Tais videogravações, para efeito de análise, receberam uma codificação numérica.

A seqüenciação obedeceu ao critério cronológico de ocorrência, o que se constituiu em elemento facilitador para que se pudessem compreender as transformações ocorridas ao longo do processo.

Considerar uma grupalidade em sua dinâmica como objeto de estudo numa abordagem qualitativa permite perceber o meio pelo qual uma unidade social (o grupo em estudo) pode ser abordada, enquanto representativa da totalidade circunscrita para tal fim. O método qualitativo tem sua vantagem para este estudo, por ser "(...) um meio de organizar os dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado"[11].

O recorte da grupalidade para análise foi construído ao longo de aproximadamente seis meses, cujo registro se fez por vinte videogravações, resultantes de acontecimentos em que os participantes, em função da intervenção da imagem técnica, compartilharam de trocas, para, enfim, se alcançarem mudanças relativas à construção de saber, ou seja, a análise aqui feita parte da consideração de que as manifestações verbais dos participantes do grupo são resultado da interlocução que se deu entre eles, no confronto com suas próprias imagens videogravadas, influenciadas pelo contexto de sua produção, além de outros fatores que precederam os encontros, mas que, de algum modo, se fazem presentes e se atualizam na tensão do próprio acontecer grupal. Cada recorte tomado para análise é entendido como expressão, ao mesmo tempo, de um discurso singular e coletivo[12].

A videogravação, excelente método de registro de dados, recebeu, nesta pesquisa, um tratamento especial, *em termos de ter sido também um operador em campo e não só uma técnica de organização para análise do material*.

---

[11] GOOD, W.J. e HATT, P.K. *Métodos em pesquisa social*. São Paulo: Nacional, 1979, p. 422.

[12] Este modelo de análise se aproxima da análise realizada no videotexto "Era uma vez... a escola", realizado por Solange Jobim e Souza, Maria Florentina A. Camerini e Maria Cecília Morais, PUC/RJ, Depto. de Psicologia, Depto. de Artes, 1997.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A abordagem das situações de estudo em campo não pretende analisar o lugar que cada participante ocupou no grupo. Analisam-se os discursos verbais que ficaram mais evidenciados; a presença do pesquisador que produziu a interlocução, propiciando uma reflexão e, ainda, a presença da câmera, com suas extensões, tal como o microfone.

Além de ser um trabalho de importância, no que se refere ao exercício de construir saber crítico e, portanto, ser um trabalho de intervenção, esta análise se encaminha como uma elaboração para o pesquisador, na medida em que o conjunto de dados (as videogravações) lhe possibilita um retrabalho junto às pessoas envolvidas no grupo, assim como poderá ser um ponto de partida para outras pessoas, em diferentes situações de trabalho em grupo, e, ainda, como reelaboração para os participantes do projeto, quando tiverem a possibilidade de encontro com esta análise, numa futura reunião na Pastoral[13].

Nesta análise, portanto, tenta-se descrever e compreender os processos de transformação dos sujeitos através de seus discursos, mediados pela imagem técnica (o vídeo). Procura-se buscar entender o movimento que se produz a partir da presença da câmera, das imagens gravadas e das intervenções do coordenador/pesquisador, como presenças que compartilham da produção de uma reunião de trabalho. Nesta concepção de análise, a presença destes elementos produz algo novo no campo enunciativo. Pretende-se conhecer como o grupo lida com a presença de algo estranho (como, por exemplo, a câmera) e como isto se manifesta em seus discursos e comportamentos, assim como a relação de alteridade que se deu no trabalho de campo. A cena e o gesto têm, aqui, a importância de serem recortados, uma vez que a enunciação transcende o conteúdo estrito do enunciado, ou seja, toma-se a cena para se analisar aquilo que dirige uma construção de um discurso. Tão importante quanto o conteúdo a ser dito são os indicadores do modo de produção do discurso.

A seguir, encontra-se a transcrição de duas videogravações, escolhidas como protótipos para a análise deste estudo. Pode-se, assim, observar como um determinado tema surgiu e se desenrolou nestas reuniões específicas.

[13]Esta possibilidade é bem real, na medida em que continuo como voluntária na Pastoral do Recém-nascido, e estou com a lista de endereço de todos os participantes.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

a) Reunião 9

Esta reunião aconteceu uma semana após a comemoração oficial do dia dos pais (segundo domingo do mês de agosto). Havia sido combinado na reunião anterior que, nesta, se comemoraria o dia dos pais durante a reunião e se tomaria um café com biscoitos, bolo e refrigerantes[14].

A gravação da reunião se inicia com o café. O coordenador/pesquisador sugere que alguém se apresente como voluntário para servir o café e os biscoitos, ao mesmo tempo em que fala, procurando refletir um pouco sobre a questão do pai. Parte da idéia de que a figura do pai, independentemente da pessoa física, é também passada à criança através da mãe; como o pai foi incluído no discurso e nas atitudes da mãe? Desde a escolha do nome para o bebê, o pai é ou não consultado? Como é a organização dos papéis do homem e da mulher dentro e fora de casa?

A filmadora já estava registrando a reunião.

Coordenador – Então, quando vocês chegarem em casa, podem passar para eles o que conversamos aqui. De qualquer modo, temos uma fita, que vai ficar gravada [o coordenador tentando passar a idéia de que o grupo estava incluindo os pais, mesmo eles não estando todos ali presentes]. *O que você achou da idéia do café?*

Magali – Café eu não tomo, mas o biscoitinho eu posso comer.

Coordenador – O que você achou da idéia da gente comemorar o dia de hoje em relação aos pais?

Magali – Vou dizer uma coisa para a senhora. Eu acho muito bom. Eu tive um pai que eu não tive sorte com ele não, até hoje. Até hoje ele não dá valor a mim, nem a meus irmãos. Hoje em dia, era pra gente estar seguindo um outro rumo do que ele ensinou. Mas graças a Deus demos pra ser pessoas boas, trabalhadoras, a gente sempre corre atrás, nunca esperamos por ele. E agradeço a Deus que meu avô foi uma pessoa muito boa pra mim. Mas Deus o levou logo.

Coordenador – Mas teve um avô, não é?

[14]As datas festivas, como dia das mães, dia dos pais, dia das crianças e Natal são comemoradas pelo grupo. Várias pessoas se prontificam a trazer alguma coisa (bolos, biscoitos, salgados e refrigerantes) e se confraternizam sempre com um café da manhã, pois o horário de funcionamento do grupo é das sete às oito e trinta horas. Com a participação da estagiária Sandra Marques, houve um incentivo maior para que estas comemorações se realizassem. Anteriormente, só comemorávamos o Natal. Nos últimos três anos, o Natal vem sendo patrocinado pela senhora Lea Klabin, com brindes e espetáculos infantis (mágicos e palhaços) para as crianças. Os comestíveis continuam sendo organizados e fornecidos pelo próprio grupo da Pastoral.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Magali – Mas tive um avô que era meu pai duas vezes e que me tratou muito bem. Dele eu não tenho o que falar, graças a Deus.

Coordenador – Na ausência de um pai real, ou quando a mãe é viúva, quem passa a idéia do pai é a mãe. Então o pai está internalizado dentro da gente.

[Zum, zum, algumas pessoas falando entre si... Alguém pergunta sobre uma garrafa de café].

Coordenador – Esse cafezinho está sem açúcar. Esse café é para Marcia. Marcia você não está em dieta? [Coordenador se referindo a uma fala de Marcia, quando esta disse que precisava entrar numa dieta]. *Aí a Sandra se lembrou e... Sandra, vou logo falar disso* [Sandra é a estagiária que ajudava em algumas tarefas no grupo, como, por exemplo, passar o vídeo].

Sandra – É, faz parte.

Coordenador – O Pe. Djalma orientou a gente para que déssemos uma mensagem para vocês darem para os pais lerem em casa. Ou peguem um filho que já saiba ler bem e peça ao filho para ler para o pai. Eu escolhi essa daqui, que tem muito a ver com o nosso trabalho [era uma mensagem do folheto da missa do domingo do dia dos pais] [15].

A estagiária distribuiu a mensagem para o grupo. O coordenador pede que alguém se apresente para ler. Como ninguém se prontificou, o coordenador vai lendo e explicando algumas passagens.

Marcia – Ela disse que o marido dela não sabe ler. Mas a senhora já falou aí que ela pode ler para ele, ou um filho. Pronto, já resolveu o problema dela.

Coordenador – É, a idéia é passar que a gente pensou neles.

[Silêncio, silêncio. Conversas paralelas.]

Coordenador – E aí gente? [Alguns comentários paralelos. O cafezinho ainda estava sendo servido].

Cristina – O que você fez pro seu marido no dia dos pais? Um risoto, strogonof, uma lasanha? O que que tu fez? [dirigindo-se a uma participante. Risos, silêncios].

Magali – Me fala uma coisa. Já que ninguém quer falar, vou falar. Posso ou não posso? Me diz, quem foi que, no dia dos pais, andou brigando? Ninguém, né? Alguém andou brigando aqui? Fez a paz dentro de casa? Fez ou não fez? Fica todo mundo calado?

Lucia – Fiz um churrasco. [Fala outras coisas inaudíveis.]

Coordenador – Mas no dia dos pais vocês fizeram alguma comemoração diferente, como ela está sugerindo, ou passou direto? Que nem passou quinta-feira passada, que nós nem nos lembramos? Dia das mães é mais comemorado, todo mundo lembra.

[15] Ver em anexo a mensagem distribuída em comemoração ao dia dos pais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Marina – Dia das mães a gente não esquece, os pais são mais esquecidos.

Coordenador – Vocês acham isso?

Marina – Quando a gente foi lembrar deles já tinha passado. [Risos]

Coordenador – Realmente, a gente só está lembrando hoje[16].

Marta – [Fala meio inaudível, mas fala bastante sobre o marido que a ajudou com os filhos].

Coordenador – Alguém mais quer comentar como foi o dia dos pais? [O coordenador queria introduzir a videogravação da reunião anterior, porque o cafezinho havia terminado.]

Marina – Os pais todos pobres. Às vezes eles querem sair com os filhos, têm vontade, mas nem condições têm. Num lugar que não tem também. Só vivem enfiados dentro dessas favelas aí. [Alguns comentários inaudíveis de várias pessoas, em paralelo.]

Vanusa – Ela queria ir ao shopping.

Marina – Não, eu queria ir a um sítio, me enfiar dentro do mato.

Cristina – Ela queria ir ao Downtown.

Marina – [Inaudível...] *mas não tem graça. Tem uma pracinha lá que se desce* [descer o morro da favela] *todo mundo, não ia caber. Não tem nada pra se ver.*

Joana – Tem ali em baixo na praia, em São Conrado.

Coordenador – Ali nas asas-delta?

Joana – É.

[Zum, zum...]

Lucia – Ali [na praça da asa-delta] *só se fosse no verão.*

Coordenador – Estão te dando idéias [referindo-se à Marina].

Passa-se o vídeo da reunião anterior, em que dialogaram sobre como estabelecer limites aos filhos, sobre a questão dos castigos, da influência das companhias, da determinação genética, do se surpreender com algum comportamento inesperado dos filhos, do respeito que os pais têm entre si, sobre o

[16]Geralmente se faz a comemoração da data festiva na reunião anterior à data. Desta vez, só se pode comemorar depois da data, porque, quando se lembrou, não havia tempo hábil antes do dia dos pais.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

que cada um fala aos filhos e as instituições de menores. É um vídeo que despertou muitos risos, porque havia alguns depoimentos sugestivos ao riso.

Suspende-se, após alguns minutos, o som do vídeo.

Ninguém fala nada, alguns comentários em paralelo. Risos. Algumas conversas paralelas. Silêncios.

Coordenador – Vocês sugeriram que deixássemos a reunião mais solta, o que vocês estão achando disso?

[Ninguém fala nada, zum, zum... comentários paralelos. Risos].

Marina – [Fala algo inaudível que faz todos rirem.]

Cristina – [Também fala algo inaudível.]

Coordenador – Eu queria assim, que vocês falassem um pouco sobre o seguinte: vocês sugeriram que a gente deixasse a reunião mais solta, que falassem de temas soltos, não é? Como é que vocês acham que isso está funcionando? Antes eu dirigia mais, agora a coisa está mais solta.

Cristina – O que mudou? [olhando para Marcia]

Marcia – O que mudou?

Cristina – É, o que....

Marcia – Já vou falar, Glória Maria [referindo-se à Cristina; Glória Maria é a apresentadora do programa Fantástico da TV Globo. Risos.]

Marina – Ficaram mais amigas, sabia? Depois que soltaram mais a língua, souberam mais da vida uma das outras [referindo-se a Marcia e Cristina, Risos].

Cristina – [Inaudível; fala algo sobre vergonha.]

Coordenador – Você queria falar, não é, Marcia?

Marcia – Não. [Risos]

Cristina – Então está só rindo por quê?

Coordenador – A maioria fica silenciosa, calada. Quem falou, falou que está bom assim. [Referindo-se a comentários de reuniões anteriores.]

Cristina – Por mais que se mude, que saia um pouquinho das crianças, ainda tem muita gente que não fala nada. Ficam exibidas. Só o nosso grupo que fica falando, agitando. Só algumas senhoras participam. Eu até entendo as senhoras, porque a gente aprende muito com as senhoras, como a minha mãe.

Creuza – Eu falo alguma vez na vida? [A mãe de Cristina]

[A fita do vídeo continuava sendo passada sem o áudio.]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Coordenador – O que vocês acham da idéia de a gente passar as imagens de vocês e ir parando sobre uma fala? Ou numa imagem? De a gente trabalhar com a imagem? Alguém tinha sugerido isso.[Inaudível, zum, zum, zum.]

Marcia – Eu prefiro o trabalho com imagem. Porque quando a gente se vê, a gente vê o que precisa trocar na gente. [Zum, zum, zum, risos.]

Maria – Com a imagem a gente vê se falou alguma besteira, se falou alguma coisa certa. E, também, porque é muito mais animado, mais interessante.

Claudinha – Acho mais legal, porque a gente vê os vacilinhos das pessoas. As pessoas fazendo coisas erradas. Eu, por exemplo, só estou balançando aquela perna ali, eu estou vendo a mania que eu fico. [Risos...]

Antonia – É conforme a moça falou ali, a gente se corrige. E mesmo sobre a fisionomia da pessoa, ajuda, o que é bom. É bom a gente ir se corrigindo.

Isabel – A gente pode também guardar uma lembrança da gente, passando todo mundo ali. Quando acabar o grupo? Tem as fitas todas pra todo mundo ver.

Coordenador – Mas o trabalho em si, além de guardar lembrança? Você viu o Marcio [o marido] *ali, tanto que você proibiu do Marcio vir ao grupo.* [Risos]

Isabel – Com imagem a gente se corrige mais. Às vezes a gente está sentado todo esquisito. Se vê na fita e diz: Ah! não! na próxima venho mais bonitinha.

Coordenador – E você? É bom com imagem?

Julia – É, porque a gente comenta, fica comentando o que vê na fita. Aí é ótimo.

Coordenador – Dá mais comentário? Gostaria que as pessoas dessem mais depoimentos, porque, como vocês sabem, eu tenho que pegar a máquina para trazer até aqui e voltar com a máquina. Sé é um trabalho que vai ajudar mais a vocês eu tento continuar trazendo a máquina. [Referindo-se à possibilidade de continuar o trabalho com imagem, após a pesquisa.]

Marcia – E também divulga o trabalho da senhora. Porque o que adianta a senhora fazer um trabalho e sair mostrando a fita por aí para ver quem quer ajudar? Como é que eles vão ajudar se não verem realmente a fita?

Coordenador – Ajuda também na divulgação do trabalho? Para nós, que trabalhamos com vocês, o vídeo tem que ser uma coisa que funcione, que ajude a vocês a se sentirem melhor; falarem mais, conversarem mais. É mais nesse... Por isso é que a gente pergunta a vocês.

Marcia – No grupo da Nayara [psicóloga que coordena outro grupo] *tem uma colega que quer ficar aqui, porque aqui tem vídeo. Aí ela estava falando que queria ficar aqui porque tem vídeo. Aí ela estava falando, que lá ela* [Nayara] *só fala na palestra dela. Não queria subir de jeito nenhum.*

Coordenador – E você?

Paula – Eu prefiro com a imagem, porque as pessoas... Tem gente aqui que fica impaciente. Não sabe se coça a cabeça [risos]. *Fica preocupada com o que vai aparecer*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

na imagem. Então as pessoas vê umas as outras, assim, já ficam encarnando umas as outras. Ah! você precisa melhorar isso, você precisa melhor aquilo!

Coordenador – Uma ajuda a outra?

Paula – É, uma ajuda a outra a se corrigir.

Coordenador – Quem mais poderia dar um depoimento?

Ana Rita – Pra mim tá bom com a imagem. Fica mais animado assim. A gente não fica só conversando, nem só na palestra. Tem uma coisa pra gente ver diferente. É melhor com a imagem, com o vídeo.

Coordenador – Temos que caminhar nisso. Vamos então trabalhar com a imagem. Com a imagem temos que ter mais tempo. Vocês topam a gente começar[17] *às 7:15h? A reunião termina por aqui.*

Comentários: labirintos de discursividade

> *Compreender não deve excluir a possibilidade de uma modificação de seu próprio ponto de vista. O ato de compreensão supõe um combate onde o que está em jogo reside numa modificação e num enriquecimento recíprocos.*
>
> Mikail Bakhtin

O teor dos temas evidenciados neste encontro convergiu para trabalhar a questão concernente à comemoração do dia dos pais, ocasião que fez cada participante reportar-se às vivências relativas ao exercício de tal função, bem como à condição de ser filho.

A discussão, à medida em que o tratamento do tema exigiu um certo aprofundamento, caminhando para ele, deu lugar à emergência de uma nova temática. Elegeu-se, então, trabalhar com a imagem técnica, no sentido de refletir sobre seus efeitos.

O tema *Relações parentais e educação* faz parte de um critério de ordem externa. Houve uma solicitação da Paróquia para apresentar uma mensagem que fizesse refletir sobre os pais, o que o coordenador/pesquisador tomou como estratégia para a abertura da reunião.

Ao ser introduzido, tal tema mobilizou os participantes, no sentido de expressarem as mais diversas manifestações, desde a concordância até posturas como o silêncio. Se, por um lado, o tema veio ao encontro daqueles que

[17]O termo *começar* é tomado, aqui, no sentido de todos estarem assistindo ao vídeo às 7:15h, pois, normalmente, a reunião com a psicóloga tem início às sete e trinta horas. Das sete às sete e trinta ocorre a distribuição do leite, realizada por uma voluntária.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

esperavam uma oportunidade para tornar público aspectos de sua história, a partir de injunções referentes aos pais, por outro, provocou "dificuldades", em função de vivências particulares com as figuras parentais, em relação às quais, naquele momento, o participante não se sentia, num primeiro momento, à vontade para dividir com os demais tais nuances de seu percurso existencial. Acredita-se que a manifestação de momentos caracterizados por expressões irônicas e conversas paralelas incompreensíveis teve lugar para dar cobertura momentânea a tais dificuldades.

O impacto decorrente da solicitação de produzir saber sobre a questão parental pôde ser observado em táticas manifestadas no decorrer do encontro, como aproximação, representada pela abertura de uma via de acesso às lembranças do pai na infância, do pai atual, do pai de um filho e de um pai na sua função mais ampla. Houve evitação, no momento em que alguns participantes decidiram empreender, em duplas ou trios, diálogos inaudíveis, em que, mesmo sendo sobre a questão do pai, se observa a tentativa de privar os demais das construções imaginárias até então alcançadas. Numa direção oposta, já que esta postura mencionada se configura como um diálogo "fechado", tinham lugar atitudes enunciadas ao coletivo, como os risos, os silêncios e as expressões denotadoras de inquietação corporal. Além disto, cabe registrar o momento em que houve, no que se refere à conscientização da importância das figuras parentais, a convocação, por parte de alguns participantes, para a produção de saber, quando, entre eles, se fizeram perguntas, questionamentos e aberturas para o diálogo.

Apesar das diversidades mencionadas, mediante a superação dos obstáculos em elaborar o tema, um aprofundamento considerável foi registrado, quando alguns participantes se dispuseram a trazer aspectos de suas vivências pessoais, tanto em tom reivindicativo, quanto em termos de gratidão, seja diretamente ao pai ou àquele que, por alguma razão, se apresentou no exercício de tal função.

Em suma, a elaboração do coletivo, em termos de produção de saber, converge para o momento no qual se destaca a importância do pai em seus vários desdobramentos: cuidados na condução de um filho, orientação para a vida, o homem de uma mulher, o colaborador nas tarefas do lar e aquele que demonstra um certo estado de satisfação de ser pai.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A experiência de quem viveu na ausência do pai, ou de quem educa seus filhos na mesma condição, é retratada em termos de amargura, sentimento expresso por uma necessidade permanente de carência afetiva, mantida em lembranças indicativas de saudades, nostalgia e esperança.

Outra temática que mereceu atenção do grupo, neste encontro, foi *Imagem e produção de saber*, resultado também de uma intervenção por parte do coordenador/pesquisador, visando provocar produção verbal nos participantes, a partir do vídeo. O ritmo do funcionamento grupal revelou momentos de tensão positivos, no sentido de alcançar uma produção, mas negativos, quando assumem intensidades mais elevadas. No sentido de minimizar o estado de tensão para um nível suportável e propício à produção, optou-se pela introdução da imagem, especialmente frente à tensão expressa no riso defensivo e na atitude negativista da formação de pares ou trios em cumplicidade nos diálogos "fechados".

Cabe registrar que outra modalidade de riso, de cunho produtivo, teve lugar, quando se deu a exposição da imagem, seja pelos comentários, seja mediante posturas irônicas no apontamento de possíveis "falhas" a serem corrigidas. Sendo assim, o riso defensivo, diante da impossibilidade de produzir, difere do riso que mobiliza o participante a direcionar-se a um movimento coletivo para produzir saber. Em princípio, houve, por parte do grupo, uma recepção calorosa da estratégia apresentada, expressa pela perplexidade frente ao desconhecido, até a curiosidade em saber mais.

A mobilização através da imagem é de importância considerável, pois o ato de ver, por si próprio, produz um movimento de diálogo, mas também se revela ser um entretenimento provocador de riso ou de acompanhamento interessado das ocorrências que se desenrolam na tela. Todos estes movimentos são seguidos de produção verbal, espontaneamente ou por solicitação, como o resultado do processo de reflexão sobre a dinâmica observada e o efeito produtivo que a imagem provoca em cada um. Sendo assim, não houve esquiva na prontidão para abordar o tema, considerado de grande importância para acabamentos provisórios, interessante pelo fato de ser uma provisão narcísica, e divertido, quando se caracterizou uma ocupação agradável e animada.

A atitude convocatória, decorrente da introdução da imagem técnica, mostrou-se numa freqüência considerável, pois a imagem é vivida no encontro, como algo que confere presença ao sujeito naquele acontecer grupal. Além disto,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

transparecem o desejo e a esperança de permanência e, mais que isto, de que suas mensagens sejam destinadas a outros espaços, ou seja, que suas falas encontrem ressonâncias em outros interlocutores, no sentido da familiarização e da atenção na solução dos problemas apresentados.

No que tange à construção de saber, também o grupo acredita ser a imagem um instrumento valioso, no sentido de propiciar um conhecimento de si, além da possibilidade de revelar aos demais as necessidades vividas. Sendo assim, houve, da parte do grupo, a esperança de que a imagem registrada pudesse circular em outros âmbitos, seja como prova cabal de existência, seja como apelo.

b) Reunião 10

Antes do início da projeção da videogravação da semana anterior, o coordenador fala que esteve visitando a Rocinha, a convite de alguns participantes do grupo. Comenta que conheceu o Centro Espírita Maria de Nazaré e que a coordenadora deste havia pedido que divulgasse o trabalho que a psicóloga Maria Teresa Maldonado vem procurando desenvolver lá, especialmente com dependentes de álcool e drogas. Falou ainda de outros lugares que conheceu na Rocinha e comunicou ao grupo a presença dos professores Solange Jobim e Souza e Berndt Fichtner na próxima reunião.

Inicia-se a projeção da fita da semana anterior, que se faz por um período de tempo de aproximadamente dez minutos. É a reunião número nove, descrita e comentada aqui, anteriormente.

Após a projeção das falas da reunião 9:

Coordenador – Querem começar algum comentário? Vamos comentar? Vou tirar o som e aí a gente começa.

Marcia – Florentina, não tira o som não, aumenta um pouquinho, porque vou dar uma entrevista aí.

Coordenador – Era sua vez agora? É agora, Marcia? Acho que agora é aquela hora em que lemos aquele papel [a mensagem do dia dos pais]. *Vão lá pegar algumas cadeiras para vocês se sentarem aqui* [o coordenador, referindo-se a algumas pessoas que estão em pé. As cadeiras ficavam no andar de cima]. *O que vocês têm a dizer desta gravação aí?* [Silêncio] *O que vocês estão achando desta gravação aí? Quando você* [dirigindo-se a Marcia] *falou assim: Florentina, não tira o som não, vou dar uma entrevista aí.* [Risos] *O que você está lembrando da vez passada que você falou?*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Marcia – Daquela hora que a Senhora falou que quem não soubesse ler, podia [pedir] *à esposa ou ao filho para lê. Se o marido não... Então eu estava falando pra ela, aqui, que você* [Florentina] *deu uma boa idéia. Porque se o marido dela não sabe lê, ela lê para ele.*

Coordenador – Você queria ver esse pedaço?

Marcia – É, pra lembrar [o som da fita é aumentado].

Coordenador – E aí, como é que foi? Você leu pra ele? [referindo-se à Claudinha, que foi interpelada pela Marcia].

Claudinha – Eu não.

Coordenador – E o que você fez com aquele papel [a mensagem]*?*

Claudinha – Tá lá guardado.

Coordenador – Alguém fez alguma coisa com aquele papel?

Marcia – O pai dele [referindo-se ao filho, que estava em sua companhia]*, leu. Estava em cima da geladeira.*

Silvia – Ele [o marido] *olhou e colocou dentro da carteira de trabalho.*

Coordenador – O que significa colocar dentro da carteira de trabalho?

Silvia – É uma mensagem que ele vai levando pra cima e pra baixo.

Coordenador – Quem mais fez uso daquela mensagem? Alguém se lembra o que fez?

Magali – O meu leu e falou que gostou. Ele disse que alguém lembrou dele – pelo menos alguém lembrou de mim. Meus filhos não podem me dar nada agora porque estão pequenos, mas alguém lembrou de mim – pegou, leu e gostou. Aí pegou e botou dentro da carteira de trabalho dele.

Coordenador – E aí, vocês querem que eu aumente o som de novo? Vamos comentar alguma coisa? E vocês não querem pegar as cadeiras? [referindo-se a algumas pessoas que continuavam de pé]. *O que vocês acham? O que a gente faz? Aumenta o som de novo? Semana que vem vamos ver esta fita de hoje.*

Marcia – Se solta, libera, está cheia de medo? [referindo-se à colega do lado].

Cristina – Libera?

Ana – Liberar o quê?

Coordenador – Você quer falar alguma coisa? Você sente vergonha para falar?
[.... risos, insistência...]

Ana – Não, é que eu ainda não tenho nada pra falar. Pára, Lucinha! [Lucinha, apelido da Marcia, que a provocou].

Coordenador – Que foi, Marcia, que você provoca ela tanto pra falar?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Ana – É que não quero falar mesmo.

Cristina – Gente, escuta bem, vai ter um homem que vem aí, a gente tem que falar, gente.

Ana – Por que você não fala, amor?

Cristina – Não dá pra eu falar a palestra toda, também não dá, e a garganta? Não dá.

Ana – Você não falou nada, ainda, hoje?

Cristina – E o seu marido, o que ele achou da mensagem do dia dos pais? [Risos..].

Ana – A mensagem, está guardada na minha bolsa. [Risos...]

Cristina – Mas o que você falou quando chegou em casa?

Coordenador – E aqui, o que está rolando aqui [dirigindo-se a outras pessoas que estavam em conversa paralela] *hem? Acho que seria bom a gente fazer uma roda, porque está meio esquisito. A gente se sente meio inibido de falar, não sente?*

Andréa – A cada quinta-feira, cada um, a gente podia trazer uma sugestão pra gente discutir, às quintas-feiras você não acha legal?

Vanusa – Tipo o que você comeu ontem?

Andréa – Ah! quer que eu fale? Filé mignon [Risos].

Coordenador – Qual a idéia que você quer discutir hoje?

Andréa – Ah! Hoje eu não tenho. Cada pessoa podia trazer a cada semana e a gente discutia aqui, todo mundo. Um problema de casa. Aí toda quinta-feira a gente fala quase as mesmas coisas? Você não acha legal?

Coordenador – Mas esta foi a sugestão dada pela Vanusa, pela Cristina...

Andréa – Não, estou falando assim: a gente trazia uma sugestão e, claro, filmar. Mas não é uma bobeira não, é uma coisa séria, de casa.

Coordenador – O que é uma bobeira?

Vanusa – Tipo o que você comeu ontem. Arroz, feijão e ovo. [Risos].

Andréa – É uma coisa assim [risos]. *Bobeira não, coisa séria.*

Coordenador – Mas o que é bobeira, e o que é coisa séria? [Repete em voz alta para todos ouvirem o que ela, a Andréa, está propondo, e diz que pediu para ela dizer o que é uma bobeira e o que é uma coisa séria].

Andréa – Mas Florentina, eu não estou dizendo que o que a gente fala aqui é uma bobeira não. Não estou falando isso, não, claro que não. O que a gente conversa é sobre a gente mesmo e é sério. Mas, tipo assim, cada pessoa trazer um problema e a gente dar uma sugestão, cada um dá uma opinião tipo o caso daquela moça ali. Ela trouxe pra cá e a gente demos a opinião da gente. Tipo assim. Porque tem gente que tem problema, mas

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

chega aqui não fala. Um problema em casa com o filho, com a filha, com o marido, com os pais. E chega aqui não fala nada. Às vezes é uma sugestão legal?

Coordenador – Porque você acha que as pessoas chegam aqui e não falam?

Vanusa – Vergonha.

Andréa – É mesmo, vergonha, vergonha.

Coordenador – Como você acha que a gente pode ajudar as pessoas a não terem vergonha?

Andréa – Ah! não sei.

Cristina – A gente nunca sentiu vergonha dos outros! Olha, só fica entre eu, Vanusa, Lucinha, a Cláudia, muito poucas pessoas. As outras pessoas só escutam, riem.

Andréa – É, a maioria tem vergonha.

Ana – [Inaudível; zum, zum] *Cristina [falando inaudivelmente], as outras pessoas só balançam...*

Ana – Muitas vezes o problema dos outros....

Coordenador – Como que foi?

Lucia – Às vezes a gente fica esperando pra ver se alguém fala no meu lugar.

Cristina – É às vezes a gente até puxa, mas outras pessoas não se interessam.

Coordenador – Você acha que as pessoas não se interessam ou que são inibidas?

Cristina – Não, inibidas não são não! [Risos...]

Lucia – Acho que são inibidas.

Coordenador – Cristina, por exemplo: quem daqui você acha que nunca falou e que você acha que teria alguma coisa pra dizer?

Cristina – Ah! você sempre fala [referindo-se a uma colega]. *Essa garota ali. Ela nunca abriu a boca pra dizer um sim ou um não.* [Risos]

Coordenador – Mas você tem curiosidade para saber o que ela tem a dizer, ou você acha que ela tem que falar porque tem que falar? Como é que é isto?

Cristina – Ela tem que falar alguma coisa, ela não tem filhos? Ela tem alguma coisa. Ela nunca falou nada. [Zum, zum, zum]. *Tem aquelas que fazem uma pequena bagunça mas falam alguma coisa.* [Zum, zum, zum]. *Como essa aqui. Ela teve neném.* [Zum, zum, zum].

Coordenador – Espera aí, que a Cristina está provocando uma aqui para falar. Toma aí [o microfone]*, Cristina!*

Cristina – Como essa daqui teve neném, faz uns dois ou três meses, qual foi sua dificuldade com ele?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Marisa – [Envergonhada, não diz nada.]

Cristina – Eu tiro pra você o microfone. [Risos] *Isso aqui, gente, é um estudo e quase ninguém fala. Você, por que você tá rindo? Aí, por isso que eu falo. Agora, se vem um homem aqui pra escutar a gente, todo mundo morto, passaram um fecho ecler na boca.* [Cristina toma o microfone, levanta-se e começa a entrevistar as pessoas, provocando-as e insistindo para que elas falem].*Gente, fala alguma coisa! Não, Magali não, nem adianta falar com Magali* [Magali fala muito, risos]. *Ah! Essas daqui. Elas são novas aqui? Como foi o dia dos pais?* [para uma criança]. *O que você fez com o seu pai? Fala pra tia. Tá com vergonha? A minha mãe, a minha mãe eu sei que ela debate juntinho comigo. Mãe, o que a senhora acha da entrevista, da reunião? A senhora veio aqui duas vezes. Gente, não ri não, é sério.* [Risos]

Creuza [a mãe de Cristina] – *Vocês querem debater?*

Cristina – Debate algum assunto.

Creuza – Vamos debater. Nós moramos todos na Rocinha. Acho que quase todo mundo daqui é da Rocinha. Tem muita coisa lá que é boa, e muita coisa é ruim. Como tem muita gente aqui que precisa e necessita desse leite. Como tem muitos também que não precisa. Tem muita gente, conforme... tem marido. Uma coisa que a gente tem que debater na Rocinha: droga. Coisa que muita gente aqui não vai dizer pra mim, porque sou velha na Rocinha, tem marido novo e com os maridos todos metidos em tóxico. Isso não é certo. Tem conforme a Dona Florentina falou. Tem a psicóloga lá em cima, gente, pede ao marido para ir. Porque essa droga não leva a gente, não leva o marido de vocês a nada. Eu falo porque eu tenho um filho. Eu criei meus filhos sozinha. Separei do meu marido e meus filhos ficaram pequenos. Eu aturei, criei tudo. Trabalhava de dia, à noite, criei. Mas infelizmente tive um filho que passou a usar e eu me sinto até meio perdida por causa disso. Dois filhos, por eu ter de trabalhar, eu deixei soltos, não porque eu quisesse. Ou eu trabalhava ou eu soltava eles na vida, pra eles ficar conforme tem aí. Não tem filho sem mãe pra ficar esse absurdo de criança na rua cheirando cola. Porque tem mãe, não tem filho de chocadeira. Então as mães têm de olhar mais pros filhos, mesmo que trabalhe. Porque eu sempre trabalhei. No que eu botava comida dentro de casa, de noite quando eu chegava, eu ia ver os cadernos deles, o que estava faltando, mas eu não estava de dia acompanhando eles. Foi aonde ele se misturou, porque o outro não foi. As meninas não foram. Todas casaram. As que não casaram moram com um cara e se não deram certo se separaram. Mas o pior é o meu filho. Ele não é mais um garotinho, porque ele agora já é um adulto. Mas esse negócio de droga, nós que somos mulheres, temos que chegar para o marido e falar, pedir, porque isso mais tarde... Agora tá o pai, daqui a pouco entra o filho, a mãe não liga, sai pra trabalhar, o filho fica com o pai ou jogado. Ninguém quer saber. Nós, que somos mãe, a gente não está vendo agora, mas, mais tarde, a gente vai ver. Estou vendo um monte de criança, todas perdidas na rua.

Eu fui criada em colégio interno, sem pai e sem mãe, mas eu sinto até hoje. Eu sinto falta da minha mãe, eu sinto do meu pai. Não é que eles me jogaram no mundo não. Foi fatalidade deles morrerem quando eu era pequena. Então fui criada num colégio interno que graças a Deus me deu pra mim olhar acima de mim. Não olhar pra trás. O que passou eu sei que passou. Então eu tento que olhar sempre pra frente. Tive um marido não deu certo, tive outro. Não vai dando eu vou tentando, até acertar. Um dia eu acerto. [Risos..] *É Kássia. Kássia vai ficar com um homem, conforme tem muita gente aqui, que não fala, mas chega em casa, às vezes, tem marido em casa cheirando, drogado. Mete-lhe o pau. Apanha sentada. Isso é coisa que eu não admito. Porque apanha sentada, apanha. Quando chega de noite, oh! Um vê* [um vê com os dedos] *pra ele. Deita e vai dar* [ter relação sexual] *pra ele. Isso eu não admito.*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Coordenador – A Kássia foi convidada a falar, quando ela falou, não é Kássia?

Kássia – Oh! Eu conheço ela desde pequena. Isso que ela falou é coisa séria, ela falou coisa verdade. Isso acontece muito na Rocinha mesmo. Eu também criei filho sem marido, mas graças a Deus, negócio de drogas, essas coisas, minha família não é disso. Mas o que ela falou é coisa séria. Pra mim, o que ela falou é uma coisa que precisamos muito.

Cristina – Tem muitas mulheres aqui que têm filho, entendeu, e acho que algumas delas têm problema com o filho. Não precisa só falar da vida de vocês não, gente! Às vezes, a gente só quer ajudar em algum tema, em alguma coisa que você fez com seu filho, que você achou que ele não deveria fazer e você não soube resolver o problema, entendeu? Não é querer que a gente fale da vida de vocês. A gente não quer participar da vida íntima de vocês. A gente quer um assunto pra isso aqui também não morrer. Por que isso aqui sem assunto, entende? Aí todo mundo vai ficar olhando pra parede. Porque sem assunto, fica difícil trabalhar assim. Ou vocês tragam alguma tema que... Pois não?

Coordenador – Quer falar? [dirigindo a atenção a uma participante que estava no canto e fazia menção de querer falar.]

Joana – Olha só, eu acho que ela falou certo, porque ela falou que nem todas as pessoas que estão aqui precisam do leite, porque ele ajuda muito. Principalmente para mim, que tenho quatro crianças. Deixei de trabalhar por causa dos meus filhos, porque eu não queria que ficassem jogados no morro, chegassem da escola, ficassem à toa. Então esse leite serve muito, porque além da neném, eu posso dar um copo para cada um deles. Ainda mais agora, que passou a dar toda semana [duas latas] *ficou muito melhor mesmo. Porque eu posso dar um copo para cada um deles, posso fazer as coisas deles. E sobre o trabalho, é muito difícil, mesmo, uma pessoa ter quatro filhos, três, não pode trabalhar mesmo não. Não tem condições. Três filhos pequenos e a pessoa trabalhar, não tem condições. Deixa jogado mesmo. Porque tem muita gente boa e tem muita gente ruim no morro. Crianças que não querem nada. Tem muita criança que a mãe não faz comida e deixa à toa. Fica jogado na rua e uma pessoa pede para fazer um mandado, dá alguma coisa e aí a criança vai se viciando, e botando outras crianças a perder. Acho que ela falou muito certo mesmo. Mas a gente, nós todos precisamos. E acho que o governo podia olhar pela gente que tem filho pequeno no colégio. A gente vai levar a criança na escola e o motorista não quer nem abrir a porta da frente. A gente tem que pagar a passagem, para levar a criança, senão a criança cresce burra para virar um marginal para matar ele mesmo* [o motorista]*, ou então o filho dele e outras pessoas. Eu acho que o governo tinha que dar esse direito pra gente levar o filho para a escola. Entrar pela frente e vir. Tinha também que dar uma cesta básica, no valor da criança pra mãe não ter que ir trabalhar, para ficar tomando conta da criança. Porque a maioria das crianças que viram marginal mesmo é porque a mãe tem que trabalhar para dar sustento para dentro de casa. Normalmente o pai não quer saber, fica viciado mesmo na boca, o que pega vai gastar com droga, com cachaça e já aconteceu comigo. E não dá nem um quilo de arroz pra dentro de casa. E as crianças passam fome mesmo, igual já passou as minhas mesmo, já passou, hoje em dia está melhor, graças a Deus. Mas já passou muita fome mesmo. Então acho que é a mãe que tem que se preocupar, porque está vendo o filho passar fome, então ela se rejeita a trabalhar, a deixar o filho dentro de casa trancado, tomando conta de mais dois, três e acontece isso mesmo.*

Cristina – [Toma o microfone novamente] *Gente! o que que vocês estão achando desse horário político também?* [Reação do grupo: ah!]. *Não, algum debate, eu estou puxando assunto. Em quem vocês vão votar, em quem não vão votar?*

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

[Zum, zum, zum. Risos.]

Magali – Só tem promessas deles.

Marcia – Vote na Lucinha.

Cristina – Estou falando sério Lucinha, pô!

[Zum, zum, zum]

Cristina – O senhor?

Paulo – Pela primeira vez que estou vindo aqui, estou achando um negócio bem mais ou menos bom, né? Incentiva todo mundo. Está incentivando o pessoal participar mais, conversar mais.

Coordenador – É a primeira vez que está vindo hoje?

Paulo – É, e estou achando bom.

Cristina – E o que o senhor gostaria de debater? [Risos]

Paulo – A situação do pessoal, né?

Cristina – E qual situação que o senhor acha do pessoal? Eu gosto de gente assim.

Paulo – A situação que está dentro de casa...

Cristina – E a senhora?

Dalva – Cada um tem problema na vida, né?

Cristina – Qual é o que a senhora acha o mais pior?

Dalva – A Rocinha está muito diferente. Eu moro ali há 35 anos.

Cristina – Cresceu muito, né?

Dalva – Cresceu muito, antigamente a gente podia deixar o filho e tudo né, agora está difícil.

Cristina – Deixa eu ver aqui, aquela dali. O que você acha do que ela comentou?

Julia – Sobre o quê? Teve dois comentários?

Cristina – Onde você mora?

Julia – Moro aqui em São Conrado.

Cristina – O que você acha do seu bairro?

Julia – Acho um bairro tranqüilo, bom de se viver com as crianças.

Cristina – Em todos os lugares tem drogas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Julia – Todos. É verdade.

Cristina – Tem muito isso lá?

Julia – Não.

Cristina – Há quanto tempo você mora lá?

Julia – Há um ano.

Coordenador – Onde você mora?

Cristina – São Conrado [e Julia aponta pra cima, indicando a favela de Vila Canoas, a qual ela chama de São Conrado].

Cristina – O que você gostaria de mudar no seu bairro?

Julia – O quê?

Cristina – O que, talvez, se desse, você gostaria de mudar no seu bairro?

Julia – Ah! acho que o barulho dos bares. Porque é a noite toda. Você ter que levantar para trabalhar, você acorda... É muita bagunça.

Cristina – Que assunto? Fala! Fala alto. Perguntar pra quem? Eu escutei.

Lucia – Pergunta pra mim, o que eu quero mudar?

Cristina – Ah! sim.

Lucia – Aquela obra que eles fizeram lá no beco, no esgoto, que toda vez entope. Aquelas vielas cheia de cocô descendo toda vida até lá em baixo.

Cristina – Isso, fala mal do governo. Isso é do governo.

Lucia – Então, quem foi que fez aquilo?

Cristina – Não sei.

Lucia – Eu esqueci qual foi o gover... quem foi?

Cristina – A associação, né? Que também estava na frente.

Lucia – [Dirigindo-se ao grupo]. Quem foi que fez aquela obra no morro todo? Ahn!

[Alguém responde: César Maia.]

Lucia – Aí! Eles têm que mudar aquela obra que fizeram na Rocinha. Eles fizeram. Está tudo errado. Antes não era assim não.

Coordenador – Eu estive lá e vi muito lixo, mas muito. Não é, Marcia? A gente estava conversando. Era lixo tipo assim: garrafa, saco cheio de lixo. E as pessoas jogam o lixo direto assim. E se limpar a vala? Como é que se poderia fazer para não cair mais lixo dentro da vala?

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Marina – [Fala algo inaudível. pessoal ri].

Cristina – Mas isso também depende dos moradores. É porque tem muito morador que joga lixo na lixeira; que joga o lixo direto dentro da vala e não quer saber quem está morando em baixo, o resto é que se dane. [Falam algo e riem.]

Coordenador – Aquele senhor ali tem uma opinião.

Francisco – Esse negócio de lixo não adianta nem falar nada. Eu, por exemplo, limpo a porta da minha casa todo dia. É, eu, hoje em dia, fez um mês mais ou menos, faz vinte e um dias hoje que ela faleceu, a D. Severina. A gente acaba de varrer daqui a pouco quando olha... vem lá de cima do morro com bolsa cheia de lixo e larga na porta dos outros. Então, não acaba nunca a sujeita lá do morro. Tem uns carrinhas, você vê lá, com a cesta, limpando. É eles lá limpando na frente e o pessoal jogando atrás. Porque tem muita gente relaxada no morro. Eu moro na Rocinha há 60 anos. Me criei na Rocinha. Fui para a Rocinha com 65. Vou fazer 61 de morro. Mas, graças a Deus, ninguém nunca me viu misturado no meio de droga. Quando era garoto, eu jogava ronda. Era o único jogo que aprendi a jogar na minha vida e gostava de um goró. Mas, nunca usei droga, nunca cheirei nem nada, hoje em dia tá largado. Quando nego ia fazer, nego ia lá pra mata, lá pra cima pro mato. Agora não, é na porta dos outros, é sentado na porta dos outros. De vez em quando, eu expulso um lá do morro, da minha porta.

Cristina – O senhor tem netos?

Francisco – Eu? Tenho netos, tenho filhos graças a Deus. Teve um que quis entrar até no bicho. Vocês devem conhecer. O Carlinho; Carlinho quis entrar no bicho. Olha, o Dênis, conhecem muito bem o Dênis (ex-chefe do tráfico de drogas na Rocinha), quando Dênis soube que ele era meu filho, deu conselho a ele. Por quê? Porque conheci o Dênis, ele, desde garotinho. Trabalhei na COFAP [inaudível] *há quatorze anos direto; entreguei muito bujão de gás, muito fogão a gás. Era da Gás Brás, fui trocado pela Heliogás. Aquela garotinha lá, vi de fralda no berço. Aquela moça gorda lá* [apontando para uma participante] *me conhece um bocado de ano. A mãe dela me conhece há mais de trinta anos. Nunca estive misturado no meio de marginal. Era do meu serviço pra casa, da casa pro meu serviço. Era a lei do "murici": eu trato de mim, cada um trata de si. Não me prejudicando... eles que vivam a vida deles que eu vivo a minha, entendeu?*

Pedrina – Sobre o assunto de drogas, eu acho assim, que também não é só homem que fuma, que usa. A gente vê muitas garotas novas, moças bonitas, misturadas juntas.

Cristina – E sobre o cigarro?

Pedrina – Sobre o cigarro, a mesma coisa. Eu, por exemplo, não fumo nada, não tenho nenhum vício. Mas onde eu moro, a gente vê muito homem, mulher, criança na rua, criança mais ou menos oito, dez anos fumando droga. Isso é uma tristeza. Quer dizer, muitas mães querem prender os filhos, mas já tem o trabalho. Eu por enquanto tenho uma filha de um ano e cinco meses, deixo com uma moça pra eu ir trabalhar. Mas não sei quando ela tiver maior. Aí, a gente sempre pensa no futuro.

Cristina – Vamos fazer o debate aí e com ela? [dirigindo-se à outra psicóloga, Nayara, do outro grupo, que veio nos assistir]. *Oi, tudo bem? Como você está achando esse debate aí todinho? Cada um falando...*

Nayara – Eu acho isso uma coisa muito boa, né? Porque dá possibilidade de todo mundo expressar o seu pensamento e saber o que o outro pensa, né? Criar uma nova

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

maneira, a partir do que cada um está pensando e tá expondo, de criar uma nova maneira de pensar. Porque a gente, quando escuta algo diferente, a gente está acostumado sempre a funcionar de uma determinada maneira, a gente fica muito preso às idéias que a gente vem trazendo ao longo da vida, e quando a gente tem a possibilidade de uma outra escuta essa outra escuta vem e amplia a cabeça da gente, vamos dizer assim, a mentalidade, a maneira de pensar. Eu acho isso uma coisa muito boa, a possibilidade de a gente se colocar. Porque, na medida em que a gente vai conversando, a gente vai respondendo, enfim, a gente vai trocando idéias, a gente vai-se escutando, né? Porque, quando você coloca pra fora o que você tá pensando, você também se escuta e aí você, puxa: Olha só! E aí você vai criando novas idéias né, você vai conhecendo o outro, enfim.

Cristina – É, vamos supor, tira uma curiosidade minha. Essas palestras todas que a gente escuta aqui a senhora acha que por mais que entra a mentalidade, a gente vai, assim... como posso dizer? O comportamento em casa vai mudando?

Nayara – Eu acho que sim, no momento em que você está disponível, porque às vezes a gente escuta as coisas e as coisas... chip... entram e saem. Na medida em que a gente escuta, em que a gente tem aquela disponibilidade interna de se abrir para o que está recebendo, isto pode causar uma mudança na maneira de pensar e ajudar, né? Porque, quando a gente escuta aqui, a gente se remete às coisas da gente e isto ajuda. Você está entendendo? Isto ajuda você a criar uma outra saída, quando a gente escuta outras vozes, como a gente chama.

Cristina – Vamos supor, quando você tem um problema com seu filho, como você deve tratar ou conversar?

Nayara – É, é isso aí, quando você escuta novas idéias, você está aberta, você experimenta lá, entende? Tenta essa solução. São outros caminhos que você abre.

Vanusa – Chega de falar agora. [Referindo-se à Cristina, que comandava a reunião. Risos.]

Cristina – Ainda tem dois minutos. Gente, vocês me desculpem se fui muito chata mas valeu.

Coordenador – O que vocês acharam desta nossa líder aqui?

Marcia – [Faz positivo com o dedo. Alguns elogios.]

Dalva – Vamos votar nela pra ser prefeita da Rocinha!

Coordenador – A Cristina tem capacidade de liderança, vocês não acham? Ela conseguiu fazer vocês falarem, não é? [Risos]

Magali – Ela é uma pessoa muito bacana, muito capaz, eu gosto dela.

Coordenador – Ham ham... O grupo, pelo jeito, pelo visto, aceitou bem esta participação da Cristina. Cristina conseguiu provocar vocês, vocês conseguiram se colocar. Então, assim, tentando ver os temas que brotaram aqui hoje, você vê que, na medida em que a gente foi falando, os temas foram surgindo aqui. Quais foram os temas que nós podemos lembrar?

Marina – Lixo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Marcia – Drogas.

Cristina – Bebida.

Coordenador – É droga tá no meio de bebi..., bebida tá meio de droga. Ela falou lá o quê?

Vanusa – Escola.

Coordenador – Escola pras crianças. Que mais? A possibilidade de a mãe cuidar mais das crianças, se ela pudesse ficar, estar mais em casa.

Lucia – A obra do prefeito.

Coordenador – Isto, as obras que a prefeitura deveria estar fazendo, que o governo deveria estar fazendo. Então nós temos muitos temas. Como acham que a gente poderia ir discutindo estes temas? Alguém poderia dar uma sugestão como que a gente pode discutir: drogas, lixo... O que vocês sugerem? Como vocês gostariam de debater estes temas? [Muitas pessoas falam juntas.]

Coordenador – O que vou sugerir, hoje, é que vocês vão pensando como vocês gostariam de debater os temas. Como que a gente vai debater o tema de droga, o tema do lixo. Ela, ali, está sugerindo que a gente fosse lá [ir ao prefeito]. *Mas a gente tem que se organizar pra isto, por exemplo, né? Vamos pensar como debater? Nós só falamos sobre os temas, agora vamos aprofundar o assunto, vamos estudar sobre as drogas? Sobre o bairro? O que nós vamos fazer para aprofundar etse assunto?*

Creuza – Ô Florentina!

Coordenador – Sim.

Creuza – No caso dela ali [olhando para Lucia, que falou sobre a obra na Rocinha], *não é defendendo o Cesar Maia não. Peraí, aquela vala...*

Lucia – Não, não é a vala não, é os canos.

Creuza – O esgoto. Pera aí. Lá perto onde moro, onde eu moro, eu encanei o meu esgoto contra a vizinhança. Olha, minha filha! Teve uma vez, que entupiu. Como eu fiz, eu fui desentupir. Dentro do vaso, sabe o que tinha? Pepino, lata de sardinha. Cano não foi feito pra isso. Então se tem isso tudo dentro do cano, você acha o quê? Bate, entope. Não vai?Vvai entupir. Porque, se o pessoal aqui tomasse consciência que o vaso sanitário não é pra botar pepino, lata de sardinha, descer... descer calcinha [risos].

Coordenador – Creuza, foi o assunto que o senhor, como é seu nome? [dirigindo-se ao senhor que falou sobre o lixo].

Sr. Francisco – Meu nome é Francisco Fernandes dos Santos. Mas todo mundo me conhece na Rocinha como Alziro.

Coordenador – Alziro? O assunto que o Sr. Alziro trouxe. Ele falou que, na casa dele, ele varre e, daí a pouco, só tem gente deixando o lixo ali.

Creuza – Mas Florentina, essa é a Rocinha.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Coordenador – Mas você acha que não tem jeito?

Creuza – Ser pobre é ser pobre. Ser porco é ser porco. Tem gente que é pobre e é limpo, tem gente que é pobre e é porco.

Coordenador – Mas você não acha que tem uma questão aí...

Ana Rita – E tem gente que é porco e não muda. Tem gente que às vezes vê você varrendo sua porta, tem o exemplo e não muda.

Creuza – O vaso sanitário fica aonde? Não fica dentro de casa? O esgoto é que passa na rua. Se o esgoto entupiu, veio de alguma casa.

Lucia – Mas lá em cima tem as valetas todas abertas.

Coordenador – Ela trouxe uma idéia. Esta coisa da valeta aberta. Mas tem gente, sim, que joga coisa dentro do vaso, eu concordo também.

Creuza – Oh! Minha casa tinha um vão atrás. Lata de leite vazia é pinico?
[Risos]

Coordenador – Às vezes serve de penico, não serve não?

Vanusa – [Balança a cabeça, concordando que lata de leite vazia serve de penico.]

Creuza – [Comenta algo inaudível de atitudes deseducadas que as pessoas fazem ao seu lado.]

Coordenador – Então, vejam só, é uma questão de educação. A gente talvez tenha que fazer uma campanha e educar o povo neste sentido. Mas ela falou uma coisa importante [referindo-se a Ana Rita]*, ele dá o exemplo* [referindo-se ao Sr. Francisco]*, se todo mundo tiver dando o exemplo, alguma coisa vai mudar.*

[Zum, zum, zum]

Creuza – Eu pago dez merréis para levarem o meu lixo da minha porta. No outro dia de manhã tem sacos e sacos na minha porta.

Coordenador – Sabem o que eu achei também? [referindo-se a quando, recentemente, esteve na Rocinha.] *Tem muito cachorro na Rocinha. Tem uma cachorrada. Você vai andando, tá cheio de cocô na rua. Olha, vamos terminar, semana que vem vamos começar neste horário também* [são quinze minutos mais cedo do horário habitual, de modo que se possam ver mais imagens]. *Sete e dez estamos aqui. Vamos fazer nosso final.* [Após vários pedidos e agradecimentos inaudíveis o coordenador também fez um pedido.]

Coordenador – Eu quero pedir que nosso grupo e o grupo da Nayara, as pessoas que aqui participam cada vez mais se sintam à vontade de ir colocando suas idéias, seus desejos, porque só assim a gente vai conseguir batalhar e crescer dentro de uma coisa que nós precisamos. Então, vamos pedir que a gente tenha, assim, consciência de que o mundo é assim como é, porque nós somos assim como somos e...[inaudível]. [Todos se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

dão as mãos e colocam seus pedidos e agradecimentos da semana... [inaudível] e depois se reza um "Pai Nosso" de mãos dadas][18].

Comentários: labirintos de discursividade

> *O sentido assim compreendido (no contexto inacabado) não é nem tranqüilo nem confortável (não saberíamos nele descansar e morrer).*
>
> Mikail Bakhtin

Embora a produção de saber, neste encontro, tenha revelado o entrelaçamento de questões diversas, os temas *Drogas e tráfico* e *Privação de necessidades básicas* evidenciaram-se num atravessamento bastante pregnante.

No que concerne ao primeiro tema, observa-se a repercussão de uma questão que é objeto de preocupação no âmbito de uma política internacional. Não obstante, o vivenciar cotidianamente as atividades de consumidores e de traficantes causa bastante inquietação, preocupação, desespero e tensão. Ao que tudo indica, a incidência do uso de drogas no dia-a-dia das pessoas parece ser visto como aspecto que faz parte da própria vida, em termos de o sujeito ser diretamente afetado pelo uso, ou de sofrer as conseqüências de ter um membro da família inserido em tal universo. Um ou outro modo de ser afetado traduz-se quase sempre em temor, frente a uma força "mortífera" e danosa, para a qual poucas medidas têm efetividade, no sentido de se alcançarem outras alternativas.

A mobilização para falar do tema é de tal importância, a ponto de a grande maioria dos participantes se implicarem em tarefas de reflexão, no sentido de expressarem suas opiniões, na esperança da obtenção de ajuda e, também, de que suas vivências pessoais sirvam de exemplos para que as pessoas, diante deste

[18]A introdução deste final das reuniões, de mãos dadas, onde quem quiser se coloca para pedir ou para agradecer a Deus e, depois, se reza a oração do "Pai-nosso", foi adotada após aproximadamente um mês de pesquisa. O Pe. Djalma solicitou uma reunião exclusiva com os voluntários da Pastoral do Recém-nascido e colocou que, por estarmos realizando este trabalho num espaço da igreja e em nome da Pastoral, deveríamos passar algumas idéias sobre as festas religiosas da igreja católica. A idéia não é evangelizar a comunidade, pois há pessoas de vários credos religiosos que freqüentam a Pastoral, mas sim passar os princípios básicos das festas mais importantes da igreja.
Esta situação foi levada ao grupo e membros dele próprio sugeriram rezar também o Pai-nosso. Não houve, em princípio, nenhum comentário contrário. O que se percebeu foi que o pessoal reagiu bem ao que foi solicitado. Em algumas situações, quando é possível, temos convidado pessoas das Pastorais Religiosas para fazerem uma palavra para o grupo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

saber, tomem precaução em relação ao que fazer ante as circunstâncias de vida que se polarizam em torno da droga.

A espontaneidade em colaborar, a partir de experiências vividas de cunho entristecedor, foi a tônica que guiou os debates. Neste ínterim, foram relatadas experiências dolorosas da sensação de perder um ente querido para a droga e, também, do que fazer em situações-limite, como uma mãe que, sozinha, se encarrega da educação e dos cuidados dos filhos, tendo que trabalhar para a manutenção dos mesmos e assisti-los. A discussão revelou-se bastante acusatória, no sentido de que, na opinião das mães, deixar os filhos aos cuidados de um irmão mais velho, também menor, pode ser o caminho que abra as portas ao mundo das drogas. Também foi revelado que a atitude radicalmente oposta (trancar as crianças em casa) mostrou-se ser em nada frutífera.

Os apontamentos trazidos, as evidências levantadas, bem como as advertências indicam a vivência diante de um impasse em relação ao que fazer para educar um filho, num contexto onde há o contato contínuo com hábitos que incluem desde o vício de mulheres, homens e crianças da bebida, ao uso constante e à negociação de drogas.

A sensação de impotência é freqüentemente revelada, denunciando ser a droga e o tráfico "monstros" praticamente indomáveis, o que mobilizou o coletivo, no sentido de que cada um tem de se ocupar em alguma atividade, ou seja, cada um tem que assumir uma parcela de responsabilidade, com a finalidade de, coletivamente, construir situações viáveis que sirvam de alternativas, a ponto de fazer o sujeito escolhê-las. Em suma, o grupo constata que é preciso produzir algo para oferecer à comunidade, que seja mais atraente que a droga.

O processo de construção de saber, neste encontro, culminou com a produção da idéia partilhada coletivamente de que, aliada à postura do cidadão, uma ação governamental é de fundamental importância e necessária.

O encadeamento que se segue à discussão sobre *Drogas* e *tráfico* pôs em evidência um estado de vivência cotidiana nesta comunidade, retratado no tema: *Privação de necessidades básicas*.

Tais privações, como fome, habitações precárias, inadequação ou inexistência de sistemas básicos de saneamento e higiene, bem como a dificuldade de trabalho, são condições de vida que, na opinião de muitos, se revestem de caminhos para o tráfico de drogas, a prostituição de menores e, enfim, o consumo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Depreende-se, assim, que tal tema se imponha ao grupo como o retrato de uma realidade vivida em sua máxima crueza. Em princípio, a postura do coletivo neste encontro mostrou-se bastante favorável ao engajamento em trabalhar o tema, talvez pelo fato de que tais situações são vividas na própria pele, sem nenhum anteparo. Além disto, pode-se pensar também que tal atitude esteja expressando o poder daquilo que é difundido em programas midiáticos, que se centram na exposição do drama humano da miséria e da violência e que culminam em alternativas de solução.

Sendo assim, tanto focalizar o tema para discuti-lo, quanto deixar um registro em imagens convertem-se na esperança de que tal mensagem tenha um endereçamento, a ponto de sensibilizar autoridades políticas a se inclinarem ao tratamento e à solução de questões desta natureza. A constatação disto deu-se tanto em atitudes críticas dirigidas às medidas (de faz de conta) tomadas pelas autoridades governamentais para solucionar problemas que impedem o atendimento mínimo das necessidades básicas, quanto no papel de cada um, no sentido de ter posturas de respeito ao semelhante e cuidado com o bem comum.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

5.6
Temas em estudo: a construção do discurso aberto

> *A palavra do outro deve se transformar em minha – estrangeira (ou em estrangeira, – minha). Distância (exotopia), e respeito. O objeto, no curso do processo de troca dialógica ao qual dá lugar, transforma-se em sujeito (no outro – eu).*
>
> Mikhail Bakhtin

A diversidade de tópicos que uma coletividade produz sobre as questões concernentes ao *modus vivendi* é bastante significativa. Entretanto, para a análise pretendida, em função dos objetivos deste estudo, fez-se necessária a escolha daqueles que, diretamente, focalizam as relações entre a construção de saber crítico numa comunidade na qual o uso do vídeo (produção de imagem) teve um papel preponderante. Assim, privilegiaram-se quatro, que formam uma trama de relações sobre a tríade abordada: produção de saber, intervenção da imagem e coletividade.

Os temas: **funções parentais e educação**, **privação de necessidades básicas**, **tráfico e consumo de drogas** e **imagem e construção de saber**[19] receberam destaque, em função de suas presenças, em praticamente quase todos os acontecimentos do grupo, mas também pela atualidade de que se revestem. Além do mais, à medida em que estes temas eram discutidos, a posição de alguns dos participantes do grupo mostrava-se claramente modificada, o que reflete a transformação pela produção de saber, em decorrência do aprofundamento e das associações referidas ao tema, bem como do fato de cada participante poder reportar-se a si mesmo em outras ocasiões, o que ocorreu mediante o uso da imagem, que possibilitou a relação consigo mesmo: momento em que se pôde avaliar uma situação, na medida em que se dedicou a abordar uma dada questão. O encontro do sujeito consigo mesmo, através da imagem, circunscreve-se numa dimensão temporal em que figuram dois momentos distribuídos espacialmente, sendo que o agora é de suma importância para refletir e significar o antes.

Cada tema foi desdobrado em três categorias bakhtinianas; o outro para mim, eu para o outro e eu para mim, que refletem o acontecer grupal em relação a momentos singulares de transformação e construção de saber, vividos a partir de acabamentos provisórios, que os múltiplos olhares da experiência com a imagem, numa reunião em grupo, pode produzir.

Ao longo da análise, verifica-se como, no contexto relacional, ocorreu a construção dos determinantes que se agrupam em cada uma destas categorias. Atenta-se não só para o conteúdo das produções discursivas, como também para o ritmo e a modalidade (direcionalidade) em que foram produzidas. A análise vai incidir sobre os quatro temas identificados nas duas reuniões escolhidas (Reuniões 9 e 10).

Estes temas atravessam as vinte videogravações. Portanto, a análise contemplará exemplos colhidos ao longo de todas elas. Cabe ressaltar que as categorias: *o outro para mim, eu para o outro e eu para mim* não se evidenciam no discurso de forma estanque, mas, sim, são reveladas simultaneamente no modo como o diálogo se vai constituindo naquele momento específico de interação entre as pessoas que participam do grupo. No entanto, dependendo da modalidade de construção diálogica, é possível visualizar-se com mais destaque uma ou outra

[19] Ver alguns exemplos em imagens desses temas no CD-ROM em anexo.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

destas categorias. Em função da pregnância de algumas produções dialógicas, elas foram retomadas em diferentes pontos da análise, a partir do exercício do olhar exotópico, buscando a diversidade de sentidos ali indicados. Portanto, a retomada de alguns fragmentos não é mera repetição, vislumbra-se a possibilidade de trazer outros sentidos, contidos num mesmo fragmento. Ao exercitar o olhar exotópico, novos sentidos vão-se revelando no ato de compreensão de um diálogo "constituído". Portanto, é importante lembrar que não há um sentido ou uma interpretação primeira, última ou única. A compreensão de uma modalidade dialógica é mais um modo de significá-la, colocando-a num novo horizonte, assim como esta nova compreensão também é, ao mesmo tempo, passível de significações infinitas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

5.6.1
Funções parentais e educação

O tema em pauta foi privilegiado na reunião 9, em função da abertura feita pelo coordenador sobre a questão do pai, no sentido de atender a uma solicitação do pároco, visando trabalhar a mensagem de cunho cristão sobre a significação do pai. Neste ínterim, o coordenador introduz a temática, embora já houvesse, até certo ponto, uma exposição do tema, pois, naquele dia, a coletividade reunia-se para, entre outros objetivos, comemorar o dia dos pais.

Há, de início, um empenho do grupo em trabalhar o tema, que evolui pelas associações feitas em termos de lembranças dos pais de origem, momento em que uma participante (Magali) se ocupa do relato de histórias sobre seu pai. Há uma extensão na abordagem. As mães começam a falar dos pais de seus filhos, num duplo aspecto: a relação deles com elas e com os filhos. Deve-se ressaltar que a construção do que seja a função paterna resulta de lembranças que, pouco a pouco, são evocadas na reunião.

Observa-se um aprofundamento, quando a temática converge para tratar a maneira como a inclusão do casal parental ocorre no desejo de um em relação ao outro, bem como as condições de produção afetiva e material junto aos filhos.

Em outras reuniões, o tema se fez presente também, de modo bastante explícito, quando eram abordadas as relações íntimas dos casais, referentes ao uso dos métodos anticoncepcionais. Observou-se, muitas vezes, que havia, no discurso

das mães, uma atitude machista dos pais. No que concerne a tal procedimento, há uma reação imediata, o se que reflete, diretamente, em suas relações (das mães) com os filhos, na medida em que se sentem sozinhas para o encargo de educar e responder por outras responsabilidades junto a um filho, em relação ao qual não houve qualquer indício de concordância com o pai, na concepção. Há, ainda, um reflexo desta postura do pai na divisão de trabalho, quase sempre ao encargo da mulher, que responde pelos cuidados domésticos com os filhos. Por fim, a abordagem estendeu-se à maneira como a palavra de um e de outro é considerada na dinâmica do casal junto ao filho.

Assim se pode circunscrever a temática em questão: a distribuição dos papéis de pai e de mãe ou de seus substitutos no cuidado e na educação dos filhos, além da maneira como cada figura da dupla parental representa, para si e para o outro, sua função junto à criança, e a função de seu cônjuge.

Neste sentido, a reunião escolhida (reunião 9) deve-se ao fato de ser o registro da comemoração do dias dos pais, momento em que o tema incitou discussões a partir da revivência de lembranças pessoais. Tanto na reunião em pauta, como nas demais, que o tema atravessa, observa-se, quase sempre, a tônica de uma reivindicação dirigida, principalmente, à figura do pai, este, geralmente, internalizado como ausente, descuidado ou incapacitado.

Há uma alegação explícita, em termos da concepção do pai, mais acentuadamente como "reprodutor" e como quem se exime de educar as crianças. Cabe salientar que não há, da parte das mães, qualquer indício de suas responsabilidades em relação à escolha dos pais de seus filhos, até porque prevalece um ideal, mobilizado pela aspiração da esperança de encontrar um homem que solucione suas precárias condições materiais. Algumas delas – uma pequena minoria – já expressam uma concepção referente aos valores de outra classe social, que reflete o imaginário do homem mais participativo nas atividades domésticas, construído segundo os moldes difundidos pela mídia, no contexto atual.

Há, ainda, um caráter ambivalente, expresso pelas mães, principalmente, no chamado do pai às funções das reais responsabilidades junto aos filhos. Em princípio, revelam um descrédito quanto às possíveis ações do homem face a seu modo de vida (alcoólatra, desempregado, toxicômano), em que, segundo elas, a convivência com este pai representaria um perigo para as crianças. Por outro lado,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

ao assumirem uma posição resignada, estariam revelando um estado de onipotência, na medida em que somente elas teriam a solução a oferecer aos seus filhos.

Foi relatado, com muita freqüência, o hábito de deixar crianças trancadas em casa, como também o de mães que adotam uma postura oposta, de permitirem as crianças viverem soltas na rua. Tanto uma postura quanto a outra dificultam a educação dos filhos, no que se refere às questões, tanto em termos subjetivos, como nos cuidados com o desenvolvimento do corpo.

Também é comum a prática de as mães delegarem a terceiros (avós) o cuidado das crianças, isentando-se, assim, de conviver com elas, em função da busca de trabalho.

A modernização das condições de vida no século XX, o grande progresso devido ao avanço científico, a proliferação da migração do homem do campo para a cidade, o surgimento de conglomerados urbanos em condições de vida precárias, a especialização de profissionais que passaram a responder junto à família, a inserção da mulher no mercado de trabalho, o aparecimento da televisão, entre outros fenômenos, criaram condições que produziram radicais mudanças na estrutura familiar. Disto resultou, tanto nas classes de poder econômico elevado, quanto nas de baixa renda, uma posição da função paterna que conheceu grande declínio, pelo menos em termos do poder frente aos filhos. Ao mesmo tempo, assiste-se a um clamor para que o pai possa ocupar-se do exercício da sua função, uma vez que há uma reivindicação constante, expressa em relação a uma suposta falha da função paterna.

Tal reivindicação, presente nos vários segmentos sociais, tem apenas roupagens diferentes, seja em termos de divisão de tarefas no lar, seja em termos de ausência.

A alusão das mães à figura do pai expressa um acúmulo de atividades em função de um pai que é vivenciado como descomprometido e ausente das responsabilidades junto à criança. No entanto, ao agrupar as produções discursivas, de acordo com as categorias bakhtinianas, tem-se um nível de análise focado na produção dialógica do discurso, podendo-se, deste modo, depreender outros sentidos e significados, que se revelam na particularidade de cada fala. Vale assinalar que as trocas verbais (enunciados) são determinadas pela alternância dos sujeitos falantes. O locutor, ao terminar seu enunciado, dá a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

palavra ao outro ou vai negociando com o outro a compreensão de seu enunciado, para possibilitar-lhe uma compreensão responsiva ativa, expressada, muitas vezes, também em silêncios e intervalos. A alternância entre um sujeito que fala e outro, que marca as fronteiras entre os enunciados, assume formas diversas.

A solicitação para o grupo centralizar-se numa temática, que já era assunto de outras reuniões, tornou possível depreender o entendimento de como as mães retratam, tanto em condições reais quanto imaginariamente, a responsabilidade da figura paterna, no que concerne à educação e ao cuidado dos filhos. Observou-se que posições diferenciadas, tais como passividade, resignação, descrédito, esperança, iniciativa, entre outras, foram assumidas quanto à mobilização para abordar o assunto. As produções, seja por iniciativa própria, seja por meio de induções, mostraram tonalidades diversas, o que reflete o momento de cada participante diante dos efeitos vividos em função do acontecimento grupal e da intervenção através do operador imagem. Em princípio, destacam-se iniciativas de cooperação para solucionar impasses, momento em que um participante se ocupa da tarefa de pensar em um outro não presente, conforme demonstram as passagens seguintes:

Marcia – Daquela hora que a Senhora falou que quem não soubesse ler, podia [pedir] *à esposa ou ao filho para lê. Se o marido não... Então eu estava falando pra ela, aqui, que você* [Florentina] *deu uma boa idéia. Porque, se o marido dela não sabe lê,, ela lê para ele.* [Reunião 10]

Lucia – O que vocês acham, meu marido trabalha à noite, chega em casa, quer dormir e as crianças atrapalham, aí ele quer ir para a casa da mãe. Deixo ele ir, ou saio pra rua com as crianças pra ele dormir? [Reunião 4]

Além da possibilidade de um acordo para a solução compartilhada dialogicamente, observa-se nos discursos uma forma de diálogo em que a narrativa se constrói em tom acusatório e autoritário: eu sei, portanto é *verdadeiro*, nas seguintes colocações:

Cristina – O que você fez pro seu marido no dia dos pais? Um risoto, strogonof, uma lasanha? O quê que tu fez? [dirigindo-se a uma participante. Risos, silêncios. Reunião 9]

Magali – Me fala uma coisa. Já que ninguém quer falar, vou falar. Posso ou não posso? Me diz, quem foi que no dia dos pais andou brigando? Ninguém, né? Alguém andou brigando aqui? Fez a paz dentro de casa? Fez ou não fez? Fica todo mundo calado? [Reunião 9]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Matilde – Que coisa feia, a mãe cortando a unha do filho com o dente. [Reunião 4]

Cristina – Ela tem que falar alguma coisa, ela não tem filhos? Ela tem alguma coisa. Ela nunca falou nada. [Zum... zum... zum...] *Tem aquelas que fazem uma pequena bagunça, mas falam alguma coisa.* [Zum... zum... zum...] *Como essa aqui. Ela teve neném.* [Zum... zum... zum... Reunião 10]

Marcia – Eu, Vanusa, Lucinha e Claudia, quando falamos, as outras pessoas só escutam, só riem ou balançam a cabeça. [Reunião 6]

Cristina – Tem muitas mulheres aqui que tem filho, entendeu, e acho que algumas delas tem problema com o filho. Não precisa só falar da vida de vocês não, gente. Às vezes a gente só quer ajudar em algum tema, em alguma coisa que você fez com seu filho, que você achou que ele não deveria fazer e você não soube resolver o problema, entendeu? Não é querer que a gente fale da vida de vocês. A gente não quer participar da vida íntima de vocês. A gente quer um assunto, pra isso aqui também não morrer. Por que isso aqui sem assunto, entende? Aí todo mundo vai ficar olhando pra parede. Porque sem assunto fica difícil trabalhar assim. Ou vocês tragam alguma tema que... Pois não? [Cristina está de pé, com o microfone na mão, meio que coordenando a reunião. R*eunião* 10]

O diálogo é detectado na maneira como o outro é incluído na produção do sujeito, em que se observa a tentativa de expressar esta inclusão. Nota-se, nesta direcionalidade das questões referentes ao outro, a transmissão subjacente de uma mensagem de valores educativos, do bem-viver, caracterizando-se, assim, como uma informação importante a ser comunicada ao outro. Tanto os risos, quanto os períodos de silêncio que se seguem têm seus significados. Pode-se dizer que os risos, nestes enunciados, estariam indicando, provavelmente, uma resposta de não inclusão do pai, a dificuldade de representação do papel do pai e, talvez, a realidade precária, que em muito dificulta pensar em excessos para comemoração. Há que se ressaltar que tal reticência não sugere ausência desta questão (comemoração) no imaginário desta classe social, até mesmo quando retrata costumes que são atribuídos a uma outra classe social. Por outro lado, os silêncios podem ser indicativos de momentos inibitórios, diante da dificuldade em relação ao tema, e sugerir ações apreendidas como distanciadas da realidade em que vivem. Além disto, pode-se pensar em elaboração e reflexão em suas variadas possibilidades.

Ao que tudo indica, a idéia de comemoração é representada em termos da produção de soluções, seja relativa à resolução de conflitos, seja relativa aos afazeres cotidianos.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Constata-se, na fala de Magali, uma tentativa de estabelecer um diálogo em presença do outro, mas o discurso se dirige de maneira autoritária, indicando valores como paz, união familiar, datas comemorativas para oportunidade do perdão, entre outros. Trata-se, assim, de uma modalidade de acusação (o participante faz a pergunta, sugerindo a identificação das pessoas), mas também de transmitir um valor positivo. A presença alteritária se faz notar em tom acusatório e de cobrança.

O zum..., zum..., zum..., expresso após a fala de Cristina, talvez revele produção, mas num diálogo em paralelo. Este modo de acontecer grupal (conversas paralelas) tem sido a tônica de todos os encontros, indicando a mobilização grupal para produzir. Muitas vezes, o falar em voz alta pôde ser considerado como reação frente à inibição, que aos poucos se minimizou, a ponto de alguns participantes do grupo adotarem a prática de levantarem o braço, demonstrando sua intenção de falar para a grupalidade. Assim, acredita-se que o exercício fez a construção de um hábito, voltado para a produção. Cabe lembrar que a convivência com o barulho, em suas múltiplas formas, está no cotidiano desta comunidade, no local onde residem. Os silêncios, que podem ser experienciados como uma ampliação do tempo e do espaço, não fazem parte do dia-a-dia desta grupalidade em suas habitações. Os barulhos são constantes e os espaços, pequenos.

Há que ressaltar, na fala de Cristina, uma modalidade dialógica típica da informação, visto que o falar, o se instruir e o se informar indicam uma possibilidade de construção de valores e, portanto, de transformação. A participante em pauta, ao se diferenciar em sua postura, o que muito se aproxima da função de coordenador, pôde dar continuidade ao processo de transmissão de informação. Neste sentido, pode-se observar a evidência da relação de alteridade frente à possibilidade de desconstrução do lugar do coordenador, sem que isto tenha causado qualquer constrangimento ou reação paralisante no grupo.

Esta alternância do lugar do coordenador revela a importância de o próprio grupo ter capacidade de se organizar e encontrar suas saídas. A produção de saber via palavra, disparada pela imagem, é acentuada como importante e necessária para a busca de soluções específicas daqueles sujeitos, tanto que é imposta como uma ordem a ser cumprida, manifestada na fala determinada e aconselhativa de alguns membros do grupo, quanto pelas perguntas insistentes do coordenador para

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

darem sentido ao que se passa e ao que pode ser dito. Assim sendo, pode-se dizer que a produção de saber, referida a cada tema, foi o tempo todo focada, seja através de perguntas sugestivas, convidando o outro a se colocar, seja através de comentários sobre a situação presente, seja através de colocações em tom acusatório, mas, ao mesmo tempo, aconselhativo/informativo, para as pessoas falarem, com o intuito de saírem de uma abordagem superficial para o aprofundamento de um tema e, conseqüentemente, para uma postura reflexiva, até se chegar a uma mudança de atitude. Nota-se uma esperança de mudança subjacente nas colocações, seja indicando posturas a serem praticadas, seja solicitando pedidos de ajuda explícita, seja imaginando a potência da Pastoral e da pesquisa (o estudo em pauta) em fazer suas vozes ecoarem em outros âmbitos de preocupação social.

Há uma intenção de se estabelecer o diálogo, que pode ser depreendida das seguintes passagens:

Ana – A mensagem, está guardada na minha bolsa. Risos... [Reunião 10]

Marina – Ah! Nada não, depois eu falo. [Risos… Reunião 7]

Vanusa – A maioria tem vergonha. [Reunião 13]

Andréa – Mas Florentina, eu não estou dizendo que o que a gente fala aqui é uma bobeira não. Não estou falando isso, não, claro que não. O que a gente conversa é sobre a gente mesmo, e é sério. Mas, tipo assim, cada pessoa trazer um problema e a gente dar uma sugestão, cada um dá uma opinião, tipo o caso daquela moça ali. Ela trouxe pra cá, e a gente demos a opinião da gente. Tipo assim. Porque tem gente que tem problema, mas chega aqui não fala. Um problema em casa com o filho, com a filha, com o marido, com os pais. E chega aqui, não fala nada. Às vezes é uma sugestão legal [Reunião 10]

Em princípio, o discurso é observado diante da produção de uma resposta, mas segue indicando, neste caso, uma atitude de desvio em relação ao destinatário da mensagem. O movimento expresso pode ser sugestivo da falta de vontade em abordar o assunto. Os risos que se seguem a tal atitude podem indicar uma resposta em relação à postura de omissão para abordar a questão do pai, ante a dificuldade de trazer à tona aspectos desconcertantes, penosos e dolorosos. Mesmo assim, a ação em pauta pode ser reveladora de uma atitude narcisista, demonstrada no guardar a mensagem, ou, também, talvez, um tipo de deboche ou descaso.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Há, ainda, indicada, nestas construções dialógicas, a tentativa tanto de o participante se explicar, como de criar metodologia para trabalhar os temas no grupo. Além disto, há cobrança de participação, o que se entende como modalidade discursiva acusatória, e a importância da informação é destacada, quando são sugeridos um esquema de trabalho e a escolha de temas, em função de suas relevâncias. Tem-se, assim, caracterizada a alteridade, quando é considerado o grupo como um outro, lugar de discussão, de reflexão e de produção.

Outro apontamento pode ser detectado quanto à importância da experiência grupal, conforme se depreende das passagens seguintes:

Joana – ...E acho que o governo podia olhar pela gente que tem filho pequeno no colégio. A gente vai levar a criança na escola e o motorista não quer nem abrir a porta da frente. A gente tem que pagar a passagem, para levar a criança, senão a criança cresce burra para virar um marginal, para matar ele mesmo [o motorista]*, ou então o filho dele e outras pessoas. Eu acho que o governo tinha que dar esse direito pra gente levar o filho para a escola. Entrar pela frente e vir. Tinha também que dar uma cesta básica, no valor da criança pra a mãe não ter que ir trabalhar, para ficar tomando conta da criança.* [Reunião 10]

Matilde – Sabe por que isso aí? Porque as nossas mães não ensinavam pra gente. Eu estou ensinando meu filho a usar camisinha, porque no tempo passado tinha camisinha mas só que era muito escondido. Hoje em dia os homens não querem usar porque não têm aquele conhecimento, aquela noção. Tinha camisinha e nem os homens e nem as mulheres antigamente se preocupavam em usar. Hoje em dia, não. Para eles também é uma dificuldade muito grande, gente! Não pensem que é fácil não. Porque o normal é uma coisa. Uma coisa plástica é outra sensação. Eles estranham com essa sensação de, vocês me desculpem, penetrando, entenderam? Eles sentem outra sensação totalmente diferente, que para eles também é um susto muito grande. Então para vocês, que têm filhos, eu aconselho já falarem com seus filhos, ensinar, por causa dessa doença também. Só. [Reunião 15]

Detectam-se, nas falas acima, expressões dialógicas, que se revelam pela confirmação de uma experiência vivida. Em princípio, Joana retrata algo de sua história vivida, sem qualquer escamoteio. Há de se ressaltar a manifestação de expectativa de melhores condições de vida no futuro, vislumbradas a partir de um tempo presente. Além disto, destaca-se, também, nas passagens referidas, uma espécie de reivindicação aflitiva, em tom acusatório, ao mesmo tempo em que se revela a atitude de desespero de quem é forçado a vivenciar situações que não deseja, caracterizadas pelo modo de dizer da *verdade nua e crua*. A insistência em querer fazer o outro ser ouvido, em querer fazer-se ouvir pelo outro e em querer

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

mobilizar o outro à participação é indício de alteridade, expressada para a obtenção de solução imediata dos obstáculos presentes no viver cotidiano.

Podem-se ainda depreender outras modalidades discursivas, quando se focalizam as referências ao manejo da dimensão espaço-temporal, conforme se depreende das passagens seguintes:

Dalva – A Rocinha cresceu muito, antigamente a gente podia deixar o filho e tudo né, agora está difícil. [Reunião 10]

Joana – ...Então, acho que é a mãe que tem que se preocupar, porque está vendo o filho passar fome, então ela se rejeita a trabalhar, a deixar o filho dentro de casa trancado, tomando conta de mais dois, três e acontece isso mesmo. [Reunião 10]

Joana – Porque a maioria das crianças que viram marginal mesmo é porque a mãe tem que trabalhar, para dar sustento para dentro de casa. Normalmente o pai não quer saber, fica viciado mesmo na boca, o que pega vai gastar com droga, com cachaça e já aconteceu comigo. E não dá nem um quilo de arroz pra dentro de casa. [Reunião 10]

Pedro – Acho que a única coisa que tem nisso tudo, é se apegar mais aos filhos quando pequenos, para, quando chegar a adolescência não ficar dando trabalho, porque tem que ser de pequeno. Tem que começar a cuidar de pequenos, porque se abandonar, se deixar, vai pagar um bom preço, vai mesmo. [Reunião 19].

Magali – Depois que terminar, quando a gente parar de pegar o leite, será que tem como a gente ganhar uma lembrancinha, para guardar sobre isso não? [Reunião 8]

Não somente a apreensão de um tempo presente/futuro é constantemente suscitada, como também a nostalgia de um passado vivido em melhores condições, além de serem indicativos de que o manejo da relação tempo/espaço se transformou consideravelmente, seja em função da comparação entre as lembranças de tempos passados e a vivência do tempo atual, seja pela possibilidade de que a fala suscita uma viagem a um tempo claramente perdido, momento em que são reveladas ações que deviam ter ocorrido e de que se perdeu a oportunidade. Entretanto, há um aspecto positivo em relação a tais circunstâncias, pois, ao invés da desistência, atenta-se para a possibilidade de se retomarem tais ações e realizá-las no momento presente. A possibilidade de transformação, em virtude do acesso ao saber, é vislumbrada não somente no gerenciamento do tempo, como também em relação às condições indispensáveis a uma vida salutar. Isto foi expresso pela necessidade, tanto de um projeto político-social, quanto pela instrução relativa à educação, para a utilização dos serviços

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

destinados ao atendimento das necessidades básicas, conforme se pode observar também nas seguintes passagens:

Marina – Acho que o Conselho Tutelar tinha de andar uma vez pelo menos nas favelas. Só o Conselho pode dar jeito nisso aí. Uma vez por semana. Quer dizer, só o Conselho pode dar jeito nessas crianças na rua. A gente vai fazer o quê? O Conselho pega, leva pra escola. Eles têm escola pra criança assim. Eles têm que dar educação. Aí eles vão ver se a mãe tem responsabilidade ou não tem. [Reunião 17]

Creuza – O esgoto. Pera aí. Lá perto onde moro, onde eu moro, eu encanei o meu esgoto contra a vizinhança. Olha, minha filha! Teve uma vez que entupiu. Como eu fiz, eu fui desentupir. Dentro do vaso, sabe o que tinha? Pepino, lata de sardinha. Cano não foi feito pra isso. Então se tem isso tudo dentro do cano, você acha o quê, bate, entope. Não vai, vai entupir? Porque se o pessoal aqui tomasse consciência que o vaso sanitário não é pra botar pepino, lata de sardinha, descer... descer calcinha. [Reunião 10]

Julio Cesar – É, tem criança que se revolta na escola e sai matando. Eu acredito que aquilo ali aconteceu alguma coisa na infância dele. Porque aquilo ali não é um comportamento nem de um adulto, quanto mais de uma criança. Pegar uma arma de verdade e sair matando. Que nem eu chegar aqui e sair dando tiro a torto e a direita em quem não tem nada a ver, indignado com a vida. Então eu acredito que aquilo ali, ela carrega algum trauma da infância, algum pai, ou alguma pessoa fez com ela e ela vai carregando aquilo até a hora que explode, aí sai cometendo coisas erradas. Acho que a violência que você está usando contra as crianças hoje pode um dia se voltar contra o próprio pai. [Reunião 18]

Ana Rita – E tem gente que é porco e não muda. Tem gente que às vezes vê você varrendo sua porta, tem o exemplo e não muda. [Reunião 10]

Lucia – Mas lá em cima tem as valetas todas abertas. [Reunião 10]

A tônica destas produções é acusatória, frente ao despreparo e também à carência de informação para evitar ações desastrosas na convivência cotidiana. Sendo assim, o tema educação segue numa modalidade dialógica da informação e do *aconselhamento*, no intuito de produzir mudanças. Há a explicitação do tratamento da questão em tom irônico, talvez reveladora da possibilidade de enfrentamento da questão.

Vez por outra, observa-se uma tendência a expressar a idéia de uma verdade absoluta, quando são retratadas circunstâncias com poucas chances de mutabilidade, o que culmina num tom acusatório. Em outros momentos, encontra-se a polarização dialógica que leva à reflexão, momento em que a expressão de alteridade mobiliza para a saída de uma posição persecutória e acusatória, momento em que são esboçados indícios de mudança, de atitude cooperativa.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Refletir sobre possíveis acabamentos provisórios, na dinâmica relacional entre os sujeitos, e focalizar a apreensão de cada participante sobre o que é pensado a seu respeito, a partir de uma consciência alheia, detecta-se em:

Marina – Quando a gente foi lembrar deles [Aos pais] já tinha passado. [Risos. Reunião 9]

Julio Cesar – Você tentou o diálogo. Parece que entrou na mente dela, mas depois desaparece tudo, não é? Dá umas palmadinhas pra variar, de vez em quando. [Risos. Reunião 16]

A primeira passagem acima explicita uma modalidade dialógica, que revela um descaso do sujeito em relação ao outro. Os risos que se seguem podem ser indícios de uma ressonância desta fala nos participantes, que parecem acordar com tal circunstância. A estrutura do discurso sugere, em função do riso, um certo fechamento. Sendo assim, estes risos podem, também, ser indícios de opiniões particulares e divergentes da posição de quem fez tal enunciação. Não obstante, pode-se acrescentar, ainda, que os risos, como indícios de não resposta, sugerem um desvio da questão em pauta.

Esta forma discursiva, que culminou numa modalidade aconselhativa extremada, é também observada em momentos em que é sugerida a aplicação de ações de cunho autoritário, através de procedimentos físicos, o que fica exemplarmente evidenciado nas seguintes passagens:

Magali – Acho que você deve cortar muitas coisas dela, muitas brincadeiras, coisas que ela quer que você faça. E botar ela de castigo. Porque a gente bater, é muita covardia. Você dialogar com ela é muito melhor. [Reunião 16]

Naila – Às vezes, até com uma vara de marmelo de vez em quando. Hoje em dia, diz que é violência, se a gente bate nos filhos em casa. Diz logo que vai chamar a polícia. Qual é a violência maior? Em casa, ou os policiais na rua, ou os vizinhos? Não sei. No caso dela, às vezes, até a filha dela esteja acompanhando alguma amiga. Acha que a amiga está certa, aí, pronto. A educação que a mãe dá em casa já não vale mais nada, é dos tempos da mãe, não vale nada, conforme está aí. Às vezes, são debochados. Tem que botar de castigo e ir conversando, de modo que ela vá vendo. Tem que ser com amor e carinho. [Reunião 15]

Observa-se que o diálogo é entrecortado pela presença constante de proposições autoritárias. Há, ainda, indícios de construção de consciência crítica, quando se vislumbra, como saída para o impasse, a interação através do diálogo. Observam-se, também, críticas, não só aos procedimentos de cuidados e educação

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

dos filhos, como também à expectativa em termos da assimilação de princípios para a convivência em espaços públicos, tendo-se, assim, caracterizada a importância da informação.

O confronto de realidades, espaço geográfico do lar e espaço da rua com seus atores é também um assunto em destaque, em relação ao qual se vive, nostalgicamente, a decepção frente à constatação da degradação de valores de uma época. Nutre-se o ideal de que o tempo de outrora oferecia valores mais estáveis.

À medida em que a temática dos cuidados parentais e da educação ia sendo abordada mais aprofundadamente, observou-se uma outra particularidade em relação à figura parental. Foi reconhecido o seu valor em algumas condições, conforme se depreende das seguintes passagens:

Julio Cesar – É, tem criança que se revolta na escola e sai matando. Eu acredito que aquilo ali aconteceu alguma coisa na infância dele. Porque aquilo ali não é um comportamento nem de um adulto, quanto mais de uma criança. Pegar uma arma de verdade e sair matando. Que nem eu chegar aqui e sair dando tiro a torto e a direita em quem não tem nada a ver, indignado com a vida. Então eu acredito que aquilo ali, ela carrega algum trauma da infância, algum pai, ou alguma pessoa fez com ela e ela vai carregando aquilo até a hora que explode, aí sai cometendo coisas erradas. Acho que a violência que você está usando contra as crianças hoje pode um dia se voltar contra o próprio pai. [Reunião 18]

Magali – Vou dizer uma coisa para a senhora. Eu acho muito bom. Eu tive um pai que eu não tive sorte com ele não, até hoje. Até hoje ele não dá valor a mim, nem a meus irmãos. Hoje em dia era pra gente estar seguindo um outro rumo do que ele ensinou. Mas graças a Deus demos pra ser pessoas boas, trabalhadoras, a gente sempre corre atrás, nunca esperamos por ele. E agradeço a Deus que meu avô foi uma pessoa muito boa pra mim. Mas Deus o levou logo. [Reunião 9]

Neuza – Eu acho que o pai dialoga, eu também falo e ela [a filha] *continua fazendo a coisa toda errada.* [Reunião 14]

Configura-se, assim, uma modalidade de vínculo alteritário, no qual a existência do outro é valorizada em função de suas ações, entendidas como indispensáveis. A possibilidade de compartilhar é vista de forma bastante significativa, como arranjos para o viver cotidiano. Há, também, o reconhecimento da presença do outro, o que pode ser pensado como uma forma de construção de saber, uma vez que, para isto, se faz necessária a conscientização de limites. Observa-se, assim, a criação de um espaço comum, onde as relações de poder são mais bem administradas.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

O reverso desta questão é expresso numa modalidade dialógica, em que predomina a identificação à fala do outro, como esperança de ir vivendo por meio das experiências narradas, conforme se constata em:

Joana – Olha só, eu acho que ela falou certo, por que ela falou que nem todas as pessoas que estão aqui precisam do leite, porque ele ajuda muito. Principalmente para mim, que tenho quatro crianças.[Reunião 10]

Suzana – Tem mãe que trabalha, não pode ficar com o filho, aí às vezes deixa com alguém. Às vezes o filho não tá bem cuidado. Mas tem mãe que relaxa mesmo, mas é porque ela já vem com aquela má educação. [Reunião 7]

Isaura – Porque é assim, tem mãe que pensa que ter filho é fácil. Ter filho não é só porque trabalha. Aí tá, trabalha, dá comida, pronto, não. Ter filho tem que dar atenção, tudo né... [Reunião 16]

Joana – ...E sobre o trabalho, é muito difícil mesmo, uma pessoa ter quatro filhos, três, não pode trabalhar mesmo não. Não tem condições. Três filhos pequenos e a pessoa trabalhar, não tem condições. Deixar jogado mesmo. [Reunião 10]

Depreende-se, explicitamente, um apelo à garantia de reconhecimento, a partir de seu drama particular. Utiliza-se de um modo fatalista para se expressar, em que a postura de concordância com o outro tem lugar para a obtenção de benefícios. Pode-se admitir até a utilização de uma estratégia polarizada num certo egoísmo, uma vez que há o realce da própria necessidade, sem qualquer ressonância nos demais. Observa-se, também, a posição de fracasso frente aos obstáculos com que se depara, o que é vivido em tom de desespero. Há, nisto, um pedido explícito de que seu interlocutor se mobilize, no sentido de propiciar melhores condições de vida. Revela-se, neste exercício do diálogo alteritário, a modalidade acusatória, embora o discurso aponte para a concordância com o diálogo do outro.

A possibilidade de reflexão do sujeito, a partir daquilo que ouve e do que pensa sobre si mesmo, evidencia uma outra modalidade de relacionamento entre os sujeitos. Como o exercício da função paterna se mostrou um tema bastante mobilizador, cada participante, do seu modo e em seu ritmo próprio, deixou transparecer o entendimento subjetivado do que seja o exercício de ser pai e também a posição de ter pai, conforme se constata em:

Magali – ...E agradeço a Deus que meu avô foi uma pessoa muito boa pra mim. Mas Deus o levou logo. [Reunião 9]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Creuza – (...) Eu sinto falta da minha mãe, eu sinto falta do meu pai... não é que eles me jogaram no mundo não. Foi fatalidade deles morrerem quando eu era pequena. Então fui criada num colégio interno que graças a Deus me deu pra mim olhar acima de mim. Não olhar pra trás. O que passou eu sei que passou. Então eu tento olhar sempre pra frente. [Reunião 10]

Evocam-se, nestas passagens, lembranças vividas e aspirações relacionadas ao bem-estar. O diálogo, em termos alteritários, assume dois níveis. Um, em presença do interlocutor, numa horizontalidade do acontecer aqui e agora, outro, numa remissão temporal, atualiza figuras idealizadas de um passado. O apelo a "vozes" distintas, de quem possa ocupar-se do exercício de uma mesma função – Deus, instituição, avô, pai – revela a presença de múltiplas vozes neste diálogo, que oscila desde o conformismo, posição em que o sujeito não vislumbra outras alternativas, até o ressentimento, quando há a expectativa de que a presença paterna poderia ter seguido outros caminhos mais salutares, em termos de educação. Mas o que se destaca como construção de saber é a disposição, internalizada pelo sujeito, de que, em havendo falta, é possível encontrar um substituto, configurando-se, assim, a conscientização da importância do outro como presença alteritária fundamental para o sujeito dar continuidade aos esforços empreendidos, visando solucionar os impasses próprios da vida.

A alteridade cumpre, assim, uma função mútua: tanto o sujeito pode contribuir com seu interlocutor, como, também, entende que pode ser ajudado desde uma consciência de fora de si, constituindo, assim, um processo de trocas, ao mesmo tempo alteritárias e dialógicas.

Nestas circunstâncias, pode-se falar de integração entre atores dos acontecimentos da vida, de forma produtiva, por se fundamentar num espaço comum compartilhado. Nesta relação dialógica com o outro, este é internalizado como aquilo com que o sujeito pode contar.

A revivência de filigranas de memória dispostas temporalmente parece ser uma constante, quando se focaliza a relação pais/filhos, no tocante ao destino destes últimos, tendo uma vasta abrangência, desde o abandono, até a preocupação excessiva, conforme se constata em:

Luciana – Olha! Quando eu era criança, quando eu estudava na escola, às vezes eu matava aula e ficava no meio daqueles pivetes de 16 anos. Eu era criança no meio. Eles já eram malvados e eu era inocente no meio deles. Então, quero dizer, eu ficava olhando pra eles e ficava no meio deles. Eu não fazia o que eles faziam, mas se eu quisesse fazer eu poderia fazer. Eu não estava fazendo ainda. Mas depois eu passei a fazer longe deles. Já quando não estava mais com eles. Teve um tempo em que eu queria sair de casa para

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

viver com eles. Por quê? Porque, na minha família, ninguém sabia onde eu estava, mas quando resolvi sair de casa, e foi quando me bateram em casa. Nunca tinham me batido. Mas me bateram e resolvi fugir e ficar lá no meio deles. Não passei uma noite fora de casa porque eles [de casa] *foram atrás de mim, me procuraram por Copacabana toda. Se não tivessem ido eu teria passado a noite fora. Se não tivesse ido quem sabe a minha vida não teria mudado? Não é? Eu teria sido uma bandida, não é? A mãe tem que estar sempre atrás do filho, eu acho assim. Tem que saber onde ele está, com quem está andando. Se ele tiver com má companhia, ela tem o dever de proibir ele andar com aquela pessoa. Porque a criança, quando a mãe está sempre dando carinho para ela, aí ela… A minha mãe morava em Minas. Eu não morava com minha mãe. Eu morava com minhas irmãs. E as minhas irmãs já estavam… Eu falsificava carteirinha, elas não olhavam a caderneta, não tinha ninguém para me orientar. Minhas irmãs eram todas desencaminhadas.* [Reunião 10]

Naila – Quando a gente estava falando do colégio interno, eu e meus irmãos fomos todos criados em colégio interno. Então a educação que eu tinha todos tinham. A educação antes, do colégio interno, até a da Febem, não sei se vocês sabem disso, mas antes qualquer coisinha que um filho fazia, os pais falavam assim – Vou te botar na Febem. Porque ali educava e ensinava, agora virou bagunça. Não só ali, como estamos vendo em todos os lugares. Mas ali já foi um lugar de educação. Meus irmãos passaram por ali. Ali as pessoas ficavam ali para serem transferidas para o colégio que tinham pedido. Meu irmão trabalhou na casa da moeda, é um policial, o outro também, o outro é carpinteiro, o outro é carpinteiro, o outro é carpinteiro, o marido da minha irmã é professor e ela acompanha ele. Graças a Deus, todos ali... Enquanto eu estiver viva eu pretendo ajudar algumas pessoas só para não deixar, não coisas, mas não deixar uma má impressão neles. Porque foi assim mesmo. A Febem antes era mesmo para educar as pessoas, agora... [Reunião 19]

Ressentimento, preocupação e temor marcam, nestas passagens, suas presenças, remetidas a um tempo vivido, em relação ao qual não há segurança, como também os espaços referidos são imaginados como pouco acolhedores, ressaltando-se a alusão ao espaço de uma instituição escolar, relembrada em termos positivos.

O diálogo se apresenta de forma a ressaltar a importância que o sujeito atribui aos cuidados recebidos, sugerindo, assim, a necessidade de convivência com o outro, no tocante à possibilidade de melhores condições de vida, desde que este outro se coloque na posição de reconhecer as necessidades do sujeito.

Uma atitude amorosa, retratada em termos da dinâmica ser visto/ver, parece ter uma função estruturante para o sujeito, seja dos responsáveis diretos, ou de seus substitutos, o que configura um tipo de relação alteritária, na qual se destacam a necessidade e o reconhecimento do outro.

A comunicação de experiências vividas, até certo ponto exitosas, parece ter uma função: demonstrar que, em certas situações difíceis, existem saídas. Deste modo, aquilo que é vivido é enunciado, na esperança de servir de modelo. Pode-se

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

afirmar tratar-se, nestes casos, da transmissão da informação através da experiência vivida.

Há, também, o reconhecimento das impossibilidades e das dificuldades pelas quais as figuras parentais tenham passado, conforme se depreende de:

Marina – Os pais todos pobres. Às vezes eles querem sair com os filhos, têm vontade, mas nem condições tem. Num lugar que não tem também. Só vivem enfiados dentro dessas favelas aí. [Reunião 9]

Apesar do reconhecimento de condições precárias, isto é expresso dialogicamente em tom de revolta, tanto nas exíguas condições materiais de vida na relação com o outro, quanto na indiferenciação dos espaços de convivência. Tem-se, assim, um tom acusatório e denunciativo, que pode ser caracterizado como o *slogan verdade nua e crua*. Há, sobretudo, por outro lado, um processo de reflexão, que leva à conscientização da precariedade das atitudes dos pais com os filhos, tanto em função das dificuldades vividas, quanto da convivência constante em espaços físicos diminutos. Nisto, fica demarcado o reconhecimento da diferença espaço interno/espaço externo, o que se reflete na constituição das relações psicossociais do sujeito.

Esta modalidade dialógica acentua-se nas passagens seguintes:

Silvia – Ele olhou e colocou dentro da carteira de trabalho... É uma mensagem que ele vai levando pra cima e pra baixo. [Reunião 10]

Magali – O meu leu e falou que gostou. Ele disse que alguém lembrou dele – pelo menos alguém lembrou de mim. Meus filhos não podem me dar nada agora, porque estão pequenos, mas alguém lembrou de mim. – pegou, leu e gostou. Aí pegou e botou dentro da carteira de trabalho dele.[Reunião 10]

O reconhecimento das precárias condições parece ter uma conotação também positiva, visto que o outro, mesmo sendo visto como pouco tendo a oferecer, nem por isto deixa de ser importante, o que pode ser pensado como um valor de cunho subjetivo, e não somente material. Isto caracteriza o ditado *homem de valor*, homem exemplar, que guarda em si uma relação com a transcendência e, provavelmente, com algo de ordem mística.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

5.6.2
Privação de necessidades básicas

Trabalha-se neste estudo com a expressão necessidades básicas, no sentido de indicar desde as necessidades vitais até modalidades de organização social, incluindo aspectos do viver em coletividade. No entanto, embora um conjunto diversificado de necessidades tivesse sido objeto de reflexão no grupo, no que tange à sua constituição, encontra-se como principal eixo de sustentação a necessidade básica: fome.

A razão de ser da existência do grupo teve, como seu determinante principal, a doação de leite, ou seja, na história deste grupo, os participantes sempre se reuniram para receber suprimentos alimentares.

Há uma particularidade a se destacar. O leite doado já indica alguma coisa de quem o recebe. Em certo sentido, pode-se afirmar que houve o reconhecimento de um estado carencial e, em função do mesmo, organizou-se uma ação para remediá-lo. Sendo assim, o objetivo principal desta ação circunscreve, de certo modo, o contingente de pessoas que pertencem a tal coletividade.

Partiu-se do pressuposto de realizar a doação a pessoas desempregadas, que não dispõem de outros meios para a aquisição de condições mínimas necessárias à sobrevivência. Vale salientar que, embora o eixo norteador tenha sido um alimento, durante os encontros grupais necessidades de outras naturezas foram sendo expostas e discutidas.

O uso da imagem produziu mudanças no andamento do grupo, não só pelo fato de que o tema passou a ser freqüentemente discutido, como também houve a conscientização, seja das condições precárias de vida, seja dos meios disponíveis para solucioná-las. Acredita-se que a introdução da imagem no grupo, assemelhando-se aos modelos midiáticos de programas e noticiários que abordam questões como a miséria, entre outras, tenha sido um mobilizador, levando-o a estender suas discussões para além das necessidades consideradas vitais.

Cabe ressaltar que, provavelmente, o grupo se nutria da esperança de que as informações registradas, relativas às suas queixas, apelos e reivindicações, pudessem ter um destino: ser objeto de conhecimento de autoridades competentes para implementarem políticas, no sentido de solucionar tais dificuldades. Talvez

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

seja esta a razão das constantes críticas dirigidas às medidas governamentais, entendidas pelo grupo como falhas.

Mesmo em se tratando de uma prática assistencialista (distribuição de leite), podem-se detectar dois grandes momentos na posição assumida pelo grupo. Em princípio, era expressada a esperança de que uma política assistencialista pudesse ser estendida aos demais estados de carência vividos, pois a abordagem de questões outras, além da fome, parecia assumir um tom reivindicativo, além de, explicitamente, ser um claro pedido de ajuda. Dito em outras palavras: os participantes verbalizavam suas situações de vida na esperança de que tais mensagens chegassem ao conhecimento de pessoas, que passariam a se ocupar do atendimento de suas necessidades. Em segundo lugar, à medida que algum tipo de produção de saber foi esboçado, a questão da responsabilidade passou a ser abordada, o que pode ser pensado como a mudança de uma posição meramente passiva para uma ativa, principalmente quando tinham lugar tanto as críticas às autoridades, quanto orientações e esclarecimentos entre os participantes.

Como o tema anterior, a análise é pautada nas mesmas categorias bakhtinianas, o que reflete a posição, a mudança e o entendimento dos participantes do grupo sobre suas condições de vida e também sobre as medidas que estão ao alcance para dar continuidade aos seus projetos de vida.

Uma particularidade é considerada: a importância do olhar de reconhecimento tanto da Pastoral, quanto dos participantes, uns sobre os outros, o que resultou, para o grupo, numa modalidade de saber acerca da necessidade de relacionamento alteritário.

As produções discursivas são indicativas não só do reconhecimento do outro, ou mesmo da imposição de reconhecimento, como também das condições de vida, condições que refletem o atual panorama em que se observa a grande densidade de pessoas vivendo em pequenos espaços, o que, certamente, tem um peso significativo na expressão e no aguçamento de condições que retratam a precariedade de vida. Acrescente-se a isto que as exigências atuais criaram modos de viver característicos de situações em relação às quais o sujeito é convocado a tomar uma iniciativa. Em certo sentido, a temática *privação de necessidades básicas* foi abordada em tom esperançoso e reivindicativo, o que, certamente, revela a maneira como estas questões perpassam o imaginário coletivo desta classe social.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Diferentemente do tema anterior, que foi introduzido para reflexão, o tema em pauta faz parte do projeto de criação do grupo, bem como de sua continuidade. Deste modo, não havia como não refleti-lo, ou seja, todos os encontros abordavam, direta ou indiretamente, as circunstâncias de vida relacionadas a determinadas necessidades, conforme se constata na seguinte passagem:

Marina – Inaudível... mas não tem graça [passar o dia dos pais na comunidade onde se vive]. *Tem uma pracinha lá* [na favela há uma pracinha muito pequena] *que se desce todo mundo* [descer o morro; os moradores da favela irem à praça]*, não ia caber. Não tem nada pra se ver* [cinemas, teatros, praças. Reunião 9]

É retratada a carência de espaços para encontros de lazer, numa modalidade dialógica que revela, num tom irônico e crítico, o descompasso entre aspirações e aquilo que é oferecido pelo poder público, em termos da criação de espaços físicos necessários à manutenção de relações com o outro. Denota-se, assim, a expressão de ausência dos espaços de convivência. Fica configurado, deste modo, um horizonte de expectativas que inclua o lazer. Além disto, reivindica-se, também, uma certa ordem no espaço externo, como garantia das mínimas condições de repouso e de bem-estar, o que pode ser depreendido das seguintes passagens:

Julia – Ah! acho que o barulho dos bares [o que ela gostaria que mudasse, onde mora]. *Porque é a noite toda. Você ter que levantar para trabalhar, você acorda... É muita bagunça.* [Reunião 10]

Lucia – Aquela obra que eles fizeram lá no beco no esgoto que toda vez entope. Aquelas vielas cheia de cocô, descendo toda vida até lá em baixo. [Reunião 10]

Há, na primeira, a constatação da necessidade de mudança, ao mesmo tempo em que é indicada a dificuldade de viver em tais condições. Tem-se, assim, um discurso indicativo de uma descrença em projetos que solucionem tais situações, o que retrata o dito popular *a vida é dura*. Na segunda, o diálogo assume um tom crítico sobre o outro, revelando a *verdade nua e crua*, além de ser uma espécie de denúncia, dirigida às autoridades, e um alerta aos moradores daquela localidade para tomarem consciência de tal situação. Pode-se admitir que há um apelo dirigido àqueles que se devem implicar na busca de solução para tal fato.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A reivindicação dirigida às autoridades é colocada em segundo plano, quando há o chamado, de forma radical, à responsabilidade de cada um, conforme se observa nas passagens:

Cristina – Mas isso também depende dos moradores. É porque tem muito morador que joga lixo na lixeira; que joga o lixo direto dentro da vala e não quer saber quem está morando em baixo, o resto é que se dane. [Falam algo e riem. Reunião 10]

Francisco – Esse negócio de lixo não adianta nem falar nada. Eu, por exemplo, limpo a porta da minha casa todo dia. ... a gente acaba de varrer daqui a pouco quando olha... vem lá de cima do morro com bolsa cheia de lixo e larga na porta dos outros. Então não acaba nunca a sujeira lá do morro. Tem uns carrinhas, você vê lá, com a cesta, limpando. É, eles lá limpando na frente e o pessoal, jogando atrás. Porque tem muita gente relaxado no morro. [Reunião 10]

Os diálogos se revelam em tom acusatório, sendo que, no primeiro, se observa uma modalidade dialógica, que tende à informação, numa espécie de postura individualista, mas reveladora de uma situação, na qual todos estão implicados, por ser trazido à tona um hábito da vida nos espaços públicos. O conteúdo expresso faz com que, obrigatoriamente, todos se reconheçam em algum tipo de vínculo identificatório à situação mencionada, o que provoca uma atitude de desvio, tanto pelo conteúdo daquilo que falam, de modo a não serem ouvidos, quanto pelos risos.

A tônica da outra narrativa é mais de conformismo e descrédito na cooperação da coletividade, mesmo sendo uma denúncia. É uma crítica da total descrença, sem vislumbre de esperança, revelando o dito popular *a vida é assim*, e indicando um certo individualismo. Mas há, também, o empenho em não desistir, mesmo diante da conscientização de uma dificuldade há muito insolúvel.

O planejamento de uma iniciativa para solucionar algumas dificuldades, indicando uma atitude cooperativa, depreende-se de:

Cristina – Vou dar uma sugestão do cheque cidadão. É o mesmo dilema. Tem muitas pessoas que têm filhos menores, têm três de cinco filhos, que precisam, e nunca chega na mão daquelas pessoas que mais necessitam. Chega na mão de quem tem dois filhos, e que a mãe ainda trabalha, por cima, que não precisa. Quem faz a inscrição não vai em casa ver da pessoa as condições, se ela tá trabalhando. Um conhecimento mais profundo, se realmente a pessoa tá precisando. Acho que isso aí, o governo fez até errado. Vou criticar um pouco o prefeito, porque esse cheque deveria ir pros colégios, porque os colégios sabem as crianças todinhas que vai pro colégio, do jeito que tão indo pro colégio, do jeito que não tão indo pro colégio... [Reunião 19]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Fica, assim, retratado um tipo de modalidade discursiva que tende à crítica dirigida às práticas segregacionistas das instituições públicas. Há uma crítica explícita ao funcionamento de determinados órgãos públicos em tom de revolta. A conscientização de mecanismos facilitadores para alguns é vivida como injustiça e acusação, situação em que se observam comportamentos passivos de aceitação, caracterizando-se, assim, o típico modo de dizer *puxa-saco*, como quem aceita as condições impostas pelo outro, de um bem coletivo desviado para si, ou para seus descendentes imediatos. Tem-se, também, uma postura ativa de quem denuncia, tanto as políticas institucionais quanto a posição ética de cada um, em ser cúmplice de pactos acordados na obscuridade. A falta de ética é relacionada criticamente ao lastro no qual se assentam a construção e a cristalização do fisiologismo político, conforme se constata em:

Kassia – Na Rocinha, tem creche de graça [dez reais] *pra muita gente, mas só entra quem conhece. Assim, aquela Uêga, ela tem creche; mas quem ela não conhece, ela não bota. Só bota quem é do montinho* [?] *dela; não adianta isso não. Tem creche de dez reais, mas quem não é conhecido não entra. Tem que ter conhecimento; não é assim. Ela tem que saber quem precisa...* [Reunião 19]

O conteúdo revelado é sugestivo de uma formação dialógica, que revela revolta em relação à discriminação que se estabelece pela troca de favores, pelas influências particulares e por outras modalidades de pactos obscuros. Tudo isto corrobora com o exercício de práticas individualistas bastante comuns em pequenos guetos. Além disto, encontra-se também a construção negativa de atitudes em relação aos direitos de uso do bem comum, no caso, a escolaridade.

Há um certo descrédito em mudanças, frente à decadência da prática ética em termos da conscientização deste uso do bem comum, e também na esperança de que uma autoridade se possa ocupar da solução destes impasses, conforme expressa a passagem seguinte:

Lucia – Acho que o Garotinho dá [o cheque cidadão]*, em todas as igrejas. Muitas igrejas da Rocinha recebe. Na Uesiliana* [?]*, nas igrejas metodistas, várias igrejas recebem. Sabe, eu fui na igreja Batista pra tentar receber. Não consegui, porque tinha muitas pessoas na frente. Eles tinham vagas só pra trinta pessoas. Aí, por isso que não consegui. Mas acho que as pessoas que estavam lá estavam precisando sim, porque elas têm filhos na escola e estavam recebendo.* [Reunião 20]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Tem-se, deste modo, um discurso construído na interação com o outro, expressando a intencionalidade de ampliar o conhecimento, antes restrito à cristalização do estereótipo de uma figura pública identificada como fisiologista, narcisista e interesseira, para um exercício de reflexão, remetida ao provérbio *não julgueis*, conclamando o grupo a tomar uma posição de consenso em não julgar, não falar mal. Num outro sentido, tal colocação é também sugestiva do encobrimento da tendência interesseira de defesa individualista, mesmo em se tratando do reconhecimento da necessidade do coletivo.

O reverso desta questão é objeto de discussão no reconhecimento de outras possibilidades do exercício do poder, retratado na seguinte passagem:

Lucimar – O governo tem que colocar mais professores e pagar eles melhor, vocês não acham? Porque tem sala vazia pra caramba nos brizolões por aí. O Conde falou que ia fazer os oscarzinhos: botar as crianças dos três meses aos quatro anos nos brizolões. Uma crechezinha nos brizolões. Se ele fizer isso, tá bom, vai ajudar bastante. E tem que colocar mais professores, porque tá cheio de sala vazia. Os professores tão ganhando pouco, não querem trabalhar. [Reunião 17]

Há a formulação de uma crítica consciente à defesa dos direitos coletivos, revelando, em sua forma dialógica, o dito popular *falta de vontade política*. Em certo sentido, acredita-se que as autoridades sabem o que devem fazer e tratam estas questões com certo descuido. No que concerne à utilização do bem público, constata-se o entendimento de que o mesmo deve ser de usufruto de todos, em condições de igualdade. Além disto, há a expectativa de que o exercício do poder público invista em bens para a coletividade alcançar melhores condições de vida. Tem-se, assim, o reconhecimento da necessidade e da importância de trocas alteritárias, expressadas numa modalidade de dialogia convocatória, para que cada um se pronuncie em termos de responsabilidade e ética.

Dando continuidade ao processo de análise, focaliza-se a leitura nas produções discursivas em que se observam direcionamentos de opiniões, olhares e gestos, partidos do outro, os quais visam produzir algum tipo de mobilização no sujeito. Sendo assim, destacam-se trechos que refletem momentos na história do acontecer grupal, onde o sujeito traduz, em palavras, risos, silêncios e inquietações, o efeito da influência, devido à presença e à ação do outro.

O eixo para a construção do saber crítico é a experiência vivida, como se observa na seguinte passagem:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Jussara – Realmente, o cheque cidadão é só pra pessoas que têm crianças em escola, entendeu? É realmente dado na Universal, porque quem dá o cheque é o Garotinho. O Garotinho é da igreja Universal, então ele não dá pras católicas. Só que esse pessoal que ficou responsável pelo cheque da igreja Universal são muito ignorante, e não dá pra todo mundo. Primeiro, eles só falta bater em você, xinga, te maltrata, e não dá. Só dá pras pessoas que eles conhecem, que eles querem dar. Sabe, às vezes as pessoas nem precisa, porque, eu mesmo, eu recebia o cheque cidadão. Recebi três vezes o cheque cidadão. O meu foi feito na rua Um, na RA, com Jorge Mamão. Mas aí passou pra Universal. Ela cortou, porque falou que a gente não precisa, porque só tem uma criança pequena e já é de idade. Porque normalmente é pra pessoas mais novas, porque o pessoal de idade já é aposentado. Não é pra pessoa deficiente, porque a pessoa deficiente também depende do governo. Então tem vários atritos, e ela realmente arruma mais pras pessoas que são ligadas à igreja. [Reunião 19]

Depreendem-se, assim, vários aspectos. Em princípio, a forma dialógica assume o tom de denúncia, formalizada a partir das circunstâncias da vida, em termos da maneira como algumas necessidades são atendidas ou não. Mesclado à denúncia, observa-se também o tom acusatório, numa modalidade de questionamento acerca dos direitos às políticas assistencialistas. Constata-se um diálogo ora polarizado na informação, ora polarizado na indagação.

Enfim, a modalidade discursiva se faz indicando a concordância com determinadas restrições das normas estabelecidas, no sentido também de estender esta compreensão aos demais, ou seja, a produção discursiva reveste-se da possibilidade de ser um esclarecimento ao outro.

O questionamento acompanha todos os momentos e, em algumas circunstâncias, é trazida à tona a ética, na aplicação de algumas estratégias referidas aos serviços públicos, destinadas a solucionar provisoriamente os estados carenciais de um recorte da população.

A extensão desta postura crítica pode ser detectada nas seguintes passagens:

Marina – Mas tem muita gente também, Florentina, que vai na Rocinha, e é gente importante, que nem você foi lá em cima e viu no seu Marcelo [Diretor do Centro Espírita Maria de Nazaré, que fica na Rocinha]. *Seu Marcelo tem a lista de pessoas que freqüenta a escola dele. E aí eles levam a voz dos caras lá pra fora. Lá pra fora do Brasil, e lá eles mandam doação. E cadê a doação? Chega até a gente? Fazem alguma coisa pela gente? Fazem alguma coisa pela Rocinha?* [Reunião 11]

Marina – Ô Florentina, ali no Centro Espírita Maria de Nazaré, que fica na Rocinha e que Florentina visitou, vai japoneses, os gringos estão sempre ali naquela escola. Você viu. Você conheceu ali a metade das pessoas que freqüentam aquilo ali. Ali só tem pessoas altas que freqüentam ali e que dão o estudo às pessoas ali. São psicólogos, são advogados, são juízes. São gente grande, muito importantes, e essas pessoas, você acha que não fazem um estudo e não levam lá pra fora? Claro que levam! E recebem doação, claro que recebem… Ninguém vê nada porque eles não vão falar pra gente. E eles falam pra gente que receberam tanto?… Eles vão falar? Não falam. Por isso que digo: tem uma

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

pessoa, uma, uma pessoa em milhares de pessoas que recebem e que fazem alguma coisa pela Rocinha. Agora, o que eles recebem vão botar no bolso. Ali tem um montão de gente que faz isso, não é não? [Reunião 11]

A narrativa, em sua forma crítica, demonstra um tipo de reflexão sobre determinadas instituições, organizadas a partir da existência de condições de precariedade num dado segmento do social, como, por exemplo, as instituições não-governamentais. Além disto, há um alerta sobre a utilização das observações do *modus vivendi* de uma tal comunidade, com argumentos contundentes, tanto sobre o destino do saber produzido e, neste caso, o alvo são os órgãos de fomento, que dão suporte aos institutos de pesquisa das universidades, quanto sobre o possível retorno de tais atividades, que se organizam tendo como foco a condição miséria, revertido em benefícios dos estados de carência identificados.

A postura reflexiva é freqüentemente pautada numa atitude de preocupação e desconfiança, revelando um modo de dizer do tipo denunciativo, principalmente, caracterizado pela descrença numa postura ética dos agentes governamentais, mesmo que, a todo momento, seja reconhecida a presença de medidas destinadas a ações assistencialistas, mas numa posição de quem vivencia o sentimento de uma não existência alteritária.

O diálogo, também, em algumas circunstâncias, assume o tom de defesa, conforme se depreende de:

Joana - É o seguinte, o Garotinho não é da igreja Universal. O Garotinho é da Assembléia de Deus e ele não dá só pra igreja Universal não. Ele dá pra todas as igrejas. Assembléia de Deus, Deus é amor, a Batista, e também quando ele começou dar pra Universal foi por causa da ABC, porque a ABC sempre ajudou as pessoas. Então ele começou a dar pra ABC, ele não dá pra Universal, ele dá pra ABC. E dá pras pessoas que têm quatro filho, que não pode trabalhar. Não é pras pessoas que tem dois filhos, que são idosos, nada disso. E tem mais, ele também falou bem claro, ele só dá pra pessoas que têm acima de quatro filhos, e não é pelas caras. A moça não dá pelas caras. As coisas dadas é com muito sacrifício. As coisas dadas é com muito sacrifício, as coisas dadas a pessoa tem que correr muito atrás, tem que dar entrada, tem que ter o papel, tem que ter o documento, tem que correr atrás. Qualquer um de nós, se corresse atrás bem, conseguia [o cheque cidadão]*, qualquer um de nós, porque coisa dada é muito difícil mesmo. Tem que ser com muito sacrifício.* [Reunião 20]

Há, no trecho acima, uma clara alusão à defesa de autoridades políticas, numa espécie de diálogo voltado para interesses pessoais. A confiança e a esperança alimentadas em torno de um agente revestido de bondade e preocupação com o atendimento dos estados de carência conduz à idealização da

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

figura de um representante do poder público, talvez para escamotear a conscientização de suas reais condições de existência.

A postura de vitimização reveste-se de um forte apelo, feito pelo sujeito, na expectativa de ser cuidado. Embora haja uma certa noção da posição de carência, isto se faz de forma unilateral, principalmente quando são omitidos possíveis pontos negativos do outro. Sendo assim, ele acredita que, uma vez tendo explicitado sua situação, deve receber doações, para o que, na defesa de interesses próprios, usa constantemente como argumento as carências de sua vida, na justificativa de que qualquer coisa que lhe seja dada é bem-vinda. Observa-se, então, uma modalidade dialógica, no sentido de não criticar uma postura omissa, com vistas a se resguardar das conseqüências referentes à exposição de uma outra maneira de seu modo de pensar. Caracteriza-se, assim, a expressão *pobre necessitada*, em que não se observa preocupação em compartilhar, de modo alteritário, com o grupo, as experiências vividas, nem também em trazer à tona as verdades encobertas. Em outras palavras, pode-se dizer que esta construção dialógica revela um não discernimento entre a prática assistencialista e o exercício de um projeto político-social, sendo tal prática revestida de uma idolatria, culminando com a atitude de que o receber algo tem como contrapartida o sacrifício, revelando, assim, o dito popular *é preciso sofrer para ter.* A modalidade dialógica tende para o enaltecimento da experiência vivida, o que se reveste de um certo egoísmo, quando o sujeito se conscientiza de ser beneficiário eleito da entidade idolatrada.

Observa-se também uma atitude oposta a esta, na passagem seguinte:

Marluce – Aqui em cima, tem a igreja presbiteriana. Então o pastor chamou as pessoas, ia dar o cheque pra cem pessoas, mas ele não escolheu religião não.[Reunião 20]

Constata-se o reconhecimento da necessidade de ajuda mútua, o que, em termos de relações alteritárias, é vislumbrado como um sistema de trocas, a partir do reconhecimento das diferenças. Na situação em pauta, a diversidade de credos é considerada não como um empecilho para ações voltadas ao atendimento de uma carência básica. Há, nisto, a tentativa dialógica de alertar para o fato de que um bem público não pode ser utilizado a partir de restrições de diferenças

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

pessoais, como cor, filiação partidária, orientação religiosa, nível de instrução, naturalidade e classe social.

Por outro lado, esta modalidade dialógica é reveladora da posição ser ajudado, numa experiência compartilhada, indicando, assim, ser possível pensar em solidariedade a partir das diferenças, o que caracteriza a expressão *temos os mesmos direitos, apesar das diferenças*.

Há, também, um certo esclarecimento em discernir aspectos negativos e positivos dos serviços públicos, aos quais um dado segmento social tem acesso, como se observa em:

Ana Rita – Os professores é que não querem trabalhar na Rocinha. Minha filha está desde o começo do ano sem professora. A Paula Brito é uma escola boa, toda reformada com merenda boa e sem professora. [Reunião 17]

Joana – Acho que os professores é que não querem trabalhar. Porque a gente passa o mês inteiro para ganhar uma quase mixaria, cento e poucos reais, duzentos reais, para trabalhar numa casa de família, pra trabalhar numa firma, e eles ganham cerca de quase quatrocentos reais, quinhentos reais, e ainda não vai dar aula, e é um negócio fácil de fazer. No colégio do meu filho, ele desde segunda-feira que ele tá indo pra escola e não tem aula. Acho que é falta de organização dos professores e da diretora do colégio. [Reunião 17]

Apesar de a tônica ser a denúncia, isto não impede que se reconheçam determinados valores das instituições públicas. De certo modo, há uma nítida separação entre a posição dos agentes prestadores de serviços e as condições de instalação dos mesmos. Há uma clara denúncia dirigida à ética de representantes políticos não implicados com as necessidades do outro, ou seja, são representados como sem responsabilidade na viabilização da prestação de serviços básicos, necessários à construção da cidadania.

Reconhecem-se os aspectos positivos da instituição, separados dos aspectos negativos, relativos à administração, que é vista como descuidada com o usuário, o que revela o dito popular *funcionário público é assim mesmo*.

O diálogo se encaminha para uma postura de revolta, ante a constatação de níveis de salários diferenciados e o esforço empreendido, pois é explicitado que, para um salário de menor valor, se trabalha muito mais do que para um de maior valor. Há, nisto, também, uma clara denúncia da desigualdade social, marcada pela materialidade construída em função do dinheiro.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Paralelo à denúncia, há a cobrança de que providências sejam tomadas, indicando responsabilidade e dever. Pode-se depreender desta postura a esperança em melhorias, desde que haja interesse e investimento numa prática em que transcorram relações alteritárias e éticas.

A modalidade dialógica, claramente, sugere uma espécie de abertura para uma ação compartilhada, em que cada um – agente, público e beneficiário – assuma a responsabilidade por sua parte. O teor reflexivo funda-se na seguinte premissa: havendo um certo cuidado administrativo, pode-se aventar melhoria de condições, mostrando, assim, que a necessidade do outro para a transformação faz parte de um processo de conscientização, ou seja, constata-se que, pela interação, em que um reconhece e é reconhecido pelo outro, as ações deixariam de ter um cunho individualista, tornando-se passíveis de serem inscritas socialmente e continuadas, num processo constante de aperfeiçoamento. Enfim, há um claro repúdio a posturas egoístas e individualistas, devido à conscientização de que somente a ação compartilhada faz história.

A conscientização do que seja a responsabilidade frente ao exercício da cidadania, na utilização dos bens públicos, para atender às condições de vida, mostrou-se ser um tema mobilizador, a partir do que cada participante foi levado a refletir sobre seu papel e sua função social. Ao ser constatada uma dada situação de vida, em seguida explicitada ao grupo, é solicitada uma atenção, conforme se observa no trecho seguinte:

Magali – Sabe o que eu queria que vocês fizessem pra mim, já que vou sair no mês de dezembro? Meu filho vai fazer dois anos. O que eu queria é uma coisa: já que eu não consegui um trabalho e nem vocês conseguiram para mim até agora, escrevessem uma carta pro Ratinho. Eu já estou com endereço, telefone e tudo, eu queria que algum de vocês escrevessem para mim. Escrever meus problemas, minha situação, para eu mandar pro Ratinho e pedir uma máquina para eu cortar camiseta, e linha, que estou precisando pra eu trabalhar por minha própria conta. Porque até hoje eu não consegui um trabalho. Fui no INSS e só fiz me aborrecer, a mulher me disse que mesmo assim, sem eu trabalhar e sem carteira assinada tenho que pagar meu INSS! Se eu tenho que pagar, tenho que trabalhar, tenho que fazer alguma coisa. Queria que vocês me ajudassem nessa parte. Acho que isso não faz vergonha nenhuma. Vergonha é roubar, não poder carregar e vender o corpo. [Reunião 13]

Depreende-se o reconhecimento da ajuda do outro, de forma impositiva, para solucionar problemas pessoais. Há a expectativa do compartilhar ajuda, visando a um interesse pessoal. Constata-se também um planejamento para o

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

futuro, em termos de melhoria de vida, mas contando com interesses e ajudas externas voltadas para si. Dito em outras palavras, a relação alteritária decorre da tomada de consciência de que, para usufruir de determinados bens, se faz necessária a mobilização incondicional do outro. Não obstante, o que é esperado é uma ajuda para a solução das dificuldades relativas a dadas condições de vida, mas em nenhum momento há a espera passiva de que o outro ofereça a solução, pois a intenção é a busca de meios.

Embora se detecte a oscilação do diálogo na formulação de pedidos de ajuda, para o que quer ser ajudado, perpassa uma crítica à postura daqueles que, fugindo de seus compromissos éticos, não se empenham no oferecimento das condições mínimas adequadas ao atendimento de estados de precariedade.

A produção discursiva também é indicativa de uma certa sugestionalidade, decorrente da divulgação de programas midiáticos, que, abertamente, se oferecem como alternativas de ajuda. O apelo da informação midiática é de tal intensidade a ponto de engendrar a construção de figuras messiânicas em apresentadores de programas televisivos. Há, nisto, o apelo e a esperança de que o Destino possa ocupar-se das condições precárias do sujeito, abrindo-lhe o caminho da sorte. Há, até certo ponto, uma esperança em agentes desta natureza, mas não um total comprometimento ilusório, uma vez que, frente a determinadas exigências, o sujeito tem, claramente, a noção do caminho a ser seguido, o que revela a transição dos tipos populares da postura de *pobre coitada* a é *preciso ir à luta*, revelado numa espécie de diálogo partilhado, que culmina num tom acusatório. De resto, observa-se também o modo de dizer *não custa nada tentar a sorte*, justificado pela utilização de certos valores morais, até certo ponto banalizados.

A modalidade alteritária do diálogo e a questão da responsabilidade imputada àqueles que cumprem o dever podem ser consideradas indicativas do típico *carente*, quando o outro é reconhecido na condição de indispensável à sobrevivência, sendo, por isto mesmo, elevado ao lugar de co-responsável. Os seguintes trechos retratam questões que, na sua radicalidade, convergem para aquilo que é imediatamente vivido:

Joana – ...E as crianças passam fome mesmo, igual já passou as minhas mesmo, já passou, hoje em dia está melhor, graças a Deus. Mas já passou muita fome mesmo... Deixei de trabalhar por causa dos meus filhos, porque eu não queria que ficassem jogados no morro, chegassem da escola, ficassem à toa. Então esse leite serve muito, porque além da neném, eu posso dar um copo para cada um deles. Ainda mais agora,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

que passou a dar [duas latas] *toda semana ficou muito melhor mesmo. Porque eu posso dar um copo para cada um deles, posso fazer as coisas deles.* [Reunião 10]

Creuza – Eu pago dez merréis para levarem o meu lixo da minha porta. No outro dia de manhã tem sacos e sacos na minha porta. [Reunião 10]

Observa-se, então, uma modalidade dialógica, que revela a mais chocante expressão da verdade, o que, acredita-se, tem como objetivo despertar piedade ou remorso no interlocutor, pois o sujeito manifesta, através da modalidade discursiva, *verdade nua e crua*, a posição de vítima, numa situação de impossibilidade, o que caminha para uma atitude mesclada de ironia e de tom acusatório ao outro. Ambas as situações retratam, seja na condição de vitimização ou de ironia, situações que induzem a sentimentos de impossibilidade e de descrença, ao mesmo tempo que pode gerar sentimentos de tomada de decisão: há que se fazer algo já; há que se dar um jeito; há que se encontrar uma saída.

Uma postura diferenciada da atitude de vitimização é apresentada no seguinte testemunho:

Sandra – Comecei desde fevereiro. Desde fevereiro que eu ando atrás do cheque. Aí tirei meus documentos três vezes, levei pra lá. Aí os documentos sumia; eu ia lá pra fazer a ficha, não conseguia. Lá em cima, na RA, mandaram chamar a gente. A gente foi; fizemos a ficha tudinho, aí ela perguntou como é a nossa situação, se o marido trabalha, se eu trabalho, como é que tá meus filhos, se estão na escola. E eu não tou trabalhando, meu marido não trabalha. Tenho dois filhos na escola e um de dois anos. Aí ela foi, fez minha ficha, e falou que ia descer pra Universal, que era pra mim ir lá, pra poder; lá eles iam fazer outra entrevista, pra mim receber. Aí passou, passou, passou e nada. Depois eu desci. Aí eu fiquei andando, mas andei muito pra conseguir esse cheque. Andei muito. Toda vez que eu descia, meu nome não tava lá, não tinha conseguido. Aí agora eu consegui. Graças a Deus, eu consegui. Peguei a primeira vez mês passado, esse mês vou pegar de novo. Mas, é realmente o que ela falou, é verdade. Tem muita gente que não precisa e recebe; e eles dão preferência mais aos conhecidos, porque, pelo que vejo na reunião lá, muita gente eles conhecem, aí eles dão preferência a eles mesmo. [Reunião 19]

Encontra-se, no trecho acima, a modalidade dialógica construída sobre as dificuldades a serem superadas, quando se tem em mente atingir o objetivo da utilização de um benefício. A informação aparece na maneira como a experiência vivida pode servir de exemplo aos demais, além de ser sugestiva de que haja a extensão deste tipo de experiência, de empenho pessoal, para solucionar dificuldades de outras necessidades.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Mesmo deixando clara a possibilidade de compartilhar uma experiência, críticas são dirigidas ao funcionamento de tais benefícios, em função dos percalços a serem superados para obtê-los, através da insistência, caracterizando, assim, o modo de dizer é *necessário insistir*, alertando para o fato de que não se pode desistir diante do primeiro obstáculo a ser enfrentado, mesmo porque o desencorajamento, que pode decorrer das dificuldades apresentadas pelos agentes que respondem pela viabilização de tais benefícios, pode ser o caminho mais curto. Há uma postura reflexiva, que é transmitida enquanto experiência compartilhada, de opor-se ao conformismo e à passividade, caminhos propícios à desistência.

O tom de denúncia alerta para a necessidade de uma mobilização, por ser revelador de possíveis mecanismos utilizados estrategicamente para ludibriar caminhos e escamotear possíveis saídas, até mesmo pela propagação do *slogan não querem nada*, imputando, deste modo, às pessoas, estereótipos de submissão e passividade, uma vez que, diante de impossibilidades incontornáveis, nada havendo o que fazer, são acusadas de não lutarem.

A modalidade dialógica reflete a tentativa de construir uma atitude crítica nos demais, a partir de uma experiência vivida, em que foi possível enfrentar alguns obstáculos, o que caracteriza uma posição de mobilização e comando, uma vez que se espera que a transmissão de algo vivido venha a ser revertida em construção de saber, a fim de que seja possível a mudança de uma posição conformista, passiva, para a atitude de luta pelos direitos.

5.6.3
Drogas e tráfico

Um estado de tensão constante faz parte das vidas das comunidades de baixa renda que vivem nas favelas, devido, principalmente, à comercialização e ao consumo de drogas. O conviver cotidianamente com esta realidade faz com que, mesmo as pessoas sendo orientadas para o silêncio do que vêem e do que sabem, não cessem de expressar, de forma direta ou indireta, suas inquietações. Eis a razão que, provavelmente, fez surgir no grupo, de forma quase espontânea, a temática referente às drogas, bem como o envolvimento dos participantes em abordá-la.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Acredita-se que, pelo fato de as pessoas de tais comunidades estarem afetadas pela questão da droga, este tema se mostra como uma particularidade de suas vidas: algo muito presente, porém bastante temido e em que, ao que tudo indica, a sensação das pessoas é de tratar-se de algo que foge ao controle. Deste modo, não só o tema se afigura como um impasse, como a discussão se encaminha numa expectativa de busca de solução.

O encaminhar das discussões trouxe à tona uma articulação do consumo de drogas com a educação e os papéis/funções das figuras parentais, especialmente quando as mães retratam a dificuldade de trabalharem e, ao mesmo tempo, darem assistência aos seus filhos. Na verdade, devido à exigência do trabalho da mãe, para a sobrevivência da prole, pois quase sempre não contam com a ajuda dos pais, as crianças são criadas soltas, nas ruas, em contato com adolescentes e adultos, presenciando situações das quais deveriam ser preservadas e assimilando hábitos que dificilmente são transmitidos no contexto familiar, como, por exemplo, a inclinação ao consumo de "cola", utilizada no conserto de calçados.

Além do mais, freqüentemente, as crianças servem aos agentes do narcotráfico para transmitirem informações ou distribuírem drogas, recebendo algum tipo de recompensa por estas atividades ilícitas. Este mundo fora de casa, em que a criança se insere, tem uma dinâmica que quase sempre foge ao controle e ao conhecimento dos pais, de modo que, quando um pai ou uma mãe sabe das atividades de um filho no comércio de drogas ou no consumo, já se trata de um processo em andamento bastante pronunciado, o que dificilmente encontra soluções a médio e curto prazo.

Pode-se afirmar que a vivência dos pais frente a tais circunstâncias instigou o grupo a focalizar as questões referentes ao consumo de drogas e à situação dos filhos engajados no comércio do narcotráfico, como se estivessem levando tal situação ao conhecimento de autoridades, na esperança de que alguma coisa seja feita. Dito em outras palavras, as mães mostram-se impotentes em relação ao que fazer com o filho viciado ou traficante. Acredita-se que a explicitação de tal estado de impotência seja um apelo desesperado para "a salvação" de um filho.

Ao partir da lógica das relações ditadas pela ciência, com sua promessa de produzir objetos cada vez mais adequados às necessidades humanas, observa-se que, tanto no aperfeiçoamento técnico se encontra uma vastidão de opções, quanto na produção de objetos de consumo. Isto fez a droga ser alçada ao nível de um

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

objeto oferecido para a satisfação de uma necessidade. Sabe-se que esta necessidade nada tem de natural, sendo, tão somente, o artifício criado pela mídia e oferecido ao sujeito como saída, na busca da felicidade.

O consumo de droga em várias comunidades faz parte de um contigente bastante expressivo, ao lado da incidência nas atividades ligadas ao tráfico. As alegações apresentadas apontam, quase sempre, para a precária estrutura do núcleo familiar, de condições econômicas desfavoráveis. Acrescente-se a isto que, em determinadas favelas, reina um estado de tirania, em que as regras de funcionamento não surgem do consumo e sim da vontade e da vaidade daquele que, no momento, está no comando das operações ilícitas. Tal estado de coisas pode muito bem ser pensado como o abandono do Estado na assistência das comunidades de baixa renda.

Como se trata de um tema de grande mobilização, devido à avaliação dos pais em relação aos riscos aos quais seus filhos estão sujeitos, o grupo assume uma postura ativa na abordagem do consumo de drogas, sobre que medidas podem ser tomadas na orientação de seus filhos e sobre o que fazer ante a constatação de um filho viciado ou traficante. Observa-se o interesse crescente do grupo na busca de soluções, motivo desencadeador da necessidade de cada participante oferecer aos demais seu saber sobre o assunto, o que, numa atitude cooperativa, se configura como uma ajuda, conforme se depreende da seguinte passagem:

Creuza – (...) Uma coisa que a gente tem que debater na Rocinha: droga. Coisa que muita gente aqui não vai dizer pra mim, porque sou velha na Rocinha, tem marido novo e com os maridos todos metidos em tóxico. Isso não é certo. Tem, conforme a Dona Florentina falou. Tem a psicóloga lá em cima, gente, pede ao marido para ir. Porque essa droga não leva a gente, não leva o marido de vocês a nada. [Reunião 10]

A passagem acima traduz, em primeiro plano, um alerta, no sentido de conscientizar cada participante da gravidade referente ao uso de droga, sendo, também, uma advertência à possível omissão. Trata-se de um testemunho que surge em tom de exigência e de autoridade. O participante em pauta não só se posiciona em termos de autoridade no assunto, admitindo dispor de um saber, em função da experiência vivida, como também convoca os demais a assumirem cada um a responsabilidade necessária ao "combate" às drogas. É constante a consideração de que ter acesso à informação é uma meta a ser empreendida, no

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

sentido de produzir outras saídas, que sejam mais eficazes e, assim, contornar o problema.

A retratação da experiência é vivida de forma contundente, o que mostra ser um aprofundamento da colocação anterior, e pode ser detectada no seguinte trecho:

Pedrina – Sobre o assunto de drogas eu acho assim que também não é só homem que fuma, que usa. A gente vê muitas garotas novas, moças bonitas, misturadas juntas...eu por enquanto tenho uma filha de um ano e cinco meses,deixo com uma moça pra eu ir trabalhar.Mas não sei quando ela estiver maior, aí a gente sempre pensa no futuro. [Reunião 10]

A tônica do discurso é de esclarecimento, sendo indicativo de um deslocamento de ênfase do consumo de drogas sobre figuras do sexo masculino. Denota-se, assim, a ampliação de um modo de olhar a questão da droga sob uma perspectiva pouco mencionada: a extensão do uso a mulheres. O discurso traz à baila o testemunho do visto e do vivido, sendo revelador do termo *testemunha*, solicitando uma intervenção de agentes externos, uma vez que a situação se mostra a olhos vistos. Novamente, a alegação de que as mães, em função do trabalho, deixam seus filhos soltos, é tomada para explicar a inserção no mundo do tráfico de drogas e as causas do vício.

A preocupação com o consumo de drogas pelas crianças é uma constante, como revelam as seguintes passagens:

Luzia – Criança solta, lá, aprende coisa que não presta: xingar, falar um montão de besteira, beber, fumar, cheirar. Lá no campinho, onde moro, vejo um montão de gente fumando. E não respeitam a gente nem nada. A gente com criança recém-nascida, assim, debaixo da janela eles fumam. E meu filho tem problema de falta de ar. A gente não pode falar nada, que não adianta. [Reunião 15]

Ana Rita – Tem criança de sete, seis anos; aí tem um maior que já bebe, já fuma, dá um copinho [adulto ou crianças maiores dão bebida para as crianças menores]*, daí começa* [a iniciação às drogas. Reunião 17]

Vanusa – Depende muito do pai e da mãe. Tem pai e mãe que, sinceramente, já é safado. Eu vejo por aí. Às vezes, o pai está numa festa bebendo. Toma aqui meu filho, pra você dormir [dá bebida alcóolica para a criança]*, Aí acaba deixando a criança zonza, bêbada, eu vejo. Pega o cigarro, dá para a criança porque acha bonito. Isso é palhaçada.* [Reunião 12]

As três produções dialógicas retratam o incômodo perante a situação de o sujeito ser obrigado a conviver com hábitos ilícitos, bem como a impotência

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

diante da atitude dos praticantes, inclusive dos próprios pais, em consumir drogas na presença de crianças. A passividade revelada é admitida em função do temor à retaliação, caso ações de outra natureza (como pedido para evitar determinadas coisas, em função das crianças) sejam desencadeadas.

Mais uma vez, é o vivido que força o diálogo, revelando, pela pregnância do visto, o possível descaso das autoridades em empreenderem medidas coibitivas de tais práticas, no sentido da promoção do bem-estar da comunidade. Há também uma clara explicação sobre o processo de iniciação no uso de drogas, sendo, neste caso, o saber explicitado, oriundo de vivências que revelam a característica *testemunha* (testemunha revoltada e impotente) e o dito popular *não vê quem não quer* (também indicativo de revolta e indignação, misturado com impotência).

A mobilização para a denúncia está presente em quase todas as produções dialógicas que focalizam o consumo de drogas, como é evidenciado a seguir:

Geraldo – (...) Tem muitas mães, e você pode descer [descer o morro da favela da Rocinha]*, que ela tá lá no largo do Boiadeiro, conheço muito ali, bebendo cerveja, cachaça, fumando, fazendo tudo na vida.* [Reunião 13]

Marta – (...) Porque eu vejo, saio pra trabalhar no sábado às oito horas; o que tem de mulher doidona naquele valão [largo do Boiadeiro] *cheia de filho! Brincadeira! Largam os filhos lá e só bebendo.* [Reunião 14]

Não somente se formula um apelo à intervenção de autoridades, como também o diálogo apresenta um tom acusatório, baseado na experiência vivida, típico do modo de dizer *eu sei porque vi*, revelador de uma certeza inquestionável. Aqueles que são acusados, por se entregarem aos prazeres e ao luxo do vício, são considerados como descuidados em seus afazeres, o que revela o tipo *irresponsável*, numa atitude reprovadora e discriminatória em relação às mães.

Por um lado, elas são reprovadas por largarem suas crianças para beberem e, por outro, são discriminadas por se agruparem com os homens, revelando, assim, o estereótipo segregativo dos papéis homem e mulher.

Ao que tudo indica, o estado da mulher embriagada parece ser mais preocupante, em comparação com o do homem, demonstrando um nível menor de tolerância. A inquietação mobilizadora sobre tal atitude das mulheres reveste-se de uma preocupação maior em relação aos cuidados com as crianças, o que pode ser pensado como a tentativa de manter o padrão tradicional de que à mulher cabe

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

o encargo de cuidar dos filhos e educá-los. Deste modo, a atitude destas mães provoca espanto, indignação e perplexidade, sendo, pois, explicitada como algo inadimissível. De resto, cobra-se uma postura ideal às mães, ignorando o estado e as condições em que vivem, em que são mães, os pais escolhidos e suas origens.

Cabe ressaltar a existência de testemunhos que retratam situações opostas, conforme se observa na seguinte passagem:

Kássia – Oh! Eu conheço ela desde pequena. Isso que ela falou é coisa séria, ela falou coisa verdade. Isso acontece muito na Rocinha mesmo. Eu também criei filho sem marido, mas graças a Deus, negócio de drogas, essas coisas, minha família não é disso. Mas o que ela falou é coisa séria. Pra mim o que ela falou é uma coisa que precisamos muito.[Reunião 10]

Depreende-se uma fala reveladora de credibilidade, obtida pelo conhecimento. Há, claramente, uma tentativa de identificação à fala do outro, como uma estratégia de produzir aliados à sua posição. Ao mesmo tempo, o discurso apresenta uma posição destacada de si em relação aos demais, até mesmo quando o problema é estendido à comunidade. Tudo concorre para evidenciar a característica *individualista*, o que assume uma posição mais acirrada no trecho seguinte:

Francisco – Eu? Tenho netos, tenho filhos graças a Deus. Teve um que quis entrar até no bicho. Vocês devem conhecer. O Carlinho; Carlinho quis entrar no bicho. Olha, o Dênis, conhecem muito bem o Dênis [ex-chefe do tráfico de drogas na Rocinha]*, quando Dênis soube que ele era meu filho, deu conselho a ele. Por quê? Porque conheci o Dênis, ele, desde garotinho. Trabalhei na COFAP* [inaudível] *há quatorze anos direto; entreguei muito bujão de gás, muito fogão a gás. Era da Gás Brás, fui trocado pela Heliogás. Aquela garotinha lá, vi de fralda no berço. Aquela moça gorda lá* [apontando para uma participante] *me conhece um bocado de ano. A mãe dela me conhece há mais de trinta anos. Nunca estive misturado no meio de marginal. Era do meu serviço pra casa, da casa pro meu serviço. Era a lei do "murici": eu trato de mim, cada um trata de si. Não me prejudicando... eles que vivam a vida deles que eu vivo a minha, entendeu?* [Reunião 10]

O testemunho retratado é uma modalidade construída, nos relatos, a partir das lembranças de experiências vividas. O discurso assume a conotação apelativa de que a longa experiência seja vista como respeito à autoridade, demonstrada por uma cadeia de hábitos exemplares, pautados numa postura ética e na solidez de valores, conservados num contexto de vida propício à dissolução dos vínculos sociais e ao esfacelamento, pela irrupção dos limites de privacidade, de espaços exíguos, próprios de habitações construídas desordenamente, sem a observância

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

dos mecanismos legais, ficando, assim, voltada somente aos interesses de bem-estar ilusórios: a dispensa de uma planta para a construção de um imóvel, concorrendo para a freqüência de riscos, o não recolhimento de taxas e o "roubo" de energia e água.

O discurso se encaminha para a retratação de uma prática reveladora de uma atitude individualista, apresentada como recurso, no sentido de evitar a "contaminação" pelas más influências do meio. Tal prática revela uma posição conformada, notificada como forma de sobrevivência. Manifesta o individualismo como forma de proteção, mas sendo este insuficiente para produzir um saber consensual necessário a uma transformação coletiva.

A experiência vivida, diferentemente da anterior, de quem, apesar de todos os cuidados, não conseguiu evitar o consumo de droga por um de seus filhos, é retratada na seguinte passagem.

Creuza – ...Eu falo porque eu tenho um filho. Eu criei meus filhos sozinha. Separei do meu marido e meus filhos ficaram pequenos. Eu aturei, criei tudo. Trabalhava de dia, à noite, criei. Mas infelizmente tive um filho que passou a usar e eu me sinto até meio perdida por causa disso. Dois filhos, por eu ter de trabalhar, eu deixei soltos, não porque eu quisesse. Ou eu trabalhava ou eu soltava eles na vida, pra eles ficar conforme tem aí. Não tem filho sem mãe pra ficar esse absurdo de criança na rua cheirando cola. Porque tem mãe, não tem filho de chocadeira. Então as mães têm de olhar mais pros filhos, mesmo que trabalhe. Porque eu sempre trabalhei. No que eu botava comida dentro de casa, de noite quando eu chegava, eu ia ver os cadernos deles, o que estava faltando, mas eu não estava de dia acompanhando eles. Foi aonde ele se misturou, porque o outro não foi. As meninas não foram. Todas casaram. As que não casaram moram com um cara e se não deram certo se separaram. Mas o pior é o meu filho. Ele não é mais um garotinho, porque ele agora já é um adulto. [Reunião 10]

A produção dialógica concentra-se em circunstâncias da história do ser mãe, sendo retratada uma construção de uma função na qual o espírito de luta esteve sempre presente. Para tanto, notifica-se a questão da sobrevivência dos filhos, ou seja, a necessidade de a mãe trabalhar para alimentar os filhos e a tarefa extra do acompanhamento em atividades escolares.

Depreende-se, assim, a denúncia da ausência de uma paternidade, ou da irresponsabilidade no seu exercício, concorrendo para a sobrecarga do trabalho da mulher, para responder diante de si e junto ao Estado, pelo cuidado e pela educação de seus filhos.

O excesso de exigência por não dispor de alguém para compartilhar no acompanhamento e no desenvolvimento das crianças é sentido como a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

impossibilidade de contornar e controlar as dificuldades que decorrem da situação. Assim, tem-se a indicação da necessidade da presença do outro, como indispensável na construção de projetos de vida em nome da solidariedade.

A realidade é expressa na modalidade da verdade *nua e crua* e alerta para o aumento da gravidade de situações como o abandono de crianças pela mãe, o que, de acordo com a experiência vivida, é apontado como solo próprio para o ingresso no mundo das drogas.

O testemunho em pauta demonstra uma construção reveladora de uma modalidade discursiva que transita do *sentir-se culpado* e *arrependido* para o característico *testemunha*. Além da mensagem de alerta, constata-se a importância da informação, como aconselhativa e apelativa.

A mensagem de alerta encontra ressonâncias ante a possibilidade de tais ocorrências terem lugar, conforme se observa no seguinte trecho:

Pedrina – Sobre o cigarro, a mesma coisa. Eu, por exemplo, não fumo nada, não tenho nenhum vício. Mas onde eu moro, a gente vê muito homem, mulher, criança na rua, criança mais ou menos oito, dez anos fumando droga. Isso é uma tristeza. Quer dizer, muitas mães querem prender os filhos, mas já tem o trabalho. Eu, por enquanto, tenho uma filha de um ano e cinco meses, deixo com uma moça pra eu ir trabalhar. Mas não sei quando ela tiver maior. Aí, a gente sempre pensa no futuro. [Reunião 10]

O dialogo é revelador de uma preocupação ante a impotência para driblar ou mesmo evitar pressões do meio na constituição do sujeito. Há também uma evidência de que o distanciamento do contato na relação mãe/filho, devido ao trabalho, pode ser um fator agravante, por facilitar a ação das forças do meio. Mas há ainda uma aposta sutil e uma esperança na postura de que determinados cuidados podem ser preventivos, no sentido de fornecer elementos saudáveis à constituição do sujeito.

O temor à ação das forças externas revela preocupação. Esta mesma postura e o testemunho de um certo êxito de quem conseguiu não ceder às tentações aparecem na passagem seguinte:

Magali – Sei lá, às vezes penso que a pessoa quando dá pra ser uma coisa ruim, a pessoa é mesmo... Porque muitas dessas coisas que estão acontecendo no mundo hoje, era pra eu estar fazendo. Olha, eu só estudei dos dezenove aos vinte anos... Olha, dizem que isso vai pelos estudos, pela criação da mãe. Mas muitas coisas que eu hoje vejo de errado, roubar, cheirar, fumar, era pra eu estar fazendo, porque até maconha eu cheguei a plantar... Mas quando a pessoa tá pra seguir aquilo, ela segue mesmo. [Reunião 7]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A modalidade discursiva revela uma posição pessoal um tanto ou quanto determinista, na intenção de que tal posição seja seguida. A experiência vivida é tomada como parâmetro suficiente para servir de exemplo, sendo, até certo ponto, inquestionável. Há uma clara alusão à impossibilidade de contornar determinadas influências, o que se traduz na visão de escolhas prévias, que colocariam as pessoas a serviço do mal, revelando o característico modo de dizer *coisas do destino*.

Tomar a experiência como recurso ilustrativo é o que se depreende do testemunho a seguir:

Francisco – ...Eu moro na Rocinha há 60 anos. Me criei na Rocinha. Fui para a Rocinha com 5. Vou fazer 61 de morro. Mas graças a Deus ninguém nunca me viu misturado no meio de droga. Quando era garoto eu jogava ronda. Era o único jogo que aprendi a jogar na minha vida e gostava de um goró. Mas nunca usei droga, nunca cheirei nem nada, hoje em dia tá largado. Quando nego ia fazer, nego ia lá pra mata lá pra cima por morro. Agora não, é na porta dos outros, é sentado na porta dos outros. De vez em quando eu expulso um lá do morro, da minha porta. [Reunião 10]

Depreende-se da passagem acima uma modalidade dialógica, que se constrói pelas recordações de histórias de vida, em que se focaliza, principalmente, a infância e a adolescência. A fala é reportada a um tempo em que o vício de beber e jogar não era por si só determinante de desvios, de dissolução de vínculos e de cristalização de comportamentos. Esta é a ótica expressa pelo participante, como um retrato não negativo de sua vida.

Ao mesmo tempo, o tom de denúncia aparece, indicando que o afrouxamento de determinados valores concorreu para o encaminhamento às drogas, o desrespeito, a desordem e a vivência de caos na comunidade. Tudo isto parece ser sugestivo da constatação de um enfraquecimento de certas instâncias administrativas na condução de questões de cunho social, ou seja, é vivida claramente a falência do Estado, o que revela o modo popular de dizer *naquele tempo a vida era outra*, indicativo de nostalgia em relação aos valores do *modus vivendi* atual, tanto no que se refere à postura do sujeito consigo mesmo, quanto na utilização do espaço público.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

5.6.4
Imagem e construção de saber

A introdução da videogravação como operador no funcionamento grupal pode ser considerada como ruptura, marcando um momento anterior, no qual tinham lugar a reflexão, em função da discussão, e a transmissão de saber, e um momento atual, em que, pelo uso da imagem, o grupo se encarregou da tarefa da construção de saber, no âmbito da relação eu/outro.

O efeito especular, logo observado, criou condições de avaliação de cada um sobre si mesmo, gerou expectativas em relação a ideais de mudança e propiciou um processo de integração, pela configuração de uma nova trama de relações, na qual se têm: o sujeito, o outro e a imagem, oferecida por um dispositivo técnico.

Esta nova configuração, ou seja, a estrutura ternária do grupo, foi pretendida em função da intenção de que o uso da imagem, ou seja, o sujeito frente a si mesmo, bem como frente aos demais, dispõe de meios para refletir sobre sua condição de existente, bem como para colocar-se numa outra posição, em relação à qual não é possível mais retorno ao estado de coisas anterior. Dito em outras palavras: uma vez capturado pela imagem, o sujeito é obrigado a operar de maneira tal que este encontro marca uma radicalidade entre dois tempos do existir e sobre o saber acerca de si mesmo. Ver-se pela imagem leva o sujeito a se encontrar enquanto reconhecido, marcando também uma possibilidade de continuidade, dada a autonomia deste dispositivo técnico em perpetuar as marcas de ocorrências de um estado vivido.

Da perplexidade à timidez registram-se as variadas reações de cada participante, ao encontrar sua imagem. Uma das primeiras reações observadas foi o riso, desencadeado quase sempre diante da captação de uma imagem em que o grupo era levado a tomar conhecimento das atitudes, do modo de ser e de outras tantas características até então desconhecidas. Além disto, cabe ressaltar que a imagem oferece ao sujeito um tipo de retorno, em termos de provisões narcísicas, quer dizer, a relação sujeito/imagem, mesmo produtora de tensão, contém elementos de satisfação. Sendo assim, o ato de ver-se a si próprio produziu no grupo um movimento dialógico de descoberta e entretenimento, o que conduziu à

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

produção seja dos risos, seja tecendo comentários sobre a dinâmica desenrolada no dispositivo técnico.

Em certo sentido, pode-se afirmar que a imagem mobiliza o sujeito, provocando tanto o pensar, quanto o falar e, acima de tudo, o processo de reflexão e produção de saber. Esta é uma das funções positivas do uso da imagem técnica: provocar interesse do sujeito em si mesmo e, na interação de seu semelhante, ser um meio de diversão, por presentificar, no aqui e agora, o recorte de um acontecer partilhado, e, finalmente, possibilitar a cada um tomar ciência da história do agrupamento de várias pessoas de uma dada comunidade.

Como se pode depreender do exposto, a imagem do sujeito, oferecida a si mesmo, faz parte de um processo que resulta em marcar presença, levando-o a enunciar-se enquanto agente construtor de uma história de vida e possibilitando-lhe expressar o seu desejo. Além disto, o encontro com a imagem, registrada tecnicamente, é vivido como uma esperança de que outros possam tomar conhecimento das condições vividas e empreenderem ações que vão ao encontro da solução de suas necessidades. Neste sentido, há a expectativa de ajuda, uma vez que a exposição através da imagem é tomada como indicativo de expressão das inúmeras questões relativas às condições de vida. A este respeito, cabe ressaltar que o clima de funcionamento grupal passou a ter um diferencial: a constante preocupação em levantar questões, no sentido de demonstrar àqueles que porventura se convertessem em destinatários da imagem aspectos do vivido, para que, enfim, uma intervenção externa seja planejada e executada.

A tomada de consciência pela reflexão de determinadas nuances, próprias da condição de vida, levou os participantes a empreenderem o uso de estratégias na construção de saber, com o objetivo de buscar condições necessárias a uma melhoria de vida. A importância do olhar, como auto-reconhecimento e como reconhecimento do outro, teve um peso decisivo para o grupo construir saber numa relação alteritária.

As produções discursivas podem ser alocadas em dois níveis. Em primeiro lugar, destaca-se o elemento surpresa na relação eu/imagem. Em segundo lugar, o sujeito, ao circular no grupo pela imagem, foi despojado de algumas inibições, pois a imagem, aos olhos dos outros participantes, não só representa uma forma de aceitação, como de reconhecimento da condição de existência.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Colocar o sujeito frente à sua imagem constituiu um fator de importância para a elaboração de questões, sendo o processo considerado como elemento facilitador, como ilustram as seguintes passagens:

José – A imagem sempre foi boa, assim no modo de dizer. Geralmente o pessoal fica aqui sentado olhando e fica dizendo: ih! olha lá! Fulano está assim, bertrano tá assado. Eles tentam se expressar naquilo ali. [Reunião 13]

Joyce – A gente tem uma noção do que a gente comenta, a maneira como a gente se expressa a gente está vendo tudo no vídeo. [Reunião 7]

Marcia – Eu prefiro o trabalho com imagem. Porque, quando a gente se vê, vê o que precisa trocar na gente. [Zum, zum, zum, risos. Reunião 9]

Observam-se nestas produções dialógicas a influência do olhar "externo", em termos de seus efeitos positivos para a elaboração de projetos sobre si e sobre o outro. A importância da imagem é a reafirmação feita pelo sujeito de sua constituição pelo outro. Em certo sentido, é provável que haja, por parte do grupo, a comunhão de ideais que somente são explicitados mediante a circulação da imagem, ou seja, tais ideais são alçados à condição verbal. Além disto, a imagem sugere um tipo de identificação de cada um ao outro.

O impacto produzido pelo encontro com a imagem foi bastante mobilizador, a ponto de, como medida defensiva, os participantes adotarem a postura de manter conversas paralelas, na maioria das vezes incompreensíveis.

Este modo de proceder, sugestivo de um momento em que o grupo conviveu com a dificuldade de elaborar algumas condições, pode ser considerado como a necessidade de mudança, revelando, assim, o dito popular *ter que encarar a verdade*, pois a imagem desnuda o sujeito de suas "proteções" defensivas, conforme demonstram as seguintes passagens:

Maria – Com a imagem a gente vê se falou alguma besteira, se falou alguma coisa certa. E, também, porque é muito mais animado, mais interessante. [Reunião 9]

Claudinha – Acho mais legal, porque a gente vê os vacilinhos das pessoa. As pessoas fazendo coisas errados... Eu, por exemplo, só estou balançando aquela perna ali, estou vendo a mania que eu fico. [Risos. Reunião 9]

Antonia – É conforme a moça falou ali, a gente se corrige. E mesmo sobre a fisionomia da pessoa, ajuda, o que é bom. É bom a gente ir se corrigindo. [Reunião 9]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Isabel – A gente pode também guardar uma lembrança da gente, passando todo mundo ali. Quando acabar o grupo? Tem as fitas todas pra todo mundo ver. [Reunião 9]

Sandra – Com imagem a gente se corrige mais. Às vezes a gente está sentado todo esquisito. Se vê na fita e diz: Ah! não! na próxima venho mais bonitinha. [Reunião 9]

Em todas as passagens, constata-se uma modalidade dialógica, reveladora da força com que a imagem opera, seja no enquadramento de atitudes maniqueístas, seja na formação de estereótipos. O contato com o novo é visto como possibilidade de adequação a padrões morais de funcionamento, dada a constante preocupação de correção, no sentido de aproximação da estética cultuada como satisfatória, que é difundida pela mídia. Sendo assim, a imagem registrada funcionou como um operador, mediante o qual cada um se conscientizou daquilo que é, bem como de suas aspirações, o que, sendo objeto de julgamento, revelou o sentido do que, no dito popular, é *certo x errado*. Cabe ressaltar que o padrão *certo* faz ressonância aos modelos difundidos, que são assimilados pelos meios de comunicação, povoando o imaginário e sendo critério de mudanças de atitudes.

Um aspecto interessante a ser ressaltado foi a indicação de que a imagem não só traduz, em concretude, o desconhecido de cada um, como também torna explícito, na maioria das vezes, aquilo que é de difícil controle. Mesmo assim, a necessidade de aperfeiçoamento e melhoria esteve sempre presente. A imagem, como um outro, serviu de parâmetro para a elaboração de medidas a serem empreendidas para se alcançar um ideal desejável de cunho estético, revelando, assim, a relação entre *beleza interior x beleza exterior*.

Deduz-se, portanto, que a positividade do registro da imagem é reconhecida, tanto no sentido da realização de acabamento, como na conservação de fatos memoráveis, ou seja, a experiência grupal é vivida como algo que se quer continuar, dadas as possibilidades de transformação que dela advêm. Não só a continuidade, como também a revivência da experiência, revelando, assim, a modalidade discursiva da *recordação*, como um dos caminhos para ressignificar a experiência e retratá-la num espaço/tempo de modo positivo. Deste modo, a imagem, como recurso que estimula a tomada de consciência, transporta o sujeito de um lugar para o outro e do tempo de viver a experiência para o tempo de elaborá-la.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

A conscientização de mudanças, mobilizada pela imagem, tanto na estética, quanto na melhoria de condições de vida, resultou num discurso que revela a característica *aperfeiçoamento*. Além disto, constatou-se que a imagem mobiliza o diálogo, conforme se depreende das seguintes passagens:

Julia – É porque a gente comenta, fica comentando o que vê na fita. Aí é ótimo. [Reunião 9]

Paula – ... Tem gente aqui que fica impaciente. Não sabe se coça a cabeça [risos]. *Fica preocupada com o que vai aparecer na imagem. Então as pessoas vê umas às outras assim já ficam encarnando umas às outras. Ah! você precisa melhorar isso, você precisa melhorar aquilo!* [Reunião 9]

Marcia – E também divulga o trabalho da senhora. Porque o que adianta a senhora fazer um trabalho, e sair mostrando a fita por aí para ver quem quer ajudar? Como é que eles vão ajudar, se não verem realmente a fita? [Reunião 9].

Observa-se que o uso da imagem teve a função de integrar os participantes, uma vez que viabilizou a possibilidade de trocas e criou condições de os participantes se familiarizarem uns com as circunstâncias de vida dos outros. A participação de cada um teve como mediador um traço de solidariedade, além do que cada participante tomava aquilo que era divulgado pela imagem como prova de verdade.

A credibilidade dedicada à visão do fato exposto em imagens levou os participantes a compartilharem suas opiniões sobre o visto e a se disporem a engendrar medidas (exibir o vídeo em outros lugares), visando à construção de um saber que resultasse em mudança. Neste sentido, o ver teve um peso fundamental para os sujeitos, fazendo ecos ao ditado popular *ver para crer*. Cabe, ainda, ressaltar que o diálogo revelou a positividade da imagem técnica, tanto como um meio para autoconhecimento e transformação, quanto para a produção de evidências inquestionáveis, a tal ponto que o trabalho grupal sobre os efeitos da imagem foi considerado uma necessidade, conforme explicita a seguinte passagem:

Marcia – No grupo da Nayara [a outra psicóloga, que coordena outro grupo] *tem uma colega que quer ficar aqui, porque aqui tem vídeo. Aí ela estava falando que queria ficar aqui porque tem vídeo. Aí ela estava falando, que lá ela* [Nayara] *só fala na palestra dela. Não queria subir de jeito nenhum.* [Reunião 9]

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Ficam, assim, demonstrados os efeitos positivos da integração entre o ver e o falar, indicando a imagem como motivadora para a construção de diálogo, sendo também reveladora do modo de dizer *se é bom pra um, deve ser para os demais*, o que é sugestivo da necessidade de ampliação da experiência, uma vez que a mesma é vislumbrada como abertura para a descoberta de coisas novas, o que é também expresso nos seguintes trechos:

Ana Rita – Para mim, tá bom com a imagem. Fica mais animado assim. A gente não fica só conversando, nem só na palestra. Tem uma coisa pra gente ver diferente. É melhor com a imagem, com o vídeo. [Reunião 9]

Sônia – Eu acho que com o vídeo fica melhor, porque aí a gente pode fazer através do vídeo alguns comentários. Eu acho que com o vídeo fica melhor. [Reunião 9]

Depreende-se, assim, que, para o sujeito, a imagem é um caminho de reencontro necessário à ressignificação de experiências, bem como à possibilidade de destiná-las ao outro, para serem partilhadas. Além da possibilidade da transmissão de saber, há uma curiosidade sobre o destino da imagem aos olhos do outro, conforme se constata a seguir:

Marcia – Florentina, não tira o som não, aumenta um pouquinho, porque vou dar uma entrevista aí. [Reunião 9]

Trata-se de um discurso que revela o interesse em falar, no sentido de que a curiosidade é mobilizada pela crença de que o participante dispõe de um saber a ser revelado, como de utilidade para os demais. A experiência é considerada como exemplar, daí a necessidade de explicitá-la. O apelo ao querer ver-se, além de ser a expressão de um desejo narcísico, revela a necessidade de reconhecimento. Tem-se, assim, a modalidade discursiva de *entrevista*, indicando o desejo de fazer demonstrações, mas também a necessidade de compartilhar com o outro uma experiência e encorajá-lo, dando-lhe voz e inserindo-o na dinâmica dos acontecimentos.

Além do mais, a produção dialógica, em alguns momentos, assume a conformação de um processo em que o acontecer grupal pode ser conservado, por ter sido registrado, não só no sentido da realização de acabamentos, pelos comentários a serem feitos, como também no âmbito do aprofundamento

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

reflexivo, quer dizer, algo pode ser deixado para se pensar depois, revelando, assim, a característica *reflexiva*, conforme se constata nos seguinte trechos:

André – Eu acho que com o vídeo é um trabalho excelente, porque você pode rever qual foi a conversa que foi feita na semana, para ver os problemas. Isso é o que eu acho. [Reunião 18]

José – (...) Eu, toda vez que venho aqui, tento ver o que passou de quando eu não venho. Teve uns tempos aí que eu não vim. Então estava vendo ali que vocês estavam discutindo sobre a imagem. Então estou mais ciente que é pela imagem. [Reunião 13]

Tem-se, assim, uma modalidade dialógica a partir da qual se considera a imagem técnica registrada pelo vídeo como um arquivo de metamemória, ou seja, uma memória pela qual se pode futuramente retomar o acontecimento grupal e ressignificá-lo, num tempo em que já se produziu um saber sobre o mesmo e sobre a participação do sujeito em tal acontecimento. Sendo assim, o diálogo é revelador da positividade da imagem, tanto em termos de trocas imediatas, quanto na possibilidade de construções futuras, de modo que a cada participante é dada a possibilidade de produzir acabamentos provisórios sobre si e sobre o outro, num espaço/tempo contínuo.

O encontro do sujeito com sua imagem resulta na possibilidade de auto-avaliação e de comparação em relação aos demais, a partir de padrões estéticos. A imagem funciona de modo que ao sujeito são fornecidas evidências em relação às quais terá de refletir e também interagir com os demais com comentários para, enfim, modificar-se.

A imagem não é só o veículo capaz de transformar a aparência do sujeito, mas também o mobiliza para refletir sobre as trocas que realiza com o outro, seja por meio de identificações, seja por comparação com os modelos difundidos como ideais na mídia. Eis o que se constata em:

Magali – Oh! Tia! Vou dizer uma coisa para a senhora, tem gente muito mais feia que a senhora que aparece na televisão. A senhora não é feia não. Nenhum de nós é feio. Advinha porque me acho feia? Falta de dente e dinheiro para me cuidar, por isso é que me acho feia. [Reunião 6]

Observa-se, neste trecho, o mecanismo de identificação com o outro, indicando que a imagem técnica, especialmente a televisiva, traz em si aspectos de natureza artificial, pois se trata da construção a partir de determinados padrões de beleza e acessórios materiais. Neste sentido, a imagem transforma, como também transforma aquele que tem acesso à sua própria, revelando, neste caso, a

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

compreensão do dito popular *transformação midiática*, quer dizer, a imagem técnica pode ser manipulada e, assim, produzir aparências diversas de um mesmo sujeito. Em cada uma destas aparências pode ser construído um discurso sobre a virtualidade resultante do processo de transformação.

Encontra-se, ainda, neste discurso, a conscientização da estreita vinculação entre nível socioeconômico e a produção de modelos considerados ideais. Ressalta-se, assim, o poder do capital como sendo determinante na discriminação daqueles que não têm condições de usufruir de atributos que aproximam a imagem do sujeito do suposto ideal de perfeição.

Além da transformação, em que o recobrimento por acessórios deixaria ocultos aspectos que são veiculados na mídia como negativos, a imagem coloca o sujeito diante de traços até então desconhecidos ou mesmo daquilo por que ele não se interessa ou que não quer ver, conforme demonstra a seguinte passagem:

Penha – Você vê até o que não queria ver. [Reunião 19]

Depreende-se desta produção dialógica o poder de captura da imagem, levando o sujeito a, obrigatoriamente, se confrontar consigo mesmo. Tem-se, pois, o que pode ser denominado de a experiência do aprisionamento, visto que a imagem desfaz todos os elos ilusórios de cunho imaginativo. Dito em outras palavras, diante da imagem, o sujeito tem de se ver, revelando, assim, o modo de dizer *ter que encarar*. Neste sentido, a imagem coloca o sujeito em xeque, a ponto de obrigá-lo a captar em si tanto aquilo que nunca pensou existir – e, assim, trata-se de um processo de descoberta – bem como aquilo que não está disposto a ver.

Em se tratando de uma experiência grupal, em que o sujeito pode fazer opção pelo silêncio, no sentido de não se mostrar, caso seja utilizado o dispositivo da imagem técnica, haverá a chance de que este sujeito se veja, mesmo estando calado. Sendo assim, será mobilizado a pensar sobre a dimensão imagética que dele foi capturada. Pode-se, enfim, admitir que, num tipo de acontecimento grupal, registrado por meio de imagens, o uso do vídeo tem uma positividade a ser considerada, conforme se constata no trecho seguinte:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Joana – O vídeo é importante, porque a gente vê a gente falando, como a gente faz, como a gente assiste... aí é importante para a gente sim[20]. [Reunião 5]

Um aspecto importante, detectado no trecho acima, como em tantos outros, concerne à positividade da imagem, no sentido da possibilidade de acabamentos. Não obstante, uma particularidade cabe ser destacada, quando o participante relata, através de provas cabais, uma outra modalidade de ver. Neste sentido, faz a distinção entre o mero exercício da visão, como registro passivo, e um tipo de olhar construído psiquicamente, no qual o sujeito tem participação ativa. Indica, assim, como as coisas podem ser apreendidas pelo olhar, sugerindo que o olho humano, mesmo comparável aos dispositivos técnicos de produção de imagem, mquina fotográfica e câmera de vídeo, produz um tipo de imagem que transcende as propriedades destes dispositivos. Assim, é informado como o sujeito pode participar, ao assistir a um acontecimento. No caso em tela, o participante, quando questionado sobre sua condição de estar na maior parte do tempo de olhos fechados, responde de forma tal que demonstra não só o acompanhamento da situação, como também traz à tona aspectos subjetivos relacionados à sua condição social.

Sendo assim, este modo de interação revela um aspecto do social, condição de vida, verbabilizada a partir da imagem, indicando a característica *carente*, no sentido da precariedade no atendimento das condições mínimas à sobrevivência. A condição em que nada escapa à captura pela imagem pode ser encontrada na seguinte declaração:

Marinalva – (...) Vanusa tem um radar nos olhos que não deixa passar nada. [Reunião 8]

A fala é indicativa da riqueza da imagem, visto que, pela mesma, o sujeito se encontra ante a possibilidade de ser visto pelo outro, como também de refletir sobre si. Há ainda a possibilidade de o sujeito tentar firmar laços identificatórios com o outro, no sentido de ser aceito, o que ocorre pela busca de um olhar. Talvez

[20] Este depoimento é de uma avó, que ficava, praticamente em todas as reuniões, de olhos fechados. Ela é catadora de latinhas (latas usadas de refrigerantes e de cerveja), durante a noite. Quando, um dia, alguém do grupo fez um comentário sobre sua imagem no vídeo, de olhos sempre fechados, ela (a Joana) respondeu que podia repetir a reunião toda, que estava de olhos fechados mas sabia dos assuntos discutidos, sim. E alguém contou a estória de que ela catava latinhas à noite.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

seja este o motivo do olhar poderoso do participante, identificado como um olho acoplado de um radar.

Este trecho revela que, diante de um dispositivo produtor de imagem técnica, é impossível o sujeito não se ver. Deste modo, o vídeo confere presença e visibilidade, sendo, por isto mesmo, um meio de intervenção: a imagem obriga o sujeito a pensar sobre si e construir saber.

Encontra-se nesta forma dialógica o típico modo de falar *não adianta fingir*, indicando ao sujeito que, uma vez capturado pela imagem, não há escapatória. Quer dizer, mesmo que o sujeito não queira ver sua imagem, em algum momento ele foi visto. Trata-se, assim, de uma positividade, que tem valor para o sujeito repensar suas condições de vida, conforme expressa a passagem seguinte:

Magali – Depois que terminar, quando a gente parar de pegar o leite aqui, será que tem como a gente ganhar uma lembrancinha para guardar sobre isso, não? Eu vou dizer a verdade. Se eu tivesse condições, eu comprava um monte de flor para dar para vocês guardar e se lembrar. Uma lata de leite a gente não pode guardar, o vídeo também a gente não pode levar para casa. [Reunião 6]

A modalidade dialógica acima sugere o valor estimado da experiência com a imagem, a ponto de o sujeito revelar-se, motivado pela vontade de ver-se novamente. O interesse em conservar o momento de encontro com a imagem indica como uma materialidade (imagem técnica) faz parte da interioridade. Além disto, há, também, em função da imagem, o desejo de obter bens materiais, como lembranças, o que pode ser interpretado como sendo representativo de uma experiência subjetiva.

O vídeo pode, então, ser considerado como uma metamemória, à medida que, a partir de uma materialidade, possibilita ao sujeito tomar contato, posteriormente, com aspectos seus até então desconhecidos, como também ressignificar algo da ordem do vivido. Sendo assim, o uso da imagem técnica tem como propriedade integrar forma e conteúdo; materialidade e espiritualidade, beleza física e beleza interior; projetos, expectativas e ações externas, entre outros.

Tem-se, assim, esta modalidade discursiva da característica *recordação*, no sentido de que algo pode ser conservado, revisto e reconstruído. A positividade referida diz respeito à possibilidade de ressignificar uma experiência

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

qualitativamente boa, bem como de realizar acabamentos provisórios em aspectos considerados indesejáveis.

A imagem pode suscitar reações diversas no sujeito, que vão desde a perplexidade até o vivenciar de fortes emoções. Sendo assim, recobre-se de um valor significativo para que o sujeito, de posse das informações obtidas, disponha de condições para repensar a si próprio e, fundamentalmente, a posição que ocupa no processo de interação com o outro. Além disto, cabe assinalar que a imagem é também criadora de condições, representando, assim, a possibilidade de inovação, visto que o sujeito pode engajar-se num processo de reconstrução, munindo-se daquilo que a imagem técnica lhe oferece. Em outras palavras: a imagem faz o sujeito produzir vários modos de inserção, conforme se depreende de:

Mara – Para mim é uma emoção, porque nunca pensei na minha vida um dia chegar na televisão, mesmo assim, através do vídeo. Nós que somos mais da antiga, nunca pensamos que íamos chegar numa idade de ver as coisas que a gente até não esperava. A gente é da época que não existia televisão, até um rádio era difícil. Fico assim imaginando... Ah! meu Deus! como é que as coisas evoluíram tanto e chegaram a esse ponto, né? A gente, numa comunidade carente, ter uma fita, um aparelho de TV e poder se ver num grupo. A gente se vê, vê os vizinhos e os que não são vizinhos. A gente se encontra e se conhece. Para a minha idade, eu acho uma coisa superbacana. [Reunião 7]

A modalidade dialógica é construída pela reflexão sobre as inúmeras mudanças ocorridas nos hábitos e nos costumes, registradas mediante o uso de dispositivos produtores de imagem técnica, o que é reconhecido como o avanço e o progresso da tecnologia. Não somente são constatados a positividade da imagem técnica e os mecanismos destinados a produzi-la, como também ela propicia a interação, pelo encontro entre as pessoas. Acrescente-se a isto que o uso da imagem técnica possibilita e favorece a produção de conhecimento, dando condições ao sujeito de se conscientizar de seu papel, no que diz respeito às ações empreendidas numa comunidade. Cabe também situar a possibilidade de o sujeito refletir sobre sua responsabilidade e a responsabilidade do outro, na construção de um projeto coletivo, destinado a produzir condições de vida mais digna.

A conscientização da responsabilidade e da necessidade da construção de um projeto coletivo reflete-se numa atitude ética. Registre-se, também, a indicação de uma vivência em termos de satisfação, ante a possibilidade de o grupo usufruir de uma experiência mediada pela tecnologia, o que resulta em

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

encantamento, satisfação e gratidão. O diálogo, então, revela a característica *evolução dos tempos*, no sentido do progresso, visto pelo uso positivo da tecnologia. O aspecto positivo da imagem técnica concerne ao recurso da visibilidade, o que se reflete no sujeito em termos de uma conscientização de acabamentos e de captação de si mesmo em ângulos nunca dantes imaginados, conforme ilustra exemplarmente o trecho seguinte:

Geraldo – Eu acho até demais, porque essa presença aí é mais do que a minha. Aí, tô vendo tudo. [Reunião 8]

Este fragmento traduz, em letras capitais, um estado de arrebatamento, vivido como o êxtase, em função do reconhecimento que teve lugar a partir do momento em que passou a presentificar-se no mundo das imagens. A existência, enquanto imagem, reverteu-se para o sujeito numa experiência ímpar de significação positiva da vida, indicando, assim, não só o poder da imagem técnica em colocar o sujeito num destaque em relação aos demais, como também o reconhecimento da autoridade e da autonomia deste dispositivo.

A experiência vivida traduz-se na constatação de que a imagem técnica contém uma presença marcante, em comparação com aquela que se produz nas ações cotidianas, caracterizadas fundamentalmente pelo "ofuscamento". Neste sentido, os valores considerados importantes são aqueles veiculados pela mídia, relegando a um segundo plano o valor das trocas nas relações em presença do outro. Fica, assim, constatado "o império das imagens", pelo qual o sujeito é capturado, vivendo a sensação de um aprisionamento, pelo fato de dispor de poucas alternativas, além daquela que se viabiliza através da imagem.

Destaca-se, neste discurso, o *slogan imagem é tudo*, indicando a onipotência deste dispositivo técnico sobre o sujeito e seu poder de transformação, a ponto de produzir mobilização e forçá-lo a ver e ser visto. A imagem técnica conclama o sujeito a uma ação (ver), elevada ao topo de importância em relação a outras ações, quando estas são esquecidas ou interrompidas.

A imperiosidade da imagem, ao mostrar a realidade "nua e crua", reveste-se de exigências e cuidados necessários a uma transformação para o sujeito atingir o modelo difundido como ideal, conforme se depreende das seguintes passagens:

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

Marcia – Eu vejo que estou muito mais gorda. [Risos] *Vejo os pneuzinhos do lado.* [Risos] *Aí tenho que ver que tenho que entrar numa dieta aí.* [Reunião 8]

Beta – Essa daqui [apontando para a amiga ao lado]*, cortou o cabelo depois que viu aí na imagem que ele estava muito alto.* [Reunião 6]

Marina – Sem o vídeo, as pessoas vêm de qualquer jeito e com o vídeo vêm mais arrumadas. Teve uma pessoa aqui que eu não vou falar quem é, olhou e falou assim: puxa! Como eu estou feia! Semana que vem venho mais bonitinha, pra eu aparecer melhor. Não é verdade? [Reunião 7]

Encontra-se, nestas produções dialógicas, não só a posição de enfrentamento em relação a aspectos que devem ser mudados, como também a confirmação de que o encontro com a imagem teve por função produzir mudanças. De um modo ou de outro, a imagem reveste-se de um imperativo, como a força propulsora para a tomada de atitudes com vistas à mudança e para a ação efetiva de mudar.

Constata-se, ainda, a possibilidade de a imagem fornecer ao sujeito a conscientização vigente, transmitida pela estética midiática. E também a veiculação de informações sobre a transformação de condições pessoais em padrões aceitáveis, em termos de beleza ou de saúde.

A imagem tem o poder de produzir no sujeito a idéia de que é necessário mudar, revelando, assim, neste diálogo, a importância da *informação*, no sentido da obtenção de conhecimentos necessários à construção de novos valores.

A possibilidade de construção, pelo conhecimento obtido pela imagem, como a comparação entre um estado do agora e um do antes, é esboçada no seguinte fragmento:

Cristina – Ah! gente, eu achei que naquele dia eu estava com muita energia. Que loucura! Eu me vendo na TV. Acho que me senti fazendo uma reportagem por um dia. [Risos] *Aí você se vendo, você vê que loucura! Pedir, pedir não, quase implorar para ver se algumas pessoas falam, porque falar é também importante. Teve muitas pessoas que participaram, vocês até me ajudaram, eu até fiquei emocionada de ver. É um mínimo trabalho, mas gostei de ver.* [Reunião 11].

Tem-se uma modalidade dialógica, construída pela atividade reflexiva realizada em torno da imagem, o que se traduz numa apropriação que o sujeito faz de si mesmo, considerando comentários vindos do outro, quando tem lugar a intervenção da imagem técnica. Configura-se, assim, um jogo de trocas recíprocas, através do qual o sujeito se transforma, ao receber provisões de si,

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA

vindas do outro, como também possibilita ao outro transformar-se, à medida que lhe oferece também provisões.

O ver e o ser visto, como propiciadores de conhecimento dos obstáculos e das facilidades, podem ser observados em função do uso da imagem técnica no processo de interatividade do eu com o outro. Além disto, é possível haver a tomada de consciência acerca da integração entre imagem e palavra, quando tem lugar o processo de transformação. Neste sentido, o outro é reconhecido, em sua alteridade, como capaz de ser integrante ou co-participante de uma experiência subjetiva. Há, ainda, em termos de importância, o destaque da função das microintervenções, operadoras no âmbito da experiência inter-subjetiva.

O discurso apresenta-se no típico modo de dizer *repórter por um dia*, no sentido de pesquisar alternativas para questões do sujeito, além da oportunidade de convocá-lo a produzir saber e enfrentar suas reais condições, como ilustra a seguinte passagem:

Penha – Eu não gosto de me ver não, estou sempre no canto, acho que não fico bem, não sou bonita. Mas gosto de ver as pessoas conversando, falando sobre as imagens, eu acho ótimo. [Reunião 6]

Tem-se uma produção dialógica, na qual o sujeito parte do enfrentamento a um aspecto de si, revelado pela imagem técnica. Há, de um lado, o temor em ver-se, devido à construção de uma apreciação negativa de si, formulada através da imagem, e, de outro, o estado contemplatório prazeroso da curiosidade em ver os demais. Nisto se constata a conscientização, pelo sujeito, de que sua imagem, produzida pelo dispositivo técnico, não se enquadra nos parâmetros do ideal de ser, ou seja, a imagem de si não é apreciável, uma vez comparada com aquelas que são veiculadas na mídia, consideradas como belas.

Há, na produção dialógica, uma indicação de um estado depreciativo da imagem de si, produzida pela técnica e também uma atitude de desencorajamento, revelada no dito popular *não adianta fazer nada*, sugerindo o distanciamento e a desistência do sujeito, no sentido de engendrar alternativas para mudanças em relação à estética, mas não em relação à possibilidade de partilhar de acontecimentos da vida, mesmo que, ironicamente, seja através de imagens.

PUC-Rio - Certificação Digital Nº 9916799/CA